

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO JORNALISMO

FERNANDA CASALE SARTOR DE OLIVEIRA

RELIGIÕES REVISTAS
*Subsídios para uma abordagem entre jornalismo e religião.
Da hegemonia católica ao recente budismo brasileiro.*

CURITIBA
2011

FERNANDA CASALE SARTOR DE OLIVEIRA

RELIGIÕES REVISTAS

*Subsídios para uma abordagem entre jornalismo e religião
Da hegemonia católica ao recente budismo brasileiro.*

Monografia apresentada como requisito parcial para graduação no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: José Carlos Fernandes.

CURITIBA
2011

TERMO DE APROVAÇÃO

FERNANDA CASALE SARTOR DE OLIVEIRA

RELIGIÕES REVISTAS

*Subsídios para uma abordagem entre jornalismo e religião
Da hegemonia católica ao recente budismo brasileiro.*

Monografia apresentada como requisito parcial para graduação no curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná. Banca examinadora:

Orientador: José Carlos Fernandes

Membros: Jair de Oliveira
Márcio Luiz Fernandes

Curitiba, 13 de dezembro de 2011.

RESUMO

O lugar que a religião ocupa na imprensa brasileira é instável. Este trabalho tem por finalidade servir de base para estudos futuros sobre a relação entre os meios de comunicação impressos e a religião. Para isso, conta com um estudo sobre os marcos da cobertura religiosa no país desde o início do século XX, com *Religiões do Rio*, passando pela revista *O Cruzeiro*, revista *Realidade*, revista *Planeta* até os dias de hoje, com a análise específica do Budismo na revista *Vida Simples*.

Palavras-chave: Religião; Imprensa brasileira; Budismo.

ABSTRACT

The place religion takes in Brazilian press is unstable. This work's object is to serve as a basis for further studies about relations between written media and religion. Thereto, counts with a study about the outstanding written press coverage about religions in the country since the beginning of the 20th Century, like the magazines *Religiões do Rio*, passing through *O Cruzeiro*, *Realidade*, *Planeta*, until nowadays, including the specific analysis of Buddhism in "*Vida Simples*".

Keywords: Religion; Brazilian Press; Buddhism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Participação de católicos na população de 1872 a 2009.	13
Gráfico 2: Participação da população de 1872 a 2009.	14
Tabela 1: Religiões nos estados brasileiros.	16
Tabela 2: Religiões e escolaridade.	17
Gráfico 3: Budismo no Brasil.	25
Figura 1: Chico Xavier em <i>O Cruzeiro</i>	36
Figura 2: Capa de <i>O Cruzeiro</i>	37
Figura 3: Capa de <i>O Cruzeiro</i>	38
Figura 4: Fotos relacionadas ao Budismo em <i>O Cruzeiro</i>	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. RELIGIÃO	8
2.1. Religião e cidade.....	13
2.2. Religião e consumo.....	17
3. BUDISMO	21
3.1. Um pouco da história de Buda Sakyamuni	24
3.2. Budismo no Brasil	25
3.2. Dados do budismo	27
4. JORNALISMO E RELIGIÃO	29
4.1. Marcos históricos	30
4.1.1 Religiões no Rio.....	30
4.1.2. Revista <i>O Cruzeiro</i>	33
4.1.3. Revista <i>Realidade</i>	40
4.1.4. Revista <i>Planeta</i>	43
4.2. Revista <i>Vida Simples</i>	47
5. CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	59

1. INTRODUÇÃO

A redação de jornal preza pela notícia factual, pela rapidez, pela pouca profundidade das matérias. Desde que a redação jornalística se tornou uma indústria é assim, e atualmente com a diversidade de fontes de informação, essa emergência aumentou. Com isso, um tema tão complexo e vital como a religião disputa um espaço, que ainda não encontrou.

A religião possui a paixão como a presente no caderno de esportes e a sensibilidade estampada no caderno de cultura, porém não se encaixa em nenhum dos dois. Resta o cotidiano, a variedade, que então se restringem a cobrir os fatos ligados a religião, como um escândalo em alguma igreja ou a vinda de um líder religioso ao Brasil. Exemplos são a prisão dos donos da Igreja Renascer por desvio de dinheiro e a cobertura da vinda do Papa João Paulo II e do líder tibetano Dalai Lama.

No pouco espaço que ela encontra fora do factual, a religião é tratada pelo exótico, pelo fantástico, pelo curioso e menos pelo fenômeno em si. Externo a isso, uma religião específica conseguiu encontrar seu nicho: o budismo.

O budismo conseguiu encontrar seu lugar na imprensa brasileira por estar relacionado a uma forma de lidar com a vida, por ser considerado por muitos uma filosofia e ser, de certa forma, neutra. Mais próxima dos leitores classe AB, a “filosofia” budista não cria problemas para leitores católicos, evangélicos e ateus.

Para tentar desvendar um pouco a relação entre religião e jornalismo, este trabalho propõe alguns estudos que resolvam esse impasse. Primeiramente, é apresentado o lado antropológico da religião, seguido pela explanação do budismo, com elementos do porquê ele poderia ser um canal de debate desse assunto.

Em seguida, alguns marcos de cobertura em religião foram analisados desde o início do século XX, a começar pelas crônicas de João do Rio em 1904, passando pela revista *O Cruzeiro*, depois a revista *Realidade*, a revista *Planeta* para enfim chegar à revista *Vida Simples*. Nessa trajetória, é colocada de que forma a religião foi exposta nos veículos impressos.

A escassez de referências bibliográficas específicas sobre o assunto despertou a ideia de fazer uma análise de conteúdo de algumas matérias relacionadas com religião de cada revista. A escolha das revistas deu-se pela

importância que tiveram no momento histórico e a revista *Vida Simples* pela sua ampla utilização de teorias orientais, sendo o editorial ligado em tratar a vida de forma simples.

É importante ressaltar que o trabalho não tem um cunho teológico. A teoria religiosa e o budismo serão vistos de maneira suficientes para embasar o trabalho acadêmico. Essa monografia é vista como um estopim para pesquisas futuras, no que tange o assunto religião, pouco explorado pela imprensa brasileira.

O descobrimento de algo novo, as entranhas dessa relação pouco explorada e o desejo de servir de referência para futuras pesquisas são os ingredientes dessa monografia.

2. RELIGIÃO

O estudo da religião é um terreno instável – milenares, muitas delas exigem longas preleções teológicas e conhecimentos com alto grau de especificidades. Talvez resida no patrimônio das religiões, a timidez do jornalismo em colocá-las no seu repertório de pautas. Mas, para todo e qualquer campo de estudo, é possível pensar a religião como fenômeno, evitando o juízo de valor sobre esta ou aquela crença.

Para tanto, cabe recorrer às obras do teólogo protestante, educador e psicanalista Rubem Alves por ter explorado a antropologia da religião e sido pioneiro no Brasil nos estudos sobre a “filosofia do corpo”, questão de fundo da Teologia da Libertação¹, corrente que em muito contribuiu, a partir da década de 1970, para que a religião saísse de seus núcleos teológicos específicos e se tornasse uma discussão popular, em especial no campo político.

No mais, a abordagem fenomenológica da religião a torna mais acessível, menos dogmática, e inclui o rol dos grandes temas da atualidade. Este capítulo irá tratar da imaginação religiosa, da necessidade da religião, dos símbolos como intermediário da fé, assim como da experiência religiosa.

É de Alves (2008) uma metáfora bem ilustrativa. Cinco cegos tocaram em um elefante. O primeiro agarrou o rabo e ficou encantado. O outro, a perna, ficando igualmente seduzido. O terceiro apalpou o lado do elefante – o seguinte, as orelhas, estando ambos maravilhados. E o último segurou a tromba. Depois que o elefante se foi, eles começaram a conversar. O primeiro disse “Quem diria que o elefante é como uma corda”. “Coisa nenhuma, é como uma palmeira”, disse o segundo. O terceiro: “Vocês estão loucos, o elefante é como um muro muito alto”. O quarto, “é claro que o elefante é como uma ventarola”. Finalmente o quinto disse “o elefante é como uma corda enorme”. Sem se entenderem, eles se separaram e criaram seitas religiosas. A seita do deus da corda, a seita do deus palmeira, a seita do deus

¹ Teoria cunhada desde a década de 1960 por – entre outros – Leonardo Boff e Rubem Alves, tem expressividade na América Latina. Consiste em fazer uma releitura dos preceitos católicos em favor dos pobres e das classes oprimidas. Atualmente, existe uma Teologia da Libertação para vários tipos de opressão, como Teologia da Libertação feminina, negra, índia, ecológica... Boff (2007), lista que primeiramente a Teologia da libertação é prática, com o engajamento social, os estudos aprofundados, pastorais sociais, leituras populares da Bíblia, surgindo um novo modelo de igreja. É o estudo dos dizeres bíblicos sob a luz do método marxista.

parede, a seita do deus ventarola, a seita do deus cobra, “Assim são as religiões” (ALVES, 2008, p.189).

Para Alves (2008), as religiões são construídas de acordo com a concepção e interpretação que cada pessoa tem do mundo. São criações do homem. A religião não nasceu para explicar fenômenos nem por um motivo místico, mas sim para criar outra realidade na qual as pessoas possam viver seus sonhos e desejos não realizados, quando não, oprimidos. O autor entende desejo, no seu sentido filosófico, como “sintoma de privação, de ausência” (ALVES, 1981, p.18), o que em antropologia cultural corresponde a uma espécie de estímulo para criar a cultura, de modo a preencher, com ela, os espaços vazios da existência.

A compreensão da religião como expressão da ausência e do desejo encontra eco em uma gama de autores, de Freud aos existencialistas. Bubber (2007) coloca a religião nessa esfera, na qual ela é considerada um peso à sociedade moderna e utiliza-se de Sartre para afirmar:

Noutras palavras: o existencialismo tem de criar coragem, tem de abolir a necessidade religiosa, que já não convém ao nosso tempo, tem de deixar de lado a busca de Deus, tem de ‘esquecer’ Deus. O homem, depois de uma crise de séculos, tanto da fé quanto da ciência, tem de finalmente recuperar a liberdade criadora que um dia ele transferiu para Deus e se reconhecer como o ser cujo aparecimento faz com que o mundo exista. (SARTRE in BUBBER, 2007, p. 32).

Alves (1984, p. 34) lida com o impasse da alienação religiosa mostrando-a mais como resposta aos dilemas do mundo do que como escapismo. “Religião é o produto de uma sociedade irracional e opressiva, um conjunto de ilusões necessárias para que o homem possa suportar as correntes que o escravizam”. Freud e Comte (in Alves, 1984) concordam que a religião se encontra nos estágios primitivos do ser humano e a assumem como um elemento de fantasia.

Para Freud, o homem deveria negar seus desejos, reprimi-los. Mas não é isso que ocorre. O ego se recusa, e constrói um mundo em que seus desejos e valores se tornam verdade, inicia-se o mundo da imaginação. “A função da imaginação é realizar o irrealizável, possibilitar o impossível” (ALVES, 1984, p. 49).

É essa fantasia que determina o homem. “Não são os fatos que determinam sua (homem) maneira de ser, mas sim os fatos transfigurados pela emoção” (ALVES, 1984, p. 49). Fantasiamos aquilo que desejamos e passamos a viver nessa realidade criada, que supre nossas necessidades e nos tira da repressão da

civilidade. “É neste nível que encontramos as origens da religião: o conflito entre o projeto inconsciente de ego de encontrar um mundo que possa ser amado, e a dura realidade do mundo objetivo, que ignora totalmente as exigências do coração” (ALVES, 1984, p. 52).

Que é então a religião? “Ela é uma expressão social desta ilusão (homem primitivo e desejo), uma forma de infantilismo, a neurose obsessiva da humanidade” (ALVES, 1984, p. 34). A religião é uma invenção de cada um como forma de evasão de um mundo real, fruto da criatividade, do desejo e do momento histórico em que se encontram. O ser humano também é capaz de adaptar uma experiência religiosa a sua realidade, retirando-a de um contexto e colocando-a em outro diverso, em concordância com seu desejo. Também há de se inventar novas religiões, ou olhar para algumas antigas com “outros olhos”. Tudo isso garante a sobrevivência da religião.

Para Alves (1984, p. 42), “a consciência religiosa é uma expressão da imaginação”, sendo a imaginação “a forma mais fundamental de operação da consciência humana” (ALVES, 1984, p. 42). Por isso, as análises institucionais da religião serão sempre incompletas, já que as instituições religiosas são parte do protesto religioso.

Eliade (1986, p. 13), que também pensa o campo da imaginação religiosa, mas de modo a perceber melhor a realidade, coloca: “A consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado”. Através do sagrado, as pessoas conseguiram distinguir o que é real e o que é volátil. Para ele, a vida humana é pautada pelo religioso, ser um homem significa ser religioso. “Nos mais arcaicos níveis de cultura, viver como ser humano é em si um ato religioso” (ELIADE, 1986, p. 13).

A contraposição entre Eliade e Alves aponta para os antagonismos que rondam o fenômeno religioso. As pessoas precisam de uma condução do bem e do mal, algo que consiga direcionar a vida. A religião nasce também para isso, ‘não farei isso senão vou para o inferno’. Uma pessoa agnóstica pode sentir a falta de um direcionamento assim. Ao mesmo tempo, isso determina a vida do indivíduo, ele pode fazer algo por ser ‘certo’ de acordo com os preceitos que ele segue.

Por exemplo, na religião católica acredita-se em Deus piedoso, que ama a todos, os que o amam e os que não O reconhecem. Essa premissa traz consigo uma série de indagações, apontando o campo de contradições da fé. Mas por que

então existe a miséria? Por que uns têm uma vida melhor que o outro? Será porque um o ama e o outro não, então ele é realmente piedoso? E se Deus for uma pessoa má? Se ele realmente escolher quem deve se dar bem e quem deve sofrer? Como seria o maior símbolo da religião não ser a idealização do que se considera 'o bem'?

Quanto aos símbolos, são tão presentes e necessários que desmistificá-los é inaceitável para os crentes. “O que fica, para mim, cada vez mais claro é que, na prática, o surgimento de Jesus enquanto Deus ensejou o que haveria de se tornar a Teologia Cristã. Em outras palavras, desde o início, Jesus Cristo não era Yeshuá, mas um Deus teológico, e não humano” (BLOOM, 2006, p. 17).

Para entender a religião é necessário que se tenha consciência do seu momento de experiência religiosa. As instituições

Nada mais são que fósseis de uma experiência religiosa que há muito desapareceu. Por força do próprio poder de inércia continuam a habitar o mundo social, a ocupar espaços e a falar de deuses e demônios, mas os seus símbolos deixaram de ser expressões de qualquer experiência vivenciada no presente. É este processo de distanciamento progressivo das instituições, centrífugo, para longe das experiências que lhe deram origem, que explica o inevitável envelhecimento dos deuses e a progressiva perda de significação da linguagem religiosa, outrora carregada de conteúdos emocionais. (ALVES, 1984, p. 41).

Esse vácuo leva o homem a experiências contraditórias, de ao mesmo tempo continuar a cultuar esses deuses, mas também a procurar outros deuses que “corporifiquem” as suas experiências de vida. Essa busca que expandiu religiões, antes menores, a adquirirem mais força e poder no ocidente.

Eliade (1986) coloca que algumas citações relativas à religião só são entendidas depois. Ele coloca que as crises levam a ideias religiosas, que as tradições se renovam dos conceitos nascidos de crises profundas.

Basta-nos lembrar do caso da Índia, onde a tensão e o desespero desencadeados pela desvalorização religiosa do sacrifício bramânico suscitaram uma série de deslumbrantes criações [uma delas o budismo] cada qual constituindo na verdade uma resolução distinta e audaciosa da mesma crise. (ELIADE, 1986, p. 14).

Para Alves (1984), a religião não foi criada para explicar o mundo, como pensam Freud e Marx, até porque, de acordo com essa explicação, em algum momento a religião seria substituída pela ciência. A ciência descreve o mundo que a religião almeja, utopicamente, transcender. “A linguagem científica pretende

descrever o mundo. A linguagem religiosa exprime *como* o homem vive, em relação ao mundo” (ALVES, 1984, p. 53).

A religião passou a ser usada para explicar fenômenos aparentemente inexplicáveis. Com o advento da ciência e a expansão do positivismo, ocorre um “desencantamento do mundo” (ALVES, 1984, p. 36). A teologia não era mais necessária para explicar o mundo, um fenômeno antes explicado em tom místico, agora é comprovado através de leis.

Quando tudo parecia matar a religião, surgem novos deuses e novas explicações místicas. O fascínio pelas religiões orientais e cultos de feitiçaria realimentam a religião.

A religião entendida como forma de evasão e sendo usada, também, para explicar fenômenos do mundo, ainda não a define. Alves (1984) fala do belo para tentar delimitar religião.

A beleza não consegue ser explicada por meio de palavras. Elas são úteis para descrever objetos, mas não experiências ou sensações. Como se explica uma sinfonia de Vivaldi ou um quadro de Van Gogh? “O belo vem a existir quando o sujeito é levado a *vibrar*, emocionalmente, em resposta ao objeto” (ALVES, 1984, p. 38). O belo então é uma relação, uma ligação do Eu com um mundo.

Muitos dos fenômenos religiosos nos apresentam ‘coisificados’, como se fossem objetos. “Há mitos que se cristalizaram, ritos que se solidificaram, instituições que se chamam religiosas e linguagens que falam acerca dos deuses” (ALVES, 1984, p. 38). Tal qual o belo, “a essência da religião não é um objeto, mas uma relação” (ALVES, 1984, p. 39).

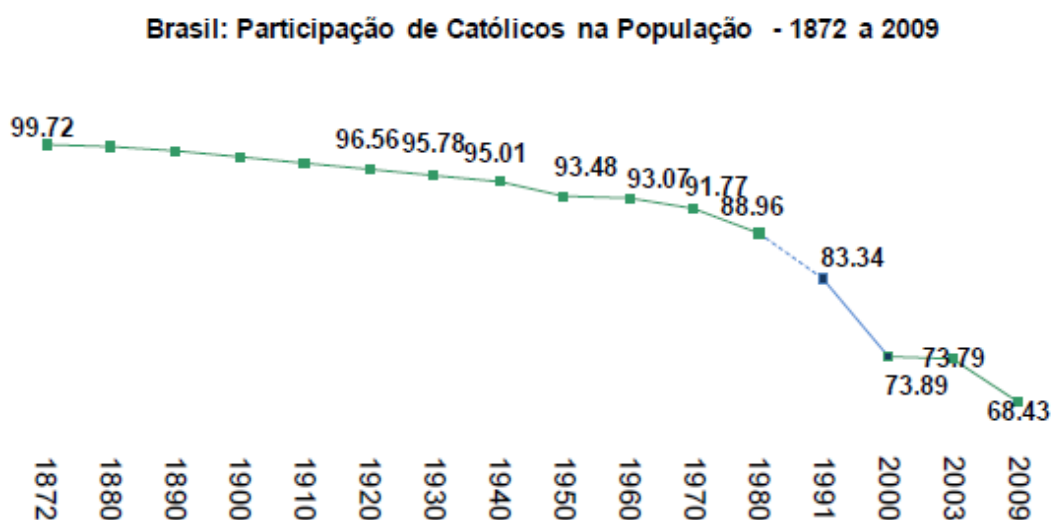
O *Livro das religiões* (GAARDER, 2005), divide a religião em três categorias, que acabam coincidindo com as categorias de sociedade. Religiões primais, religiões nacionais e religiões mundiais. As primeiras são as religiões primitivas, que acreditam no culto aos antepassados e na crença que deuses e espíritos controlam o cotidiano. A segunda são religiões históricas que não existem mais hoje, como a germânica, grega. A última são as religiões universais, elas foram criadas por profetas (Moisés, Buda, Lao-Tsé, Jesus e Maomé).

Tudo isso mostra que as religiões vieram para potencializar e de certa forma realizar desejos, proporcionar um mundo ideal para embasar a vida do ser humano.

2.1. Religião e cidade

O fenômeno religioso pode ser observado na esfera territorial não só através dos índices de adeptos das religiões, mas na disposição religiosa em grandes centros urbanos.

Percebe-se que o catolicismo está em queda no Brasil, conforme Gráfico 1. De acordo com o último dado da Fundação Getúlio Vargas, em 2009 eram 68,43% contra 99,72% em 1872.



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

Gráfico 1: Participação de católicos na população de 1872 a 2009.

Fonte: NERI, 2011, p. 7.

O que acontece com o catolicismo é um sinal de mudança profunda, e de uma transformação do perfil religioso brasileiro. Antes a religião católica era hegemônica, não se consideravam outras religiosidades nem mesmo uma antirreligiosidade. Atualmente isto muda, com a expansão de outras crenças, como os evangélicos e as orientais, e com a exposição maior dos ateus, antes comedidos pelo imperativo do catolicismo.

Com outras opções, o número de evangélicos aumentou no mesmo período, assim como as “outras religiões”, conforme Gráfico 2. Já os “sem religião” descem alguns pontos, mas sobem para 6,72% em 2009.

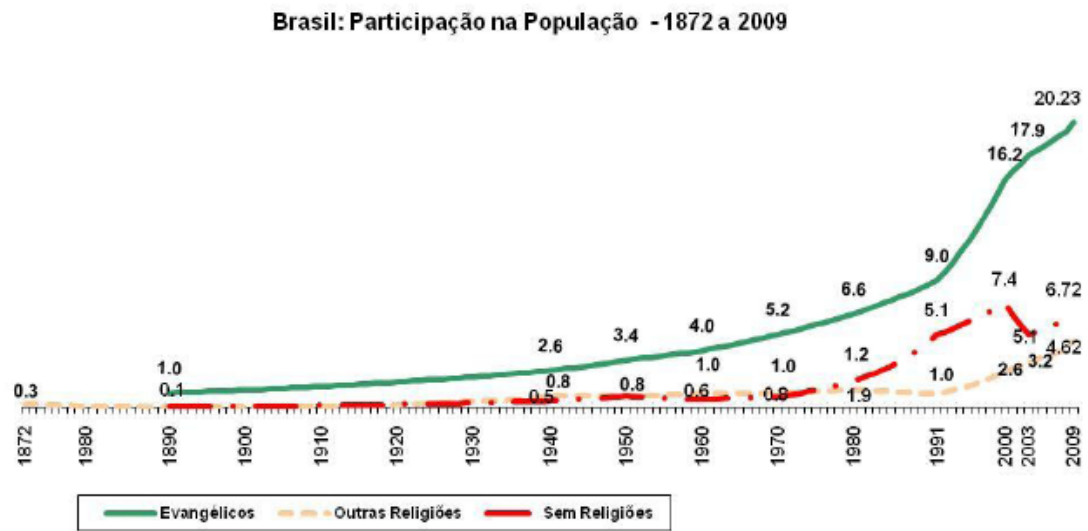


Gráfico 2: Participação da população de 1872 a 2009.
Fonte: NERI, 2011, p. 8.

Um dos motivos dessas mudanças é a urbanização, que propiciou que novas religiões florescessem nas cidades. A religião não precisou do centro urbano para aparecer, pois já era manifestada nos primórdios, quando o imperativo era a sobrevivência. Porém, nas aldeias a religião era mais coerciva, respeitava os ritos dos ancestrais, bem como suas hierarquias. Na cidade isso muda. A figura do estrangeiro, sem uma família, sem ancestrais que o delimitassem aparece em um entroncamento de ideias que é a cidade. Para Magnani (apud Mafra; Almeida, 2009, p. 22) o que constitui a cidade são as diferenças e o sincretismo religioso é uma delas.

A lista parece não ter fim: em cada canto da cidade é possível encontrar uma espécie de oásis, discreto ou bem visível que, no meio da agitação característica da vida urbana, oferece uma pausa propícia ao recolhimento, à oração silenciosa, ao encontro com alguém disposto a ouvir, a dar um conselho, fazer uma imposição de mãos ou conduzir um trabalho corporal para realinhar os 'chakras'. (MAGNANI apud MAFRA; ALMEIDA, 2009, p. 20).

Os espaços geográficos determinam os locais religiosos de uma cidade. Por exemplo, normalmente em bairros de classe média – há o estímulo ao desenvolvimento pessoal e à busca por uma nova espiritualidade – sem a necessidade de adesão ou exclusão.

O exemplo mais conhecido é o do católico que procura, principalmente quando enfrentado com perdas de família, centros espíritas em busca de contato com o espírito morto, por meio de mensagens psicografadas; outro caso é da iaô que costuma completar a cerimônia de iniciação ao seu orixá assistindo a uma missa católica e recebendo a comunhão ou, ainda, de membros de diferentes credos ou mesmo de não crentes que não hesitam em recorrer à cartomante, ao jogo de búzios, ao astrólogo em busca de alguma certeza em momento de dúvida ou sofrimento. (MAGNANI apud MAFRA; ALMEIDA, 2009, p. 25).

A quantidade de religiões que antes era um fator desagregador, agora é diálogo. A concha de retalhos que abriga diversas crenças e concepções religiosas é considerada, conforme Magnani (apud Mafra; Almeida, 2009, p. 25) uma “religião pós-moderna”, ressaltando a onda de exotismos.

O budismo é enquadrado em “outras religiões” ou “orientais”. O quadro abaixo mostra que as cidades mais desenvolvidas do país têm os índices mais altos de religiões orientais/asiáticas. As cinco primeiras cidades somam, juntas, uma quantidade de budistas maior que no resto do país inteiro, de acordo com a Tabela 1. São 2,71% contra 2,05%, respectivamente. Mesmo consideradas as proporções populacionais, pode-se dizer que em cidades mais desenvolvidas, o budismo conseguiu se proliferar melhor.

Rankings	Orientais ou Asiáticas	Rankings	Outras
UF		UF	
1 São Paulo	0.78%	1 Roraima	6.17%
2 Rio de Janeiro	0.69%	2 Pernambuco	4.25%
3 Distrito Federal	0.52%	3 Rio de Janeiro	3.62%
4 Mato Grosso do Sul	0.38%	4 Distrito Federal	3.57%
5 Paraná	0.34%	5 Rio Grande do Norte	2.93%
6 Roraima	0.33%	6 São Paulo	2.63%
7 Mato Grosso	0.28%	7 Amazonas	2.61%
8 Rio Grande do Sul	0.27%	8 Sergipe	2.38%
9 Piauí	0.18%	9 Mato Grosso do Sul	2.25%
10 Santa Catarina	0.12%	10 Minas Gerais	2.10%
11 Minas Gerais	0.12%	11 Paraná	2.05%
12 Amapá	0.11%	12 Bahia	1.98%
13 Pará	0.10%	13 Alagoas	1.93%
14 Amazonas	0.08%	14 Tocantins	1.83%
15 Bahia	0.08%	15 Paraíba	1.74%
16 Acre	0.08%	16 Piauí	1.72%
17 Goiás	0.07%	17 Espírito Santo	1.61%
18 Pernambuco	0.05%	18 Ceará	1.53%
19 Espírito Santo	0.04%	19 Rondônia	1.44%
20 Maranhão	0.04%	20 Acre	1.41%
21 Rio Grande do Norte	0.03%	21 Goiás	1.31%
22 Ceará	0.03%	22 Santa Catarina	1.26%
23 Alagoas	0.02%	23 Mato Grosso	1.23%
24 Tocantins	0.02%	24 Maranhão	1.19%
25 Rondônia	0.00%	25 Pará	1.17%
26 Paraíba	0.00%	26 Rio Grande do Sul	1.15%
27 Sergipe	0.00%	27 Amapá	0.33%

Fonte: CPS a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Tabela 1: Religiões nos estados brasileiros.
NERI, 2011, p. 38.

Outro fato que deve ser levado em conta na questão da escolha religiosa é a escolaridade. Na Tabela 2, podemos notar que quanto maior a escolaridade, maior o nível de ceticismo, e consequentemente os declarantes “agnósticos”.

	Sem religião	Católicos	Evangélica Pentecostal	Outras Evangélicas	Espiritualista	Outras Agregadas (Inclui Afro, Orinetais e Outras)	Sem Info
Sem Instrução	9.94%	69.21%	12.56%	5.45%	0.53%	1.99%	0.31%
Creche	10.46%	61.73%	16.27%	8.27%	1.05%	2.17%	0.05%
Pré-Escolar	8.17%	65.28%	13.86%	8.48%	1.11%	3.09%	0.02%
Classe de Alfabetização de crianças	8.78%	65.72%	13.41%	8.73%	0.28%	3.09%	0.00%
Alfabetização de adultos	2.13%	79.12%	12.47%	4.20%	0.26%	1.69%	0.13%
Ensino fundamental	5.86%	70.01%	13.58%	6.91%	0.96%	2.64%	0.04%
Ensino médio	6.65%	65.86%	13.42%	8.79%	1.87%	3.33%	0.08%
Tecnologia	5.04%	65.47%	10.93%	5.53%	3.47%	9.42%	0.14%
Pré-Vestibular	5.49%	64.60%	14.76%	9.11%	4.74%	1.30%	0.00%
Superior	7.19%	66.12%	7.26%	9.64%	5.70%	4.01%	0.08%
Especialização superior	7.33%	69.77%	4.20%	7.47%	6.95%	4.11%	0.17%
Mestrado ou doutorado	17.40%	60.81%	5.01%	5.63%	6.96%	4.19%	0.00%

Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da POF 2009/IBGE

Tabela 2: Religiões e escolaridade.

Fonte: NERI, 2011, p. 25.

Desses dados, pode-se inferir que as crenças que se utilizam mais da racionalidade e o agnosticismo, ganham mais adeptos dentre os escolarizados e de cidades maiores, onde possui mais opções e informações. Ou seja, a opção religiosa inclui fatores externos ao subjetivismo e a queda do catolicismo está ligada a essa conscientização de que o indivíduo pode escolher no que quer crer, de acordo com suas ideias.

2.2. Religião e consumo

A expansão da religião no meio urbano foi tamanha, que ela acabou se transformando em produto, moeda de troca, mercadoria. A proliferação dos “padres show” e o frisson em torno da visita de líderes religiosos ao Brasil provam a necessidade da superexposição a que foi fadada a religião para ser conhecida e aceita. O aumento dos evangélicos foi um dos fatores que colaborou para isso acontecer, já que eles são mais propensos a se manifestar sobre sua religiosidade, reluzindo nos programas de auditório com direito – por exemplo – a cenas de milagres em fiéis ao vivo.

Uma das formas de atrair novos fiéis e manter a relação com antigos é o marketing religioso. Por meio de ferramentas de publicidade, propaganda, marketing e principalmente pela mediação dos meios de comunicação, a religião tornou-se produto.

De acordo com Patriota (apud Melo; Gobbi; Endo, 2007), o pluralismo religioso floresceu principalmente por conta da separação do Estado com a Igreja Católica, e a garantia da liberdade religiosa por meio da Constituição. O catolicismo se enfraqueceu, e a busca por novas crenças aumentou, conforme exposto anteriormente. Esse aumento da oferta religiosa tornou esse mercado mais competitivo, com as instituições mais ativas na mobilização de fiéis.

A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se bens de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado. (BERGER, 1985, in PATRIOTA apud MELO; GOBBI; ENDO, 2007, p. 88).

Patriota (apud Melo; Gobbi; Endo, 2007) coloca que o comportamento do consumidor religioso está amplamente ligado ao seu meio social, que atua de forma considerável junto às características das pessoas na escolha de uma religião.

Como forma de vitrine das religiões, a mídia atua de maneira determinante no processo de escolha do indivíduo. As instituições religiosas estão presentes no rádio, na TV e na internet para se expor e 'vender' seus ideais de forma mais abrangente possível. Inicialmente no rádio, com as missas que depois migraram para a televisão, como a do padre Marcelo Rossi aos domingos de manhã. Não sendo suficientes, as igrejas se reinventaram e fazem programas de apelos emocionais ao público, como os da Igreja Internacional da Graça de Deus. Mais além, a internet foi utilizada por diversas crenças, sendo um exemplo o site do Vaticano e o Pope2you², que possui vários aplicativos para as redes sociais na internet.

Ao propagar seus próprios conteúdos, as organizações religiosas elaboram seus discursos de maneira que melhor convém para a demonstração de produtos relevantes, cuidadosamente embalados e, por meio do espetáculo midiático, transmitem uma ideologia vinculada, em sua essência, aos interesses econômicos das próprias instituições. A cultura religiosa exposta na mídia, dessa forma, tem o papel de fornecer produtos religiosos capazes

² Tradução livre: Papa para você.

de preencher os “vazios”, dando sentido à vida dos que ela recorrem. (PATRIOTA apud MELO; GOBBI; ENDO, 2007, p. 92).

Esse “vazio” é o termo usado por Lipovetsky (1988) para o sentimento da sociedade atual que é caracterizada pelo consumismo e individualismo.

A era do consumismo não apenas desqualificou a ética protestante como também liquidou o valor e a existência de costumes e tradições, produziu uma cultura nacional e também internacional com base na solicitação das necessidades e das informações; arrancou o indivíduo do local e ainda mais da estabilidade da vida cotidiana, da imobilidade imemorial existente nas relações com os objetos, com os outros, com o corpo e consigo mesmo. (LIPOVESTSKY, 2005, p. 84).

O consumismo é um processo que funciona na base da sedução. Isso é pautado por pessoas, nos impelem a beber Coca Cola, usar jeans, andar de carro. Mas ao mesmo tempo ocorre a individualização, elas querem se manifestar, serem elas mesmas, e aí está o paradoxo da era do consumismo.

... o processo de personalização, que permitiu essa abertura *cool* dos pontos de referências sociais, a legitimação de todos os modos de vida, a conquista da identidade pessoal, o direito de ser absolutamente si mesmo, o apetite de personalidade até seu termo narcísico. (LIPOVESTSKY, 2005, p. 86)

Em um mundo com tantas opções, tem-se que escolher qual linha seguir, o que comprar, por qual optar. “... a era do consumismo revelou-se e continua a se revelar um agente de personalização, quer dizer, de responsabilização dos indivíduos, obrigando-os a escolher e mudar os elementos do seu modo de vida”. (LIPOVETSKY, 2005, p. 87).

Ao mesmo tempo em que a era do consumismo “dessocializa” os indivíduos, os coloca em sociedade pela lógica das necessidades e da informação, sem um conteúdo pesado. O consumismo universaliza os modos de vida, mas permite a singularização dos indivíduos.

O mais interessante é que a própria religião se deixou levar pelo processo de personalização: a gente acredita, mas de certa maneira, aceitando tal dogma e eliminando outro, misturando o Evangelho com o Corão, o zen ou o budismo; a espiritualidade se colocou na era caleidoscópia do supermercado e do sirva-se-você-mesmo. (LIPOVESTSKY, 2005, p. 95).

De certa forma, a religião se tornou única de cada indivíduo. Cada um “faz” sua religião de acordo com o que convém de cada tradição religiosa. Esse é um novo personagem social: o religioso não institucionalizado, que busca sua própria fé.

Se, por um lado as tradições religiosas são mundialmente colocadas, por outro a individualização permite que muitas outras sejam criadas, correspondendo às crenças de cada um. Talvez por isso a religião esteja sendo vista como utilitária, aproveita-se dos fundamentos da crença para colocá-los nas gôndolas de um supermercado espiritual, onde cada um compra a teoria que quiser.

Lipovetsky (2005) coloca que passada a década de 1960, marcada pelo hedonismo exacerbado, os conceitos se transformaram. Cai o desejo pelo prazer ilimitado, pelo deboche. Entram em voga os ideais *cool*, o culto ao desenvolvimento espiritual se coloca em oposição à contracultura, o *feeling* substituiu o estabelecido, a vida simples em detrimento do possuir, as medicinas alternativas, a meditação, tudo isso em oposição ao hedonismo *hot*.

Nesse período em que se retorna ao sagrado com a busca de religiões orientais, esoterismos, seitas e tradições europeias como a cabala, por exemplo. De acordo com Lipovetsky (2005), essa regressão não é uma ausência de sentido, e sim faz parte do indivíduo que procura respostas sobre si mesmo. O ressurgimento do esoterismo e a crença em outras espiritualidades só aumenta o leque de opções, “permitindo a existência de um coquetel individualista do sentido conforme ao processo de personalização” (LIPOVETSKY, 2005, p. 96).

Mais uma vez, prova-se que o encanto pelo budismo advém desse processo de individualização, no qual é mais importante voltar-se para si mesmo do que acreditar em um ente poderoso que rege as vidas.

Lipovetsky (2005) coloca que essa individualização causa um efeito ainda mais marcante da esfera do sagrado, ao mostrar que a população jovem francesa diminuiu sua crença em Deus no intervalo de uma década. Como já visto anteriormente, no Brasil o mapa da religiosidade também tem mudado.

3. BUDISMO

Esse capítulo pretende corrigir o senso comum que existe em torno do budismo e esclarecer o porquê dele não se encaixar em uma categoria de religião nos padrões ocidentais, sem aprofundar no teor místico da religião. A escolha por essa crença é em função dela ser considerada por muitos filosofia de vida, uma forma procurar o bem estar individual e social, que de certa forma catalisa os anseios do homem moderno. Além disso, ela consegue espaço dentre os brasileiros, em meio a uma expansão das tradições orientais e a crise das grandes instituições tradicionais, como o catolicismo.

O budismo é – erroneamente – confundido por Buda, Príncipe Sidarta Gautama, mas a expressão Buda é um estado, significa “Iluminado”, quando uma pessoa consegue alcançar a lucidez sobre todos os fatos da vida. Para muitos na tradição ocidental o budismo não é considerado uma religião (entretanto nesse trabalho será assim tratado por ser mais sociologicamente aceito) porque não se preocupa com deuses ou profetas. O objetivo básico do budismo é a plena realização da personalidade humana.

O principal motivo da atração ocidental pelo budismo é justamente a falta de um ‘deus’, a possibilidade de atingir um grau maior espiritual somente pelo esforço individual.

A crença de um deus criador não faz parte da religião, um ente superior a você e a mim, não faz parte da religião budista. Buda refere-se mais a representação de um estado, latente em cada um de nós, que pode ser despertado de alguma maneira, através de técnicas de meditação. (PAULA, 2003, p.12)

Sidarta Gautama (563 - ? ³) é considerado o Buda dessa era. Ele é humano e atingiu a iluminação por mérito, meditando. Ele não é um ente superior, alguém que foi designado misticamente, é simplesmente uma pessoa que largou sua vida para meditar e encontrar as respostas para as adversidades do mundo. O próprio “Buda viu a ideia de deus como irrelevante para alcançar a felicidade” (CONHECER, 2011, p. 42). Tanto isso é seguido pelos budistas que muitos monges afirmam: “Se encontrar Buda, mate Buda”. (ARMSTRONG, 2001, p.7).

³ A data da morte de Sidarta Gautama é incerta.

Outro motivo da atração dos ocidentais pelo budismo é que ele não exclui professar outras religiões. Muitos brasileiros continuam a ser católicos romanos mesmo adotando o budismo. Não é preciso ser budista. As várias palestras e retiros sobre o tema – por exemplo – fazem com que as pessoas se interessem e pratiquem sem abandonar sua religião de origem.

A falta de dogmas e acontecimentos místicos também atraem os seguidores dessa religião. Os fatores aparentemente místicos colocados na história de Sakyamuni são mais para explicar algo do que para “deusificá-lo”, como por exemplo, a parte de sua história que diz que ele comeu um grão de arroz por dia para se alimentar. Isso pode não ter ocorrido, está na história para ilustrar a dedicação dele, o que vale é o simbólico.

Em seu todo e em sua síntese, o conjunto compreendido pelo Budismo visa proporcionar a realização da Verdade da Cessação do Sofrimento demonstrada pelo Buda Sakyamuni, através de tais meios e métodos capazes de nos levar ao reconhecimento da natureza última da fenomenalidade, isto é, da natureza última da própria Mente (PARANHOS, 1994, p.28).

O budismo encanta a tantos, pois ele se dedica a estudar o indivíduo, essa preocupação faz parte da Era Axial⁴. O budismo se preocupa em ensinar técnicas e oferecer elementos para entender porque as pessoas têm algumas atitudes, porque sofrem, como elas funcionam.

Com o budismo se percebe que tudo está interligado, que não há dualidade entre o ser e o mundo. A base são as quatro nobres verdades, o nobre caminho óctuplo e a roda da vida.

A propagação dessa religião no país catalisou a divulgação do dharma (ensinamentos do budismo). O site Dharma.net expõe esses conceitos de forma acessível:

- Quatro nobres verdades: 1. Todos os seres estão sujeitos ao sofrimento; 2. O sofrimento surge de causas; 3. Ao eliminarmos as causas, o sofrimento é eliminado; 4. Praticando o nobre caminho óctuplo, o sofrimento e suas causas são eliminadas.

⁴ Termo cunhado por Karl Jaspers para ilustrar o tempo em que o homem começou a procurar seu eixo (axial, diz respeito a eixo do conhecimento).

- Nobre caminho óctuplo: 1. Visão Correta; 2. Pensamento Correto; 3. Fala Correta; 4. Ação Correta; 5. Meio de Vida Correto; 6. Esforço Correto; 7. Atenção Correta; 8. Meditação Correta.
- Roda da vida: suas ilustrações representam simbolicamente os 12 elos da existência interdependente (ignorância, vontade, consciência, identidade, seis sentidos, contato, sensação, desejo, apego, existência, nascimento e envelhecimento e morte) os seis reinos da existência cíclica (reino dos infernos, dos fantasmas famintos, dos animais, dos deuses, dos semideuses e dos humanos) e os três venenos da mente (desejo, ódio e ignorância).

Ainda que questões de espiritualidade sejam aqui abordadas, o serão no sentido de explicar a atração pelo culto budista e entender sua “adaptação” à cultura brasileira. É o caso da meditação.

A meditação é necessária para se atingir o estado de iluminação. Ela é a conexão do “eu” exterior com o “eu” interior. Existem diversos tipos, como a schamata pura, impura, zazen, mandala de tara e assim por diante.

O budismo é dividido em Budismo Theravada e Budismo Mahayana. Dentro do Mahayana há o Budismo Tibetano (Vajrayana), o Zen Budismo, a Terra Pura entre outros. No Budismo Vajrayana restaram quatro escolas: Nyigma, Kagyupda, Sakyapa e Gelupga. Seus limites são voláteis.

As características práticas da meditação e as inúmeras seitas e práticas budistas são resultado da interação com cada sociedade onde se desenvolveram. Quando a história e os ensinamentos de Buda foram escritos, já haviam passados anos e por diversas tribos, cada uma interpretou da forma que quis.

Depois da morte de Sakyamuni, seus discípulos pregaram a mensagem, de acordo com o que ouviram. Entretanto como a doutrina era transmitida e recontada, poderiam ter ocorrido algumas variações devidas aos inconscientes erros por parte dos discípulos (KYOKAI, p.559).

Mas isso não afeta os ensinamentos, já que Buda mesmo antes de morrer lembra que os ensinamentos são impermanentes, como tudo na vida, mais um eixo da filosofia budista.

3.1. Um pouco da história de Buda Sakyamuni

O budismo é pouco expressivo no Brasil, ainda mais com tantas escolas atuantes. O encanto do Ocidente pela religião, considerada – por muitos – filosofia de vida, deve-se em grande parte pelo caráter individualista e não dogmático do budismo. Apesar de ter surgido antes do cristianismo, seus ensinamentos continuam atuais e o caráter místico da história de Sakyamuni reforça a simbologia da persistência que tem de haver para atingir a iluminação – O resumo da vida dele que está a seguir, mostra o ser humano que ele era e a persistência (por meio de símbolos) que teve para ser Buda.

Sidarta Gautama era um príncipe que tinha tudo e era bom em tudo que fazia. Escolheu uma moça – Gopã – para casar, atendendo aos desejos do pai, que não queria que ele fosse embora. O rei deu tudo para seu filho, tentou só mostrar alegria e felicidade, na esperança que ele não fosse embora. Mas um dia,

Durante quatro passeios aos jardins fora dos muros da cidade real, o príncipe teve quatro visões: um velho homem, com a vida quase extinta, abandonada pela sua família; um homem desfigurado pela doença, dominado pela dor; um corpo sem vida a caminho do sepultamento, seguido pelos pesarosos parentes; e um tranquilo asceta concentrado na liberação. (INSTITUTO NYINGMA, 2004, p.29)

Espantado com tudo isso, o príncipe resolveu renunciar a tudo e buscar o fim do sofrimento. Então parte com seu criado, Chandaka, e troca suas vestes em frente a estupa do Buda anterior, Kã'syapa pelas de um mendigo. Ele corta seus longos cabelos, que simbolizava a vida real, e rompe de vez com seu passado. Pediu para Chandaka voltar ao palácio com os cavalos e dizer que tão logo ele atingisse a iluminação, voltaria para ensiná-los.

Parte então sozinho para sua busca. Ele teve diversos professores, mas os abandonou em certo momento. Viveu nos lugares mais ermos e passou por práticas severas (como comer apenas um grão de arroz por dia) para atingir o completo domínio de corpo e mente.

Mas depois de anos, Sidarta abandonou a vida de asceta, ao ter consciência de que ela não a levaria para a iluminação. Aceitou leite de uma senhora, então perdeu seus seguidores. Buda percebeu que nenhum dos extremos é bom, nem a vida de só luxo nem a vida de asceticismo. O caminho do meio é a saída para o conhecimento interior. Sentou-se solitário em baixo de uma árvore *bodhi* e decidiu

que de lá não sairia até atingir a iluminação. Mãra, senhor da ilusão, tentou seduzi-lo, mas falhou.

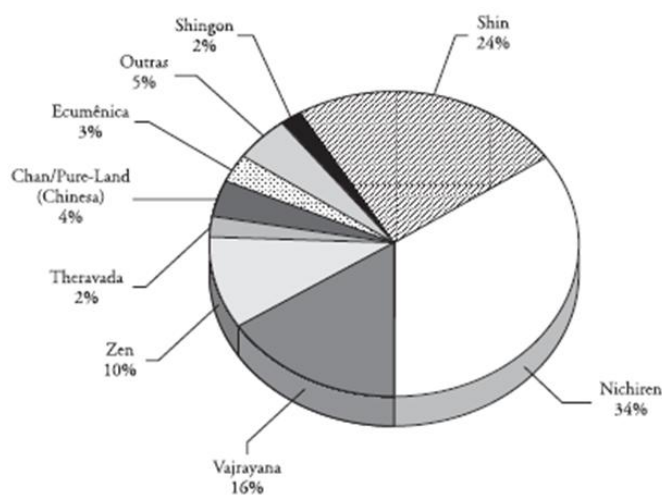
Naquela noite, Siddhārtha compreendeu as operações internas do samsara, o ciclo do nascimento e morte; compreendeu as vidas passadas de todos os seres e observou o carma em operação. Compreendeu os padrões de sofrimento, o emaranhado de suas causas e condições e a maneira de trazê-las a um fim. Com a vinda da aurora, atravessou os mais sutis obstáculos ao conhecimento e transcendeu o sofrimento para tornar-se um Buddha completamente desperto (INSTITUTO NYINGMA, 2004, p.33).

Depois de hesitar, atendeu a um pedido de Brahmã e começou a ensinar. “Pelos 45 anos seguintes, o Buda viajou extensamente, ensinando o Dharma para centenas de milhares de seguidores e liberando incontáveis seres em outros reinos também” (INSTITUTO NYINGMA, 2004, p.33).

3.2. Budismo no Brasil

A história do budismo no Brasil se inicia com a chegada dos primeiros japoneses (a maioria de origem rural) no porto de Santos, em 1908. Muitos tinham a ideia de trabalhar e juntar dinheiro para voltar ao Japão. No entanto, com a derrota do país na Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), muitos imigrantes decidiram permanecer, iniciando a expansão de várias religiões japonesas.

O Gráfico 3 ilustra a distribuição do budismo no país.



Fonte: Shoji (2004).

Gráfico 3: Budismo no Brasil.
Fonte: SHOJI, 2004, in USARSKI, 2008 p. 2.

O budismo, independentemente da corrente, se alastrou no país por obra dos japoneses. Com a estadia definitiva no Brasil, a religião começou a ser mais praticada dentro de casa e nas comunidades. A prosperidade e o modo de vida disciplinado dos japoneses podem ter sido elementos atraentes para os brasileiros se interessarem pela crença que dava suporte àqueles.

Contudo, “eram comumente achados casos de pais batizando seus filhos como católicos romanos de forma que eles não sofressem discriminação.” (ROCHA, 2011).

Independentemente disso, o primeiro templo budista foi construído em São Paulo nos anos 1950. Apesar de estudos por parte de interessados pela cultura oriental, o interesse massivo pelo Zen e pelo budismo por brasileiros não japoneses não aconteceu até os anos 90, de acordo com Rocha (2011).

Em 1985, foi criado em Porto Alegre, o Centro de Estudos Budistas (CEB), hoje Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), incluiu praticantes de várias escolas de budismo. Hoje, o CEBB está presente em nove estados brasileiros e é ligado ao templo de “Três Coroas”, o único templo budista tibetano da América Latina, idealizado por Guru Ripnonche. O Lama⁵ Padma Samten é um grande divulgador da doutrina budista. Ele profere palestras e cursos pelo país sobre budismo, inclusive adaptando temas a nossa realidade como “Budismo e economia”, “Budismo e relacionamentos”, entre outros.

Os templos no país e o número de adeptos permitem falar em um “budismo brasileiro”. Houve uma ocidentalização do budismo e muitos praticantes que migraram para esta religião (utilizando como filosofia de vida) têm de fundo o catolicismo romano e influências de religiões africanas e espírita. Também adaptações de práticas, como sanga mirim e relações com temas locais mostram essa mutação, além da integração com a internet, através de *sites* e fóruns que discutem o assunto de forma simples. Para muitos no país, o budismo é um mix entre religião e lazer, pois utilizam sua filosofia para aliviar tensões e adquirir paz interna.

Mesmo identificada como uma religião individual (já que tem o princípio que cada um é responsável pela sua evolução) o budismo no Brasil ganha um ar

⁵ Lama significa professor em sânscrito.

solidário e coletivo. Um exemplo é o Instituto Caminho do Meio, ligado ao CEBB ou Escola Soka ambos envolvidos com a educação de crianças com preceitos budistas.

No oposto está Usarski (2008) que acredita que o budismo no Brasil é algo da moda, e está decaindo. Ele afirma que os descendentes de imigrantes japoneses não se interessam em disseminar a religião no país, pelo contrário, estão preocupados em interagir com a nova sociedade em que estão.

Assim, não será um exagero dizer que, quando o último imigrante falecer, só resta aos missionários budistas fecharem os templos e regressarem ao Japão, sendo interessante recomendar ainda ao último a partir que desligue a luz antes de seguir para o aeroporto. (GONÇALVES, 2004 in USARSKI, 2008, p. 135).

Ele baseia sua afirmação em publicações de periódicos que exaltam a presença do budismo no país, além da popularização da crença por parte de atores de televisão, como Cláudia Raia. Isso, para Usarski (2008), só reforça a modismo da religião.

3.2. Dados do budismo

De acordo com a Conhecer (2011) há no mundo 395 milhões de budistas, contra 2,2 bilhões de cristãos. Em uma pesquisa, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, nas capitais brasileiras (JACOB; HESS; WANIEZ; BRUSTLEIN, 2006, p.73), o budismo apareceu na categoria 'outros', em paralelo com grupos maiores como católicos, evangélicos de missão, evangélicos pentecostais e sem religião. Por 'outros' se entenda grupos minoritários, cuja contagem é difícil de precisar estatisticamente.

Ainda de acordo com a pesquisa, em Curitiba, 71,1% da população se declarou católica, contra 5,5% de outros e 5,8% sem religião. Quando analisadas junto com o nível de educação da população, o budismo e o catolicismo aparecem na categoria "muito alto" quanto ao nível educacional.

Esses dados são voláteis. De acordo com censo 2010, por um lado se tem um país de essencialmente católicos (125 milhões de brasileiros) que perpetuam a tradição, repassando dogmas, crenças místicas e culto a um Deus magnânimo e onipresente. Por outro, tem-se 215 mil budistas (colocados na categoria "outros" juntos com a religião muçulmana, por exemplo – 27 mil) que acreditam que podem

atingir a iluminação através da meditação e lucidez de suas ações. Ambos “muito escolarizados” de Curitiba. De um lado a tradição, de outro a razão.

É importante notar que essa pesquisa é uma das únicas no país que consegue abranger a religião de forma global, associando a outros dados que possam correlacionar religião e sociedade. Mais uma prova da falta de estudos do assunto no país.

Para Rocha (2011) o budismo atrai a classe média superior urbana pela atração intelectual como uma filosofia de vida. Teoricamente a escolarização interfere na racionalização, o que poderia explicar a atração da classe alta pelo budismo.

4. JORNALISMO E RELIGIÃO

A análise de conteúdo geralmente é movida pelo desejo de compreender algum aspecto do mundo real. O que moveu essa pesquisa foi tentar entender como a imprensa brasileira cobre o assunto religião, de que forma os veículos de comunicação tratam esse tema. Para isso, uma pequena cronologia – desde início século XX – de marcos entre jornalismo e religião foi elaborada, desembocando na análise específica de como o budismo é tratado.

Primeiro com João do Rio que colocava a religião de forma etnográfica, a distribuição da cidade, antropologicamente falando. Depois, com a revista *O Cruzeiro* coloca-se o lado místico e sobrenatural. Com a revista *Realidade* volta-se para o etnográfico, com a ditadura a religião foi um dos temas que era permitido nas redações. A revista *Planeta* retorna com o a ideia do exótico, para a análise acabar com a revista *Vida Simples*, mostrando novamente o antropológico, o utilitário.

A análise de conteúdo consiste em avaliar determinados dados e a partir da inferência e aplicar em um contexto, geralmente ainda pouco estudado. Nesse caso, inferir quer dizer deduzir de maneira lógica. “Na análise de conteúdo, a inferência é considerada uma operação lógica destinada a extrair conhecimentos sobre os aspectos latentes da mensagem analisada.” (JÚNIOR apud DUARTE; BARROS, 2005, p. 284).

De acordo com Júnior (apud Duarte; Barros, 2005, p. 290), a análise de conteúdo organiza-se em três fases:

1. Pré-análise: consiste no planejamento do trabalho, sistematizando as outras etapas.
2. Exploração do material: a análise propriamente dita do conteúdo.
3. Tratamento dos dados obtidos e interpretação: os dados colhidos na etapa 2 passam a ser válidos. Depois desse resultado, é possível fazer inferências.

Utilizando-se da inferência e da análise de conteúdo, esses marcos refletiram de que forma o jornalismo se relaciona com a religião. A escassa bibliografia específica sobre o assunto remete-nos a uma revisão bibliográfica de temas e objetos variados para tentar elaborar um trabalho com conteúdo, escolhendo edições de revistas que abordaram a religião de alguma forma.

A pouca presença desse tema em matérias jornalísticas se deve a baixa adesão da religião à lógica positivista do jornalismo. Fazer uma matéria para explicar

o fenômeno religioso requer tempo, algo que as redações jornalísticas não têm. Então, a cobertura religiosa acontece nos fatores clássicos, como o factual e acaba muitas vezes no *faits-divers*⁶ e nas variedades/comportamento.

4.1. Marcos históricos

4.1.1 Religiões no Rio

O livro *Religiões no Rio*, de Paulo Barreto, o João do Rio, foi primeiramente publicado no jornal *Gazeta de Notícias* em forma de crônicas, em 1904. No ano seguinte foi publicado em livro, fazendo um enorme sucesso, vendendo 8 mil exemplares em seis anos, um número alto para época, considerando as taxas de analfabetismo elevadas. Na obra, ele investiga as religiões minoritárias no Rio de Janeiro da época.

João do Rio é pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, exímio jornalista nascido em 1881. “... o autor fez do urbano seu mote único e inesgotável, e sua própria imagem pública era uma alegoria do *ethos* da metrópole.” (O’DONNELL, 2008, p. 15) O urbano é um meio em constante mutação e com a dedicação em mostrar a sua visão da capital da República da época, João do Rio deixou um legado à sociedade.

Os relatos são realizados através de imersões guiadas por pessoas que conhecem a crença, a vivência com os que participavam dos rituais era importante para o autor. Um exemplo é na descrição de “Mundo de feitiços”, no qual João do Rio viveu três meses entre os feiticeiros. Através da etnografia, João do Rio explora os detalhes de cada imersão, reluzindo em seus textos.

Como pesquisa etnográfica entende-se um estudo descritivo de um aspecto cultural ou social de uma civilização.

A etnografia faz parte do trabalho de campo do pesquisador. E é entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. Ela exige um “mergulho” do pesquisador, ou seja, não é um tipo de pesquisa que pode ser realizada em um período

⁶ Assunto não categorizável em nenhuma editoria tradicional de um jornal. Geralmente é um fato desconectado do mundo, inusitado e pitoresco.

muito curto e sem preparo. (TRAVANCAS apud DUARTE; BARROS, 2005, p. 100).

A etnografia teve seu berço na escola de Chicago, com grande influência de Robert Erza Park, por volta de 1914. “... Park e seus seguidores se debruçaram sobre o papel do contexto sociocultural na formação da vida urbana, o que se reflete nos indicadores por eles usados na análise da cidade como experiência sociológica.” (O’DONNELL, 2008, p.114). Park era jornalista e só entrou para a carreira acadêmica depois que se aposentou como jornalista investigativo, sua formação de jornalista conferiu sensibilidade etnográfica.

Para ambos [Park e Rio] a cidade e seu habitante fazem parte de um mesmo todo, cuja organicidade lhes cabia observar de modo a apreender a dimensão mais humana da *urbe*. Desta forma, Park e João do Rio coincidem ao valerm-se de seu ímpeto jornalístico para saírem à busca das interações que o ambiente urbano abriga de forma peculiar, dispostos a identificar na cidade mais que um cenário para as relações moderno-industriais. Em seus textos o espaço citadino aparece como uma personagem que, ao lado dos transeuntes, torna dinâmico o quadro sociológico da sociedade complexa. (O’DONNELL, 2008, p. 116)

O livro tem uma riqueza de detalhes, pois o autor está mostrando um mundo desconhecido da sociedade da época, e não havia imagens, somente as palavras de João do Rio. Ele mostra trechos de enganação, na qual a crença é usada para se aproveitar dos fiéis, relata cultos de feitiçaria e magia... O desconhecimento sobre a “babel de crenças” é tamanho dentre a população que muitos acreditam que a obra é de ficção.

De acordo com O’Donnell (2008, p. 104) na época, a antropologia se concentrava em estudar a religião na esfera social e da psique humana. João do Rio levanta essa bandeira em um período onde o cientificismo imperava como meio civilizatório. Ao adotar essa postura ele se mostra um aliado aos estudos acerca do estudo humano, ao mapear 23 modalidades de práticas religiosas.

João do Rio expõe a religião através da etnografia, e a estuda sob o ponto de vista antropológico. Em todos os relatos, aspectos físicos e qualidades são descritos dos fiéis, para relacionar a religião descrita com o aspecto pessoal e urbano.

Então nessa obra a religião é colocada de forma antropológica, determinando os lugares e as pessoas que convivem com a crença correspondente. O autor trata em *Religiões no Rio* das crenças de forma inter-relacionadas, mesmo destacando o exótico que parece inacessível ao senso comum.

João do Rio coloca como as religiões estavam distribuídas na cidade do Rio de Janeiro em 1904, citando os lugares e pessoas envolvidas com determinada crença. A pesquisadora O'Donnell faz uma leitura etnográfica da obra de João do Rio, que por sua vez, devia acreditar fazer jornalismo à moda de Boudelaire, como no livro *Spleen de Paris*.

Muitas vezes as concentrações religiosas acontecem onde é possível realizar determinados rituais. Isso ilustra que a distribuição geográfica tem ampla relação com as crenças praticadas no local.

Um dos aspectos mais surpreendentes de “As religiões do Rio” é justamente a revelação de que, apesar de aparentemente separadas, as várias composições do tecido social estão em constante interação e processo de negociação. (O'DONNELL, 2008, p. 110)

Mais um exemplo de que a religião molda o urbano. “Se o santo é a mãe d'agua doce, Oxum, o cabelo vai para a Tijuca, a Fábrica das Chitas; se é lé-man-ja fica na praia do Russel, em Santa Luzia; se é outro santo qualquer, basta um trecho de praça em que as ruas se cruzem.” (RIO, 1904, p. 8).

Interessante notar a diferença do que ele descreve na religião positivista e na africana, por exemplo. Os luxos, o conforto, a limpeza em contraste com as roupas maltrapilhas, os becos sujos, o fedor. Isso delimita regiões na cidade, uma igreja presbiteriana não poderia, por exemplo, estar ao lado de um beco sujo onde se encontrava um babaloé.

Além da ligação com o urbano, as relações sociais também são expostas, de certa forma. A rixa dos brancos com negros era ainda muito presente na sociedade da época, afinal só fazia 16 anos desde a abolição da escravidão. “O egum é uma cerimônia quase pública, a que os feiticeiros convidam certos brancos para presenciar a pantomima de o seu extraordinário poder.” (RIO, 1904, p. 15).

O primeiro capítulo é recheado de fetichismos, concordando com a religião africana, que é moldada por fatores místicos.

Perspicaz pelo jornalismo, João do Rio identifica muitas artimanhas realizadas para ludibriar fiéis, mas se mostra muito encantado com o mundo que está descobrindo.

Em torno tudo dizia o mistério e a incompreensão humana, o éter puro, os vagalhões do mar, as árvores calmas. Tinha a cabeça oca, e, apesar dos assassinatos, dos roubos, da loucura, das evocações sinistras, vinha da casa das almas julgando babalaôs, babaloxás, mães – de – santo e

feiticeiros os arquitetos de uma religião completa. Que fazem esses negros mais do que fizeram todas as religiões conhecidas? O culto precisa de mentiras e de dinheiro. Todos os cultos mentem e absorvem dinheiro. Os que nos desvendaram os segredos e a maquinação morreram. Os africanos também matam. (RIO, 1904, p. 18).

Nas andanças de João do Rio ele sempre perguntava para o religioso que estava lhe explicando determinada crença se havia escolas que ensinassem e como era dada a publicidade (se havia veículos de divulgação). Na maioria dos casos sim, o que demonstra a importância da mídia como forma de divulgação mesmo em uma sociedade analfabeta. E colocava os custos de templos e ‘serviços’ também.

Naquela época a relação da religião com a sociedade já mostrava tendências que acompanhamos até hoje, como o uso de músicas na liturgia e a expectativa de ter um religioso na política: “- Havemos de ter muito breve na representação nacional um deputado evangelista.” (RIO, 1904, p. 37). João do Rio se antecipou em mostrar muito da nossa realidade atual.

A ideia da religião como algo obscuro, escondida é muito ressaltada nessa obra. Um fato literário agregado à pesquisa jornalística. Antes de se tornar livro, as escritas de João do Rio foram publicadas em forma de crônicas, campo da trivialidade, do humor, através de uma leitura comportamental do fenômeno religioso. O jornalismo da época não passava muito disso, mas é provável que a obra João do Rio tenha sido modelo para outras publicações.

4.1.2. Revista *O Cruzeiro*

O *Cruzeiro* foi uma revista do grupo dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, que durou de 1928 até 1975, tendo seu ápice na década de 1940 e 1950. Fundada por Carlos Malheiros Dias, contava fatos de famosos, esporte, cultura e saúde. Dentre suas inovações, está o fotojornalismo e a inauguração das duplas entre repórter e fotógrafo, sendo a mais famosa formada por David Nasser e Jean Manzon. A fotografia foi muito marcante das edições de *O Cruzeiro*, tendo papel de destaque nas matérias da revista. “A revista *O Cruzeiro*, a *Revista do Globo* e a *Manchete* se destacavam como os veículos de comunicação impressa

mais modernos, no sentido de construírem um novo tipo de reportagem e de narrativa baseada no uso da fotografia”. (MONTEIRO, 2007).

A importância da fotografia na mídia impressa mudou ao longo dos anos. De acordo com Costa; Silva (2004), a primeira fotografia publicada na imprensa foi em 1880. Uma tecnologia que revolucionou os meios de comunicação na época, que colocavam a fotografia como ilustração dos textos. “Os fotógrafos, dotados de equipamentos pesados, de pouca mobilidade e difícil manejo, viam-se incapazes de adequar sua atuação à velocidade dos acontecimentos” (COSTA; SILVA, 2004, p. 98). Sem profissionalização, para eles bastava registrar os fatos da forma mais objetiva possível.

Em 1925, foi lançada no mercado europeu a *Leica*, câmera que viria a revolucionar a fotografia. O tamanho menor, a possibilidade de usar flash 36 poses, objetivas intercambiáveis e a possibilidade de fotos noturnas sem flash redimensionou a fotografia na imprensa. “Versatilidade e descrição seriam as novas características” (COSTA; SILVA, 2004, p. 98). A máquina foi aceita aos poucos pelos jornalistas e aliada a diversos fatores, como o desenvolvimento da República de Weimar na Alemanha, possibilitou o surgimento do fotojornalismo, como atividade especializada e independente.

Se anteriormente a fotografia era um mero auxiliar de texto, nesse momento dá-se a inversão. A fotografia cria o acontecimento, ao passo que o texto, muitas vezes, vem apenas respaldar sua integridade signífica. Assume-se que a imagem fotográfica é construída segundo uma estruturação ideológica explícita. A grande imprensa passa, então, a se utilizar cada vez mais da fotografia, respaldando suas manipulações ideológicas na pretensa imparcialidade da imagem fotográfica. (COSTA; SILVA, 2004, p. 101).

A fotografia passa a ser um forte instrumento de propaganda ideológica e manipulação.

Nos Estados Unidos, as revistas com fotografias floresceram na publicidade, “a fotopublicidade ganhou um grande impulso e passou a direcionar o gosto e o consumo de grande parte dos norte-americanos”. (COSTA; SILVA, 2004, p. 102).

No Brasil, o trajeto foi similar ao dos EUA. No início a fotografia era mera ilustração do texto, passando depois a disputar com ele a primazia no relato dos fatos. A *Revista da Semana* em 1900, *Ilustração Brasileira* em 1901 e a *Kosmos* em 1904 foram as primeiras publicações brasileiras a utilizar a fotografia. Junto à fotografia de reportagem surge a fotografia na publicidade. Os repórteres

fotográficos da época não tinham formação e faltavam instrumentos adequados. Essa foi a situação até a reformulação da revista *O Cruzeiro* na década de 1940.

Sob orientação de estrangeiros, coube aos primeiros fotógrafos da revista a tarefa de reformular a fotografia nas reportagens. Um exemplo é Jean Manzon.

“O redimensionamento de *O Cruzeiro* a partir da inclusão da fotografia como elemento ativo da reportagem, a variedade dos assuntos abordados e o surgimento de uma fotopublicidade atuante foram a mola para a sua expansão”. (COSTA; SILVA, 2004, p. 104). Tudo era motivo para uma fotorreportagem: carnaval, floresta amazônica, celebridades, enfim, um banquete para a classe média brasileira. Em 1952, o sucesso: 700 mil exemplares vendidos, recorde não superado até hoje (considerando a população na época). “Antecipando-se e até mesmo preparando a sociedade brasileira para o surgimento da televisão, o fotojornalismo unificou o país através das páginas de *O Cruzeiro*”. (COSTA; SILVA, 2004, p. 104).

A fotografia é a colocação da visão do autor. Desse modo ela passa a ser um forte elemento de ideologia, direcionado pela ideologia do veículo, até porque era o próprio fotógrafo que escrevia a legenda de seu produto. “Estabeleceu-se uma dinâmica entre a fotografia e o texto, cada um tentando deter para si o privilégio na definição dos acontecimentos.” (COSTA; SILVA, 2004, p. 104).

Esse poder de moldar a realidade por meio da fotografia e a forte crença na imagem foram suficientes para iniciar fraudes da fotografia, desde a manipulação de um corpo para apelar ao sensacionalismo até a criação de imagens com o desligamento total da realidade, como discos-voadores. “A partir das fraudes e do surgimento da televisão, o declínio das revistas ilustradas e consequentemente do fotojornalismo foi inevitável.” (COSTA; SILVA, 2004, p. 105).

As tiragens de *O Cruzeiro* começam a cair, sendo superadas pela *Manchete*, com a ideologia desenvolvimentista no Brasil. De acordo com Costa; Silva (2004, p. 106), vários fotógrafos de *O Cruzeiro* passaram para a *Manchete*. Com a incorporação da televisão à sociedade, o fotojornalismo nas revistas ilustradas perdeu sua função, e volta-se novamente ao texto.

Na esfera religiosa, três edições de *O Cruzeiro* podem ser destacadas. As fotos revelam o misticismo, o exótico e o sensacionalismo por trás das reportagens.

A primeira, de 12 de agosto de 1964, texto de David Nasser e foto de Jean Manzon tem seu título “Chico Xavier, detetive do além” e uma foto de Chico Xavier com as mãos nos olhos (Figura 1), maneira que ficava no momento de psicografar.

A foto é muito simbólica, lembrando até algumas imagens estereotipadas do diabo, o que remete ao misticismo presente na revista. O ângulo só do rosto, sem nada em volta, é um apelo ao leitor para prestar atenção em todas as partes de seu rosto.

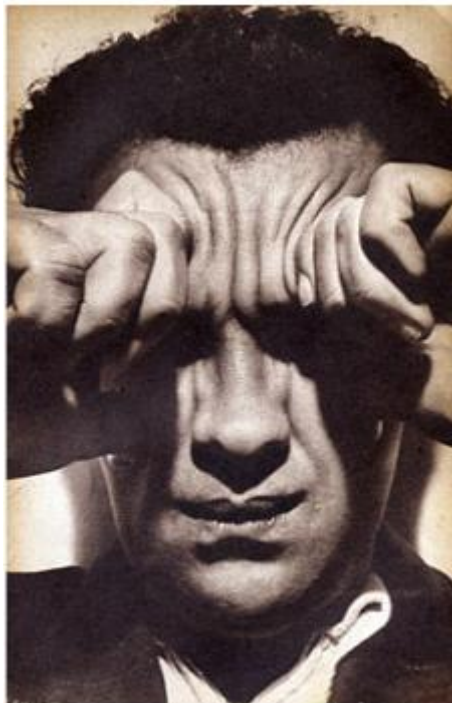


Figura 1: Chico Xavier em *O Cruzeiro*.
Fonte: NASSER, MANZON, 1944.

Outra é a capa de primeiro de abril de 1961 (Figura 2), que de acordo com Romanello (2009) refere-se ao filme “Cavalo de Oxumaré” de Carlos Niemeyer, no qual a atriz argentina da capa se submeteu ao ritual de iniciação ao candomblé. O autor coloca que em nenhum momento isso foi dito, e simplesmente foi explorado o tom sensacionalista na foto, com a jovem branca de cabeça raspada recebendo o sangue de uma cabra, sob o título “Irma Alvarez no bárbaro ritual da linha de Oxumaré”.

... a foto da capa junto á chamada atraia pela cena de impacto, pelo fato de tratar-se de uma mulher, branca e atriz e pela promessa de revelar informações sobre o candomblé, que naquela altura ainda tinha seus rituais mais restritos aos iniciados, do que propriamente pelo interesse no filme, o verdadeiro objeto da reportagem. (ROMANELLO, 2009, p. 2).

Romanello (2009) coloca que a editoria da revista exagerava nas reportagens e apelava ao sensacionalismo. Nessa linha é notável o papel da fotografia e a forma como uma religião afro brasileira foi tratada em uma das revistas mais importantes da época. O estereotipado prevaleceu.

Ainda de acordo com Romanello (2009), a revista produziu, pelo menos, seis reportagens sobre umbanda e candomblé entre 1951 e 1961, enquanto a construção de Brasília rendeu cinco. “... manifestações da religiosidade popular eram geralmente caracterizadas como parte de uma cultura ingênua ou atrasada” (ROMANELLO, 2009, P. 3).

A religião candomblé é tratada com desprezo pela revista, a começar por “bárbaro ritual” no título, que induz a pensar em algo desumano, grosseiro, sendo, de certa forma, desrespeitada a tradição.

Aqui no caso a perspectiva que determina a produção da mensagem, é a defesa de uma visão cultural eurocêntrica. Pois se alguns são bárbaros é porque outros são civilizados e neste caso podemos deduzir que estes são os praticantes de uma religiosidade culta, fina e humana. Por exclusão esta seria o cristianismo principalmente o católico, – religião praticada pela maioria da população brasileira da época. (ROMANELLO, 2009, p. 5).



Figura 2: Capa de *O Cruzeiro*.
Fonte: ROMANELLO, 2009, p. 1.

Em outra capa (Figura 3), a religião católica, agora sim é retratada, em uma fotografia cheia de formalismos. A noiva com um vestido branco, o noivo em um terno azul recebendo a hóstia.

As roupas neste caso representam os símbolos tradicionalmente ligados aos casamentos cristãos e ao mesmo tempo em que evocam um modelo de vestimenta “civilizada” – principalmente no caso do terno – socialmente aceito como forma elegante e mesmo fina em quase todo o ocidente. (ROMANELLO, 2009, p. 6).

A hegemonia católica desse período era maior que hoje. De acordo com o Gráfico 1(p.12), em 1960 eram 93,07% de brasileiros católicos. O formalismo da religião estava ligado ao forte elo entre Igreja e Estado, mesmo que não de maneira oficial.



Figura 3: Capa de *O Cruzeiro*.
Fonte: ROMANELLO, 2009, p. 5.

De um lado o sensacionalismo estereotipado na foto do candomblé e do outro a foto tradicional de um casamento cristão. O feio versus o belo, o exótico versus o tradicional. As duas reportagens, da década de 1960, estão presentes na época de Juscelino Kubitschek, de avanço, do governo espetacular. Esse exagero marcado nesse período refletiu nas capas da revista *O Cruzeiro*, que não deixou o sensacionalismo e os simbolismos de lado quando o assunto foi religião.

Outra questão, é que – de acordo com Monteiro (2007) – na década de 1950 ocorreu a “Revolução Verde”, com o desenvolvimento capitalista no campo e o êxodo rural, com o aumento de populacional nas cidades. Essa migração também contribuiu para a demanda de novas informações sobre determinados assuntos,

com a variedade existente no centro urbano. Com isso, os meios de comunicação transmitiam essas novas informações de acordo com o contexto da época, tornando-se grande chance de ser uma verdade.

Com a fotografia já fraca, na edição de 15 de maio de 1969 (Figura 4), a foto só é mera assistente do texto, sem ter seu caráter simbólico como nos acima. O texto se aproxima um pouco do jornalismo literário. Mesmo assim, é possível identificar simbolismos como as roupas dos budistas diferenciando-se no quadro com os ternos, a senhora com as mãos como se estivesse rezando de forma cristã, a vestimenta de um monge, pouco visível no Brasil e um altar típico budista, com a figura de Buda ao centro. Essa última foto retrata a visão iconoclasta do ocidente, onde o 'deus' é colocado no centro de tudo.



Figura 4: Fotos relacionadas ao Budismo em *O Cruzeiro*.
Fonte: KUCK; ALEXANDRE, 1969.

As fotos foram visualizadas sob a ótica da análise de conteúdo, com a inferência expandindo a um contexto geral. “A fotografia é uma imagem ambígua e polissêmica, passível de múltiplas interpretações de acordo com o meio que a veicula, seu intérprete, os contextos e os tempos de sua produção e recepção”. (MONTEIRO, 2007). Percebe-se a importância da fotografia na construção de determinado assunto por meio da simbologia, mesmo que de forma inconsciente.

4.1.3. Revista *Realidade*

A revista *Realidade* foi uma revista brasileira que circulou de 1966 até 1976. Lançada pela Editora Abril tinha características inovadoras para a época, como grandes reportagens, permitindo que o repórter “vivesse” a matéria por um tempo. Além disso, matérias em primeira pessoa, fotos que deixavam perceber a existência do fotógrafo e design gráfico pouco tradicional fizeram parte da revista.

As reportagens da revista *Realidade*, quando se trata de religião, se preocuparam em cobrir o lado humano de eventos religiosos e crenças distintas. Nas matérias estudadas (“Milagre”, “Qual é seu mundo, Chico Xavier” e “Revolução na Igreja”) três diferentes pontos são abordados, mas sempre com uma ampla descrição das pessoas, explicações sobre o tema e a história de vida dos protagonistas, mostrando serem pessoas comuns. Fica claro então o lado antropológico sendo ressaltado em detrimento do lado místico. A etnografia também é usada para aproximar o objeto de estudo do público, muitas vezes desconhecidos da grande massa.

As três reportagens são dos anos correspondentes à ditadura militar no Brasil (1964-1985). A matéria “Milagre” é de 1968, “Qual é seu mundo, Chico Xavier” é de 1971 e “Revolução na Igreja” é de 1966. Nessa época, muitos meios de comunicação se voltaram para cobrir o Brasil, ocorre uma onda ufanista na imprensa, para tratar do povo brasileiro, seus problemas, crenças, o que acontecia na época em solo verde e amarelo. Era uma forma de retratar o país mesmo com a censura nas redações, já que a fase áurea da *Realidade* foi de 1966 a 1969, justo quando a pressão foi maior.

Na matéria intitulada “Milagre!” (RIBEIRO; MARÃO, 2010, p. 119), publicada em junho de 1968, o repórter José Carlos Marão vai até Atibaia para acompanhar de perto um fenômeno religioso da época: o padre Antônio Rosa. Por meio de constatações dessa visita ele oferece uma denúncia da exploração da boa fé.

Antônio Rosa adotou o título de ‘padre’ sem o ser, depois de cumprir pena pelo exercício ilegal da medicina. Em um dia, um bispo da Igreja Católica ofereceu a ele o título de padre em troca eles construiriam um templo nos terrenos dali. Depois dessa visita, Antônio Rosa anunciou a criação de sua própria igreja em um programa de televisão, intitulando-se irmão.

A aglomeração que se formava à espera de uma possível cura do padre era enorme, o que possibilitou a formação de um forte comércio em volta das filas de espera. Inclusive os vendedores de santinhos que puxavam as palmas na hora em que Padre Antônio Rosa realizava “cura” de paraplégicos.

Esse era um dos pontos mais exibicionistas do curandeiro, que é colocado com um forte viés político, ao fazer muitos discursos em cima do telhado. A fama é feita pelo povo, que repete e aumenta a história que é contada, catalisada pelos fortes aplausos puxados pelos vendedores de santinhos.

A farsa é mostrada especialmente nos casos dos paralíticos. Antes de fazer a exibição da “cura” em público, ele levava os doentes para uma sala e analisava como seria feito. Quando não conseguia ‘curar’ dizia que Deus não queria a cura.

Na matéria, é visível a esperança que as pessoas têm no padre, de que vão melhorar, que ele tem realmente a cura. Salta aos olhos também a clara enganação que o padre faz para com os fiéis, como por exemplo, ele mostra um rapaz que supostamente voltou a enxergar sendo que uma pessoa sabia que ele enxergava, só tinha a vista um pouco embaçada. O padre consegue confirmações por meio do constrangimento público.

Na reportagem “Qual é o seu mundo, Chico Xavier?” (RIBEIRO; MARÃO, 2010, p. 134), o repórter José Hamilton Ribeiro descreve o “Vaticano do Espiritismo” (RIBEIRO; MARÃO, 2010, p. 134), e como era Chico Xavier, já uma figura muito popular no Brasil. No livro, Ribeiro (Ribeiro; Marão, 2010) afirma que 90% dos espíritas do mundo, vivem no Brasil, mostrando tamanha a importância de Chico Xavier como líder religioso.

Na matéria ele mostra o lado humano de Chico Xavier, descrevendo sua casa, como ele era – inclusive seu lado culto –, suas conversas, sua infância e os escândalos que o envolveram. Um deles mudou o eixo do espiritismo de Pedro Leopoldo para Uberaba, mas não afetou sua reputação.

Chico Xavier já era um fenômeno na época. Ribeiro (Ribeiro; Marão, 2010) coloca que sua produção era em torno de 300.000 exemplares e traduções no exterior cerca de 700.000 volumes. Atualmente, esse fenômeno continua, e um exemplo é o recorde de público de sua biografia, “Nosso Lar”, que ultrapassou três milhões de espectadores, de acordo com a Globo Filmes. Depois desse, mais um filme foi lançado, “As mães de Chico Xavier”.

O autor da reportagem também coloca um lado exibicionista de Chico Xavier, quando ele fazia as psicografias em público. Talvez uma forma de provar o que fazia na salinha que oferecia receitas ou conselhos mediúnicos. Marão não deixa claro seu posicionamento quanto a veracidade ou não do médium, ele oferece elementos prós e contras.

A terceira matéria exposta é “Revolução na Igreja” (RIBEIRO; MARÃO, 2010, p. 156), uma crítica à passividade da Igreja Católica perante os problemas sociais brasileiros. O título “Revolução na Igreja” refere-se a esse interesse de participação ativa aos problemas sociais brasileiros por parte da ordem dominicana. Esse engajamento social gerou rumores que pudessem ser expulsos da Igreja Católica e muitos dos freis citados na matéria foram presos e torturados depois da veiculação.

O retrato da ordem feito por Kalil (apud Ribeiro; Marão, 2010) é uma descrição mínima das pessoas, algumas histórias de vida, ele esmiúça o caráter antropológico dos seus personagens. Nessas descrições, ele mostra as rotinas de estudo, mostrando que o conhecimento religioso não é nato, mas sim adquirido e os freis sofrem provações, para saberem se conseguem resistir às tentações mundanas.

Moraes (2007) coloca as reportagens “Sou padre e quero casar” e “Celibato”, que retratam o desejo da revista *Realidade* em questionar, também, outras questões da Igreja Católica. Na primeira, o relato de um padre norte americano sobre o celibato religioso, que repercutiu a ponto de padres escreverem à revista propondo realizar um debate sobre a questão. Entretanto ele não aconteceu, e o assunto só voltou dois anos depois, com entrevistas a padres brasileiros. Ambas retratam um questionamento que acontecia no mundo e da qual o Brasil não poderia ficar de fora.

De acordo com Ribeiro; Marão (2010), mais matérias marcaram a história da revista com o tema religião. Por conta da imensa fé e apego ao tema, quase em todas as edições da revista tinha uma reportagem de religião. Outro possível motivo é colocado por Civita (2011), “no Brasil da ditadura, não podia sair nada que dissesse respeito a adultério, droga, infidelidade, aborto e virgindade”.

Em 1966, a revista publicou uma matéria revelando que o número de fiéis em Deus caía tanto na Europa como no Brasil. Foi um escândalo na época e um ano depois a revista publicou uma matéria “A falência do Diabo” revelando que não era só em Deus que diminuía a fé.

Ribeiro; Marão (2010, p. 117) ainda destacam que a *Realidade* foi pioneira em um tipo de matéria comum até hoje: o documentário, o qual colocava a pesquisa e fatos históricos por trás de grandes religiões. Um exemplo é a reportagem “Quem era o Homem Jesus”, edição número 12.

“Mas o importante mesmo era o sentimento popular. E o povo naquele tempo, como hoje, tinha fé e não via, como não vê hoje em dia, contradição em ser espírita, católico e budista ao mesmo tempo”. (RIBEIRO; MARÃO, 2010, p. 118). A revista *Realidade* proporcionou meios para o conhecimento de diversas tradições religiosas, destrinchou dados, pesquisou histórias e revelou o lado humano do misticismo eclético da época.

Essas reportagens da revista *Realidade* mostram que a cobertura religiosa era feita de forma ampla, abrangendo diversas crenças, e racional, sobressaindo à questão antropológica. Depois de *Religiões no Rio*, de João do Rio, ela é o grande marco de relatar a religião em seu contexto com a cidade e mostrar à população um amplo estudo sobre essas crenças.

4.1.4. Revista *Planeta*

A revista *Planeta* foi uma revista que abordou temas como esoterismo, ufologia e parapsicologia. Nasceu em 1972 e é uma publicação mensal da Editora Três. Atualmente a revista tem outra linha, focando na sustentabilidade, tecnologia, questões ambientais e de responsabilidade social.

Foram analisadas 3 edições de 1973 da revista, época áurea da cobertura de assuntos esotéricos por parte da *Planeta*, e quando o psicodelismo estava em alta, assim como a busca por religiões orientais. Fácil perceber, por exemplo, com a enorme repercussão da viagem dos Beatles à Índia em 1968, que buscavam um novo caminho espiritual depois da morte de Brian Epstein, empresário do grupo. A fama internacional do grupo ajudou a propagar a cultura indiana.

Já no Brasil, a década de 1970 ainda estava sobre regime da ditadura militar, nos períodos mais violentos. É provável que essa onda de misticismo e do exótico tenha voltado como forma de evasão da sociedade, para fugir da realidade. Exótico

é colocado como algo diferente e místico como algo que não pode ser explicado de maneira racional.

Nas revistas, a presença do exótico, do místico e da ciência oculta é muito presente. Na edição sete (março 1973), matérias como “Psicologia do homem: os sonhos e sua explicação”, “Mitoses e lendas: como nascem as sereias”, “Um companheiro de Lúcifer”, “As crianças paranormais”, são exemplos de reportagens em que o não humano é abordado.

A mesma edição coloca “Cristo viveu no Japão?” (PLANETA, 1973, p. 123 – ANEXO A) explorando o lado místico das crenças religiosas, a exemplo de uma lenda japonesa que questiona a vida de Jesus Cristo como a conhecemos.

A história começa quando o prefeito de uma pequena cidade japonesa descobre um documento, que dizia que Jesus Cristo tinha vivido em uma aldeia chamada Herai e começa a investigar a hipótese. Nada é comprovado, mas uma pessoa dessa aldeia explica a teoria: a ideia é que ele viveu 11 anos no Japão aprendendo a cultura local, volta a Jerusalém, mas consegue escapar da crucificação, que é feita em seu irmão mais novo. Ele retorna ao Japão e morre de causas naturais na aldeia Herai. “O funcionário [que conta essa história ao prefeito] acrescenta ainda que eles estão completamente às escuras quanto à falsidade ou veracidade dessa lenda”. (PLANETA, 1973, p. 123). Por mais que alguns costumes – aparentemente cristãos – da aldeia tenham sido mantidos, como o sinal da cruz feito nas crianças no batizado, Jesus não transmitiu nenhum de seus ensinamentos ao povo japonês, de acordo com o funcionário.

Ainda nessa edição, uma matéria intitulada “Um companheiro de Lúcifer” (MOUSSEAU, 1973, p. 69 – ANEXO B), apela ao sensacionalismo para ressaltar o misticismo. A legenda da foto com o retrato de Aleister Crowley, que supostamente fez um pacto com o diabo é: “Ele tinha um pacto com o diabo”. (MOUSSEAU, 1973, p. 68). A gravata da matéria também revela a crença no que é dito.

Os pactos com o diabo existem. Aleister Crowley fez um... Era prodigiosamente inteligente e diabólico. Tinha poderes excepcionais: podia apagar uma vela a dez metros de distância, usando a força mental. Exercia fascinação sobre as mulheres, que se tornavam verdadeiras escravas, fazendo tudo que ele queria. Dizem que influenciou algumas ideias de Hitler, mas nunca se aproximou do ditador nazista....(MOUSSEAU, 1973, p. 69).

Nessa gravata já é possível perceber o distanciamento do antropológico e a aproximação do exótico, do místico. Assim como em “Em busca da serpente marinha” (HEUVELMANS, 1973, p. 21 – ANEXO C), com a gravata:

... As aves, os animais, e os monstros sempre povoaram a imaginação do homem. Seres híbridos, metade homem, metade touro. Mulheres com cauda e escamas de peixe. Homens com cabeça de leão ou pássaro. Um leão com rosto humano. A humanidade sempre cultivou tais mitos. Sempre precisou deles... (HEUVELMANS, 1973, p. 21).

A edição seguinte, abril de 1973, coloca na reportagem de capa: “A evolução do conhecimento: a vida depois da morte” (PLANETA, 1973, capa – ANEXO D), além de “Personagens extraordinários: Swamiji Rao, o homem que está mais próximo de Deus”. Quando parece respirar um pouco de racionalidade, destina somente uma coluna e meia para falar do lançamento de um livro sobre as provas da reencarnação ⁷.

Em “O homem que está mais próximo de Deus” (GALIANI, 1973, p. 110 – ANEXO E), Swamiji Rao é colocado como um ser místico, acima do terrestre: “Swamiji L. S. Rao é um símbolo. É a própria Índia que, talvez, nenhum ocidental conseguirá compreender: onde não se faz sentido nenhum falar de riqueza ou pobreza; onde não existe limites entre a magia e a religião” (GALIANI, 1973, p. 111). Na gravata, ele é colocado como um homem “extraordinário” que anda sobre o fogo sem se queimar, bebe ácido e deixa-se enterrar sem se sufocar.

É interessante notar que o título remete ao Deus comum a todos no Ocidente, o que seria o Deus católico, entretanto está se tratando de um hata-iogue indiano. É provável que o tom da matéria seja tão distante da religião que isso não foi levado em consideração.

“Deslocar sem o corpo” (MICHEL, 1973, p. 73 – ANEXO F), na edição 9, fala sobre as formas de ‘sair’ do corpo, como o estado de transe, alucinações, premonições. A repórter conta algumas histórias para ilustrar como uma experiência dessas poderia acontecer, até porque o material que há disponível sobre o assunto são histórias baseadas em relatos, rumores, por isso difícil de considerar verdade por todos.

A matéria trata da parte científica, que seria necessário testar biologicamente, por exemplo, os xamãs, mas não fala muito do xamanismo em si. Coloca que o fato

⁷ Importante ressaltar que todas as matérias colocadas têm, no mínimo, cinco páginas.

de se achar que precisa de teste não quer dizer uma negação aos fenômenos. Nesse caso, o místico é colocado em detrimento do racional. O uso de substâncias como cogumelos alucinógenos e éter ajudam no transe hipnótico e são relatadas na reportagem. Por fim, a matéria afirma que as coincidências são o que move as experiências de descorporificação.

Tudo coincidia: os fatos, os gestos, as roupas das pessoas, nada havia escapado a Rame. Puharich [médico] convenceu-se de que as experiências de “descorporificação”, relatadas a milênios pelos xamãs, são realmente uma possibilidade da máquina humana. (MICHEL, 1973, p. 82)

Nas edições, é apresentada a série “Biblioteca Planeta”, mais um fator mostrando a presença do exótico na revista.

Nostradamus, o maior profeta de todos os tempos, nunca errou uma previsão. Allan Kardec foi perseguido, criticado, caluniado, teve os livros queimados em praça pública. Mas hoje o espiritismo é uma doutrina vitoriosa. Krishnamurti prega a verdade, independente de igrejas e religiões. Paracelso, mestre alquimista, conseguiu, no século XVI, ser mais moderno que muitos cientistas hoje. Todos estes homens tiveram o espírito para frente, além do tempo em que viveram. Por isso forma malditos e diferentes. E gênios. Eles fazem parte da Biblioteca PLANETA. (PLANETA, 1973, p. 119).

O marco da revista *Planeta* para a cobertura religiosa brasileira é justamente o fato de serem abordadas questões exóticas e místicas nas reportagens e muito pouco sobre religião em si. Adere-se o tom excêntrico e, muitas vezes, sensacionalistas para trata de questões misteriosas.

Nesse período, a crise do petróleo se aproximava e a direita governava o mundo. As pessoas sentiam necessidade de pensar que havia algo escondido, a ser descoberto, era uma forma de evasão. A religião é colocada como conhecimento extrassensorial, superior, já que as religiões tradicionais não davam conta da demanda da época. Também houve um avanço da parapsicologia, e a revista fazia sucesso nesse clima. Um exemplo é o sucesso dos livros *O Triângulo das Bermudas* (1974) e *Eram os deuses astronautas* (1968).

Na década de 70, o movimento hippie estava aderindo força no Brasil, disseminando uma ideologia de contra cultura que revolucionou o pensamento da época. Iniciou-se novas informações, uma onda de misticismo e o uso de substâncias alucinógenas também foi disseminado. Nessa mesma época, houve o sucesso incomensurável dos livros de Carlos Castañeda – *A erva do diabo* (1968),

Uma estranha realidade (1971) e *Viagem a Ixtlan* (1972) – nos quais relata as supostas experiências decorrentes de sua associação com um bruxo-índio mexicano, tornando-se ídolo dos hippies que queriam repetir suas experiências.

O esoterismo também estava em alta na época, e caracterizava-se pelo ocultismo, diferente do esoterismo atual. Paulo Coelho e Raul Seixas eram ligados a Ordo Templi Orientis (OTO), organização ocultista surgida em 1906. Ambos eram interessados nesse assunto, refletindo em suas obras. O sucesso que faziam na época, ajudaram a disseminar o esoterismo, que ainda perdura na música de Raul Seixas e nos livros de Paulo Coelho.

Talvez esse momento que o Brasil e o mundo estavam vivendo, impulsionou que os meios de comunicação, nesse caso a revista *Planeta*, ressaltassem uma onda esotérica, mística e exótica para vender seus produtos.

4.2. Revista *Vida Simples*

O editorial da revista *Vida Simples* consiste em tratar a vida de forma simples. Por isso, utiliza-se de religiões orientais em muitas matérias. Foram analisadas reportagens que falassem de religião e especificamente do budismo.

A religião sempre foi posta como utilitária, porém atualmente, a religião budista foi incorporada ao ocidente principalmente com essa visão, às atitudes do dia a dia é colocada a palavra zen, por exemplo, cozinha zen, dia zen, enfim. Essa “onda zen” é expressa na revista *Vida Simples*. [nota do autor]

As matérias publicadas que envolvem budismo não se tratam da religião em si, mas sim como um catalisador para atividades diárias. O budismo é visto como um adendo, um caminho, uma filosofia e deixa de ser visto como religião. Provavelmente, seja a tendência da cobertura do budismo no Brasil.

A primeira constatação é a incorporação do vocábulo “zen”⁸ às atitudes do dia a dia. É colocado como uma forma de controlar a ansiedade, de prestar atenção

⁸ “A finalidade do Zen é focalizar a atenção na própria realidade, em vez de dirigi-la para as reações intelectuais e emocionais à realidade – essa realidade é aquilo que está sempre mudando, que está sempre crescendo, algo indefinível chamado ‘vida’, que não cessará por um momento que seja para nós, a fim de que encaixemos satisfatoriamente num rígido sistema de classificação e ideia”. (WATTS, 2009, p. 14).

às atitudes diárias, uma modalidade de meditação, específica do budismo zazen é colocada nas atitudes do dia a dia dos ocidentais.

Um exemplo é a reportagem “Culinária Zen – Comida zen estresse” (ALVES, 2010, p. 64 – ANEXO G), que mostra como são preparadas as refeições em um mosteiro de São Paulo. “Tudo foi tão japonês, tão zen e, ao mesmo tempo, tão familiar e humano” (ALVES, 2010, p. 67). Essa é uma tradição comum no Japão, uma das formas da meditação zen. Porém, na matéria, é colocada como uma forma de cozinhar, sem que seja citada a meditação zazen.

Outro caso é “Meditação ao ar livre: acalme a mente entre as pedrinhas do jardim zen – Jardimzinho, jardimão” (SANTOS, 2005, p. 39 – ANEXO H) que fala sobre jardim zen (um jardim de areia com pedras usadas pelos monges para meditação). Na matéria, dois subtítulos tocam em questões fundamentais ao budismo: contemplação e impermanência. Na contemplação, explica-se a composição do jardim zen: “Paisagem com poucos elementos e cores confortam a mente. Diante de tão pouca informação, o pensamento para de saltar de um assunto para o outro, como ocorre no dia a dia... É meditar com os olhos. Ou simplesmente contemplar.” (SANTOS, 2005, p. 40). Já em impermanência, “... aquele punhado de areia e pedras ensina ainda que nada é permanente, tudo é dinâmico, pois a cada vez que bate um vento ou se passa o rastelo o jardim é outro” (SANTOS, 2005, p. 41). Uma forma de ilustrar que a impermanência permeia tudo em nossas vidas.

Os preceitos do budismo foram novamente usados de forma utilitária, uma incorporação da contemplação e impermanência ao dia a dia das pessoas.

Nas edições 26 (ANEXO I) e 34 (ANEXO J), março e novembro de 2005, respectivamente, a revista *Vida Simples* aborda a “meditação cristã”. Na primeira matéria, a explicação: “É uma forma de oração em que a pessoa que está rezando busca as condições de silêncio, quietude mental e concentração – o objetivo de qualquer meditação – mas com o intuito de encontrar a presença de Deus”. (VASCONCELOS, 2005, p. 16). A matéria menciona Carlos Siqueira, dirigente da Comunidade Mundial de Meditação Cristã no Brasil, que afirma ser a meditação cristã muito parecida com a budista. “O que difere a meditação cristã de outras, como a budista, é a fé do meditante em Cristo e não em Buda”. (VASCONCELOS, 2005, p. 16).

Nesse momento um erro comum se repete: a crença de que o budismo entende Buda como um Deus. Assunto já tratado em Budismo.

Na outra reportagem, intitulada “Mantras do cristianismo”, a matéria coloca “Durante séculos, desde o tempo dos primeiros monges católicos (300 e 600 d.C.), a meditação fez parte do cristianismo” (ALVES, 2005, p. 64). Para trazê-la de volta, foi necessário um monge trapista ir à Ásia e confrontar suas crenças ao budismo e cristianismo.

A repórter coloca que o termo “meditação” não era usado, pois na tradição cristã ele está associado a reflexão e análise, o que pode causar confusão. Nesse caso, era chamada de “oração do coração”.

Desde 1975 existe a Comunidade Mundial de Meditação Cristã, em 50 países inclusive Brasil. O movimento é comandado por dom Laurence Freeman, ex-jornalista autor de “O Dalai Lama fala de Jesus”, tratando do diálogo inter-religioso.

Para James Heisig, fundador de um instituto que estuda budismo zen e cristianismo, colocado na matéria, “a experiência mística une as religiões, porque se refere a um sentimento comum a toda a humanidade. A doutrina, a razão, separa” (ALVES, 2005, p. 65).

Em baixo, há um passo a passo para quem quer começar, bem semelhante a meditação budista. O mantra recomendado é “maratana” (“Vinde Senhor”).

Na edição 29 de junho de 2005, a revista coloca oito passos para a escolha religiosa em meio a tantas opções, em “O vazio interior” (ANEXO K). A escolha de uma crença foi reduzida a uma receita de bolo, como se seguindo certos passos fosse possível escolher algo tão subjetivo. É o máximo do exemplo da religião vista como utilitária, talvez mais como uma filosofia a seguir. A matéria começa afirmando que a globalização chegou a religião, “De repente a oferta se tornou múltipla, diversificada”. (ALVES, 2005, p. 34).

O primeiro passo é “Para que Deus?”, que coloca o porquê da necessidade de uma crença, de um deus. “Simples: porque precisamos de uma explicação para a vida, um sentido para viver. Um sentido maior do que buscar satisfazer as necessidades básicas” (ALVES, 2005, p. 34). Ele é necessário para responder questões como “de onde eu vim?”, “qual meu papel no mundo?”.

A segunda etapa é “Para onde ir?”. A reportagem recorre ao mestre tibetano Chögyam Trungpa Rinpoche, que diz que as pessoas se aproximam de religiões por dois motivos: ampliar sua compreensão sobre a vida e o desejo de colecionar. “O colecionador, diz Trungpa, está ancorado na avidez, no desejo de ter mais e na desconfiança de que está perdendo alguma coisa se não provar de tudo. Em outras

palavras, ele se comporta como um consumidor compulsivo” (ALVES, 2005, p. 35). A atenção do colecionador é atraída pelo exótico, pela moda (fitinhas, talismãs...), sem que ele associe o que está consumindo. Essa busca desenfreada não é vista de maneira positiva. A orientação que fica é: antes de participar de uma linha espiritual a conheça bem.

O próximo passo é “O certo e o errado”. “A espiritualidade cumpre outra função importante em nossas vidas. Ela é uma bússola moral, é o que orienta as lições passadas por nossos pais sobre o que é certo ou errado” (ALVES, 2005, p. 35), Ken Wilber, pensador americano citado na matéria afirma que a busca frenética por diversas crenças pode levar a um erro dessa bússola moral.

Depois “Uma verdade só”, reconhecer que todas as religiões tratam de uma verdade única. O quinto passo é “Raiz espiritual”, que afirma que você está ligado a sua religião da infância. “Num determinado nível, tais raízes ainda o influenciam, mesmo que você troque de religião” (ALVES, 2005, p. 36).

A próxima etapa é “O que é bom para quem”. “Ele [o indiano Ravi Ravindra, professor de Religião Comparada] diz que existem religiões ou linhas espirituais adequadas para cada tipo de homem” (ALVES, 2005, p. 37). Quem é mais racional vai por um caminho, como o budismo, por exemplo. Os mais emocionais podem, de repente, escolher as tradições evangélicas. E os ligados a sensações físicas as religiões afro-brasileiras.

O penúltimo nível é “Aprofundamento”. É se aprimorar cada vez mais dentro da sua escolha, “... é preciso querer fuçar muito, mesmo dentro da nossa própria religião, para se receber algo especial em troca” (ALVES, 2005, p. 37).

Por fim: “Sossegue o facho”. Depois de escolhido seu caminho permaneça nele.

A análise da revista *Vida Simples* mostra uma visão um pouco diferente do que foi visto anteriormente. Ela foca no antropológico, mas de uma forma mais individualista, talvez por ser uma revista ligada ao bem-estar físico e emocional de cada um. As religiões orientais, especificamente o budismo, também têm essa visão de bem-estar e por isso serem usadas na revista. A forma utilitária é colocada para incorporar a religião – distante dos ocidentais – ao dia a dia, uma maneira de “usar” a religião da forma que convém.

5. CONCLUSÃO

A religião é uma criação do homem, insatisfeito com sua realidade, pois não consegue satisfazer seus desejos. Ela funciona como forma de evasão das frustrações que cercam a vida das pessoas. Cada religião é criada em determinado momento, correspondente ao contexto em que está inserida.

Com isso, é necessário que as religiões sejam adequadas a realidade na qual está inserida. O budismo, apesar de ser uma religião antiga, consegue atualmente responder a alguns anseios do homem moderno, como por exemplo, a busca por bem estar pessoal.

O cenário religioso do Brasil, com a queda de católicos e ascensão das religiões orientais e agnósticos, revela um novo personagem social: o religioso não institucionalizado, que busca sua própria crença, sem a imposição de divindade, dogmas ou rituais. Essa expansão, ocasionada entre outros fatores pela urbanização e pela individualização, torna a religião um produto, cujas pessoas podem usufruir da maneira que quiserem e quando quiserem.

Dentre essas religiões de *self service*, que convêm para tampar o vazio existencial que assola os seres humanos na era do consumismo e do individualismo, o budismo aparece como uma alternativa viável. Uma religião que se volta para o ser humano em si, sem idolatrar um deus e que não exige dedicação exclusiva, podendo ser conjunta a outras religiões.

Muitas ramificações do fenômeno religioso ainda precisam ser desmistificadas, como o que a religião revela sobre cada um, qual sua relação com o meio urbano e como ela está presente na imprensa. O estudo da intersecção entre jornalismo e religião é um promissor campo de pesquisa.

Em meio a tantas mudanças na relação com o campo religioso, a mídia tenta se adaptar, ao que parece, de acordo com o contexto onde está inserida. Fica claro que a religião tem um espaço difícil nos meios de comunicação, além disso, muitas das tentativas incluem um olhar etnográfico, o que demanda tempo, fator escasso na sociedade moderna.

Ao tratar a religião somente pelo factual ou como extraordinário, a imprensa deixa de tratá-la como fenômeno, como fonte de conhecimento. A revista *Vida Simples* desconstrói o orientalismo, mas consegue ao mesmo tempo mostrá-lo como

uma forma de mudança de atitude, cuidado com o mundo, exercício de convivência, justo os grandes problemas atuais.

Muitos são os critérios que fazem um fato virar uma notícia, como amplitude, proximidade, impacto, extraordinário, enfim. A religião tem um lugar difícil nos meios de comunicação, por exigir suas próprias regras de cobertura, mas alguns acontecimentos conseguem se encaixar nessas exigências.

Dos meios expostos, podem-se destacar alguns exemplos. As crônicas de João do Rio se caracterizavam pelo impacto que surtiu na sociedade da época. A reportagem “Milagre” da *Realidade* está dentro do critério de amplitude, já que o padre Antônio Rosa atraía uma quantidade enorme de pessoas. Na *Planeta*, o extraordinário ditou o motivo, como em “O homem que está mais próximo de Deus”. Por fim na *Vida Simples*, em “O Vazio interior”, a proximidade de questões atuais do homem moderno orientou essa e outras matérias.

O budismo encontrou uma forma de estar nas reportagens de revistas, sendo colocado como forma de levar a vida. Esse pode, possivelmente, ser um budismo abrazeirado, que conseguiu estar presente na mídia nacional por meio da filosofia do bem-estar individual e coletivo, procura incansável da sociedade atual.

É um grande desafio tentar entender os mecanismos que envolvem religião-indivíduo-sociedade e pautá-los como meras reportagens é um grande erro. Talvez o medo, a falta de informação e de tempo em uma redação atual impossibilite a cobertura adequada à população. De qualquer modo, há exemplos corajosos, como os expostos nesse trabalho, de um possível jornalismo religioso, independente da linha seguida. Esse trabalho é só um pontapé inicial para que futuros trabalhos possam contemplar e quem sabe cunhar uma nova modalidade jornalística.

Difícil pautar quais seriam os rumos desse gênero, porém pode-se afirmar que ele seria utilizado tanto para a carreira acadêmica quanto de jornalista. Na primeira para os estudos da relação jornalismo/comunicação e religião. Na segunda, como orientação ao colocar a religião em um meio de comunicação.

REFERÊNCIAS

Afina, Deus existe? **Revista Conhecer**. São Paulo: Duetto, 2011.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Pluralismo religioso e espaço metropolitano**. Apud MAFRA, Clara. ALMEIDA, Ronaldo de. **Religiões e cidades. Rio de Janeiro e São Paulo**. Organizadores. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

ALVES, Liane. O vazio interior. **Revista Vida Simples**. São Paulo, edição 29, junho 2005.

ALVES, Liane. Mantras do cristianismo. **Revista Vida Simples**. São Paulo, edição 34, novembro 2005.

ALVES, Liane. Comida zen estresse. **Revista Vida Simples**. São Paulo, edição 96, setembro 2010.

ALVES, Rubens. **O que é religião**. São Paulo: Primeiros Passos, 1981.

ALVES, Rubens. **O enigma da religião**. Campinas: Papirus, 1984.

ALVES, Rubens. **A maçã e outros sabores**. Campinas, SP: Papirus, 2005.

ALVES, Rubens. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

ARMSTRONG, Karen. **Buda**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BEATLES. Disponível em: <http://obaudoedu.blogspot.com/2010/07/viagem-dos-beatles-india.html>. Acesso em 17/11/2011.

BLOOM, Harold. **Jesus e Javé: os nomes divinos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

BOFF, Leonardo. **Teologia da Libertação: viva e atuante**, 2007. Disponível em: <http://diplomatieque.uol.com.br/artigo.php?id=26&PHPSESSID=2992afb2cd65c8594faad2ff286459fc>. Acesso em 17/11/2011.

BUBER, Martin. **Eclipse de Deus: Considerações sobre a relação entre religião e filosofia**. Campinas: Verus Editora, 2007.

Capa. **Revista Planeta**. São Paulo, edição 8, abril 1973.

CASTANEDA, Carlos. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Castaneda. Acesso em 17/11/2011.

CENSO 2010, disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Religiões_no_Brasil. Acesso em 16/05/2011.

Centro de Estudos Budistas Bodisatva. Disponível em <http://institutocaminhodomeio.org.br/escola-infantil>. Acesso em 16/05/2011.

CIVITA, Roberto. Uma revista contra os tabus. **Revista Bravo**. São Paulo, edição 163, março 2011.

COSTA, Helouise. SILVA, Renato Rodrigues da. **A fotografia moderna no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Cristo viveu no Japão? **Revista Planeta**. São Paulo, edição 7, março 1973.

CRUZEIRO (revista). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Cruzeiro_\(revista\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Cruzeiro_(revista)). Acesso em 28/10/2011.

Dharma. Disponível em: www.dharma.net. Acesso em 07/06/2011.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ESCOLA Soka. Disponível em <http://www.escolasoka.org.br/principal.html>. Acesso em 16/05/2011.

GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. / Jostein Gaarder, Victor Hellern, Henry Notaker; tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GALIANI, Fábio. O homem que está mais próximo de Deus. **Revista Planeta**. São Paulo, edição 8, abril 1973.

GALINDO, Daniel. GUSSO, Ana Cláudia. **Quando o sagrado vira moda**. Apud MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun. **Mídia e religião na sociedade do espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

GONÇALVES, Ricardo Mário. (2004), **O futuro dos templos budistas no Brasil**. Palestra pública por ocasião da celebração do 50º aniversário do Templo Nambei Honganji em Araçatuba (23 de maio de 2004) in USARSKI, Frank. **Declínio do budismo “amarelo” no Brasil**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/07.pdf>. Acesso em 16/05/2011.

HEUVELMANS, Bernard. Em busca da serpente marinha. **Revista Planeta**. São Paulo, edição 7, março 1973.

INSTITUTO NYINGMA. **Caminhos para iluminação**. Rio de Janeiro: Dharma Publishing, 2004.

JACOB, Cesar Romero; HESS, Dora Rodrigues; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. **Religiões e sociedade em capitais brasileiras**. Rio de Janeiro: PUC Rio; São Paulo: Loyola; Brasília: CNBB, 2006.

JÚNIOR, Wilson Corrêa da Fonseca. **Análise do conteúdo**. Apud DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

KALIL, Narciso. Apud RIBEIRO, José Hamilton. MARÃO, José Carlos. **Revista Realidade**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010.

KUCK, Claudio. ALEXANDRE, Douglas. Os budistas procuram a paz, 1969. Disponível em: <http://www.sociedadebudistadobrasil.org/quem-somos/historia/os-budistas-procuram-a-paz/>. Acesso em 28/10/2011.

KYOKAI, Bukkyo Dendo. **A doutrina de Buda**. Edição bilíngue independente.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Religião e metrópole**. Apud MAFRA, Clara. ALMEIDA, Ronaldo de. **Religiões e cidades. Rio de Janeiro e São Paulo**. Organizadores. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

MICHEL, Aimé. Deslocar sem o corpo. **Revista Planeta**. São Paulo, edição 9, maio 1973.

MONTEIRO, Charles. **Imagens sedutoras da modernidade humana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950**, 2007. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100007&script=sci_arttext.

MORAES, Letícia Nunes de. **Leituras da revista realidade: 1966-1968**. São Paulo: Alameda, 2007.

MOUSSEAU, Jacques. Um companheiro de Lúcifer. **Revista Planeta**. São Paulo, edição 7, março 1973.

NASSER, David. MANZON, Jean. **Chico Xavier, detetive do além**, 1944. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/ocruzeiro/12081944/chico.htm>. Acesso em 28/10/2011.

NERI, Marcelo Cortês. **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.

O'DONNELL, Júlia. **De olho na rua: a cidade de João do Rio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

ORDO Templi Orientis. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordo_Templi_Orientis. Acesso em 17/11/2011.

Os espíritos diferentes. **Revista Planeta**. São Paulo, edição 7, março 1973.

PARANHOS, Wilson. **Nuvens Cristalinas em Luar de Prata**. Rio de Janeiro: Fundação Educacional Editorial Universalista – FEEU, 1994.

PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. **Nós temos o que você precisa**. Apud MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; ENDO, Ana Claudia Braun. **Mídia e religião na sociedade do espetáculo**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

PAULA, Caco de. **Coleção para saber mais: Buda**. São Paulo: Editora Abril, 2003.

PLANETA (revista) Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revista_planeta. Acesso em 15/10/2011.

PLANETA (revista). Disponível em: http://editora3.terra.com.br/revista_planeta.php. Acesso em 17/11/2011.

REALIDADE (revista). Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Realidade_\(revista\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Realidade_(revista)). Acesso em 28/10/2011.

RELIGIÕES no Brasil. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Religiões_no_Brasil. Acesso em 16/05/2011.

RELIGIÃO em dados. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/religiao/>. Acesso em 28/10/2011.

RIO, João do. **Religiões do Rio**. 1904. Domínio Público. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=7617.

RIBEIRO, José Hamilton. MARÃO, José Carlos. **Revista Realidade**. Santos, SP: Realejo Edições, 2010.

ROCHA, Cristiana Moreira da. **O Budismo no Brasil**. Disponível em <http://www.nossacasa.net/shunya/default.asp?menu=885>. Acesso em 16/05/2011.

ROMANELLO, Jorge Luiz. **Considerações sobre a representação de um “bárbaro ritual” em uma capa da revista o cruzeiro, 2009**. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Romanello_Jorge.pdf. Acesso em 28/10/2011.

SANTOS, Priscilla. Jardimzinho, jardimão. **Revista Vida Simples**. São Paulo, edição 33, outubro 2005.

SHOJI, Rafael. (2004), **The nativization of East Asian buddhism in Brazil. PhD Thesis, University of Hannover** in USARSKI, Frank. *Declínio do budismo “amarelo” no Brasil*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/07.pdf>. Acesso em 16/05/2011.

TEOLOGIA da Libertação. Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=DGTBvFRmj1c>. Acesso em 17/11/2011.

TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação**. Apud DUARTE, Jorge. BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de bibliotecas. **Teses, dissertações, monografias e outros trabalhos acadêmicos**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de bibliotecas. **Referências**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

Universidade Federal do Paraná. Sistema de bibliotecas. **Citações e notas de rodapé**. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

USARSKI, Frank. **Declínio do budismo “amarelo” no Brasil**, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/07.pdf>. Acesso em 16/05/2011.

VASCONCELOS, Yuri. O que é meditação cristã? **Revista Vida Simples**. São Paulo, edição 26, março 2005.

VIDA Simples. Disponível em:
<http://www.publiabril.com.br/marcas/vidasimples/revista/informacoes-gerais>. Acesso em 14/11/2011.

WATTS, Alan. **O espírito do zen**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

XAVIER, Chico. Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/05/chico-xavier-atinge-marca-dos-3-milhoes-de-espectadores.html>. Acesso em 05/11/2011.

ANEXOS

ANEXO A – Cristo viveu no Japão?	60
ANEXO B – Um companheiro de Lúcifer	63
ANEXO C – Em busca da serpente marinha	75
ANEXO D – Capa	76
ANEXO E – O homem que está mais próximo de Deus	77
ANEXO F – Deslocar sem o corpo	78
ANEXO G – Comida zen estresse	92
ANEXO H – Jardimzinho, jardimzão	96
ANEXO I – O que é meditação cristã?	99
ANEXO J – Mantras do cristianismo	100
ANEXO K – O vazio interior	104

ANEXO A – Cristo viveu no Japão?

JORNAL DE PLANETA

MARÇO 1973

Nº 7

RELIGIÃO

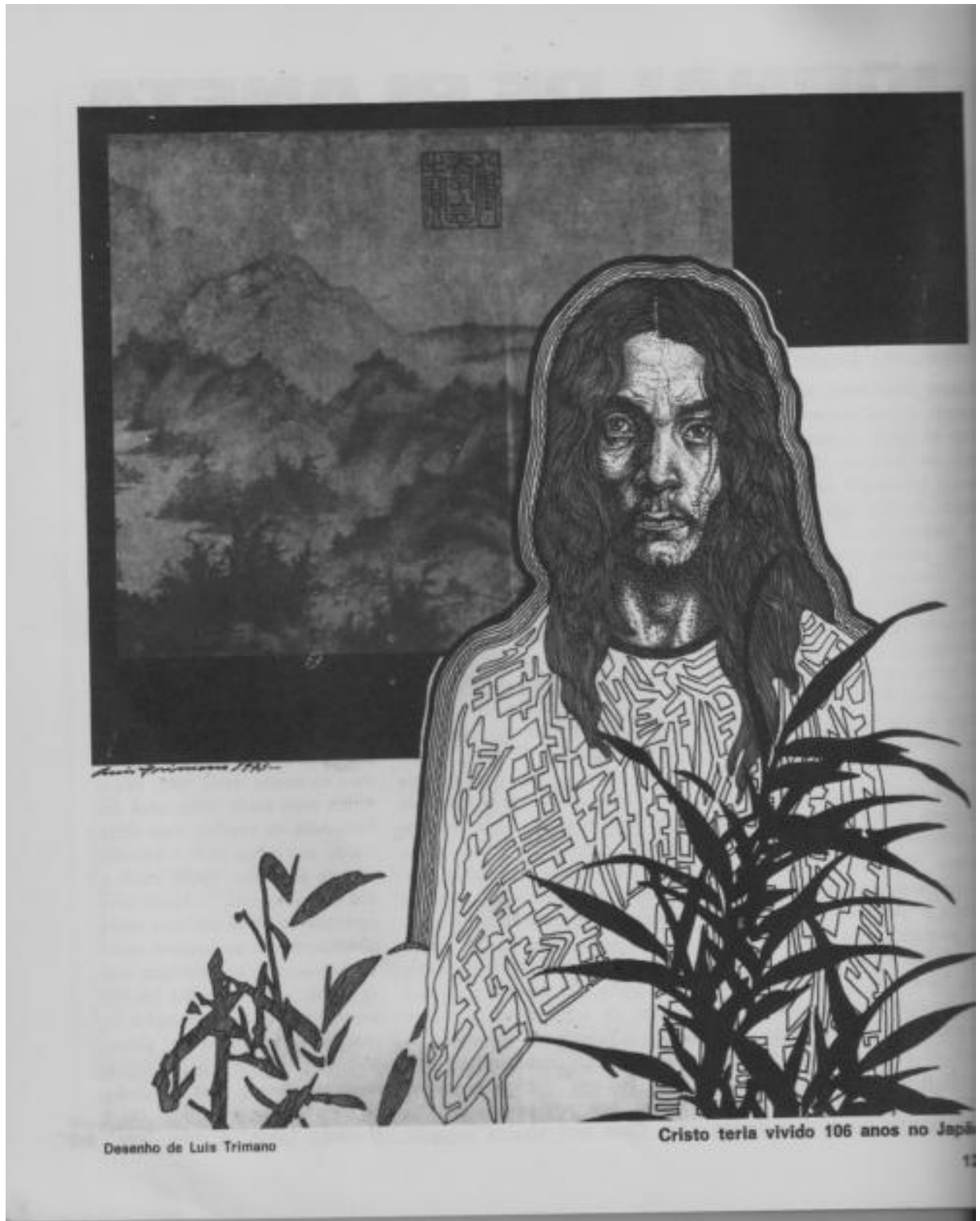
Cristo viveu no Japão?

Existe uma lenda no Japão, segundo a qual Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Senhor, o Salvador do universo, viveu numa remota aldeia em Aomori, bem ao norte da principal ilha japonesa. A origem desse rumor data de 1935, quando Hiromaro Takeuchi, da cidade de Isohara, prefeitura de Ibaraki, descobriu um velho documento em sua casa. Esse documento dizia que Jesus Cristo tinha vivido na aldeia de Heral (atual Shingo), perto da cidade de Hachinohe, na prefeitura de Aomori. De acordo com o documento, ele morreu pacificamente com a idade de 106 anos, naquela aldeia, ao invés de ser crucificado no Gólgota, em Jerusalém. O senhor Takeushi, seguindo sua descoberta, visitou a aldeia e descobriu, com a ajuda do prefeito, dois antigos túmulos. Esses túmulos eram chamados Torai-zuka e Todai-zuka, de acordo com o documento. O primeiro é tido como sendo o túmulo do Filho de Deus e o segundo o de seu irmão mais jovem. Outra coincidência foi que seus escritos foram descobertos

mais tarde e conservados na aldeia. Eles tinham sido guardados na casa de Shoji Kimura durante inúmeras gerações. Os atuais escritos, copiados por seu pai, começam com a sentença: "Este texto está escrito com as letras do céu..." Um funcionário público da aldeia observou sobre a lenda: "Jesus nasceu em Nazaré, na Galiléia. Como os Evangelhos tornam difícil traçar cronologicamente a vida de Jesus, esta, entre os doze e trinta anos não é muito clara. Isto se deve ao fato de que ele estava no Japão durante esse período". De acordo com os escritos, Jesus chegou num porto chamado Hashidate, na costa marítima do Japão, no tempo do imperador Suinin (27 a.C.). "Ele se tornou aluno de um sábio da província de Etchu (atual prefeitura de Touma), seguiu seus ensinamentos e aprendeu coisas sobre o Japão durante onze anos. Terminada sua educação, retornou a Jerusalém, via Mônaco, e espalhou seus conhecimentos sobre o Japão — país divino — entre sua gente. Ao contrário do que dizem os Evangelhos — continuou o funcionário da aldeia — Jesus não foi crucificado no Gólgota. Foi seu irmão mais jovem, Isukiri, que morreu em seu lugar. Com seus poucos seguido-

res, ele escapou de Jerusalém e visitou novamente o Japão, via Alaska, depois de perambular pela Sibéria por algum tempo. Desembarcou no porto de Hachinohe, em Aomori, e viveu na aldeia de Heral até sua morte natural." (Existe também uma lenda que Heral, nome da aldeia, foi extraído da palavra hebreu, pronunciada heburai em japonês). Seu nome japonês era Torai Taro Daitenku. Ele se casou com uma moça japonesa, Yumiko, e teve três filhas com ela. "Os escritos revelam também — diz ainda o funcionário — que ele viveu até o fim da sua vida natural, chegando à idade de 106 anos. Conforme seu último desejo, seus restos ficaram expostos aos elementos durante quatro anos no monte Heral. Seus ossos foram mais tarde enterrados em Torai-zuka. As orelhas e os cabelos do seu irmão Isukiri, trazidos por ele ao Japão, foram enterrados em Todai-zuka." O funcionário acrescentou ainda que eles estão completamente às escuras quanto à veracidade ou falsidade dessa lenda... Mas, alguns hábitos e costumes, únicos no Japão, foram preservados nessa aldeia, durante gerações. Ele classificou algumas dessas peculiaridades da seguinte maneira: 1 — Pai é chamado "dada" e mãe, "apa".

ANEXO A1 – Cristo viveu no Japão?



FONTE: PLANETA, 1973, p. 124.

ANEXO A2 – Cristo viveu no Japão?

"Ho-nya-kuray" quer dizer obrigado (ele se pergunta se essas palavras teriam sido extraídas do hebraico). 2 — Ao benzerem as crianças, uma cruz é desenhada na testa com tinta nanquim. 3 — A família Sawaguchi, que acredita ser descendente de Jesus Cristo, usa como brasão a estrela de Davi, na porta. 4 — A estrela de Davi aparece muitas vezes costurada nos colarinhos das camisas das crianças e, esse mesmo símbolo, em papel, é geralmente colado nas costas dos casacos. 5 — As roupas dos trabalhadores da aldeia — não mais usadas hoje — eram semelhantes às usadas antigamente em Israel. Além disso, um antigo morador das vizinhanças, Kozo Sasaki, diz: "Fomos ensinados a cuidar muito bem dos túmulos. Também nos foi dito que existiu, antigamente, uma grande cidade, chamada Shinanomachi, perto da aldeia de Heral. Ouvi também que existiam muitos túmulos perto dessa antiga cidade; mas a quem pertenciam os restos mortais ali enterrados é um mistério. Hoje não há mais relíquias. Entretanto — acrescentou o sr. Sasaki — pelo que eu sei, Jesus trabalhou muito pelo bem-estar do povo japonês mas não lhe transmitiu nenhum dos seus ensinamentos. Seus cabelos eram cor-de-cinza, com um ponto calvo no alto da cabeça, e usava sempre um manto. Era muito respeitado pelos moradores da aldeia." As festividades anuais de Cristo realizam-se no dia 10 de junho, atraindo muitos visitantes para

a grande apresentação: o festival de danças Bon. Essas danças se realizam diante dos túmulos.

ANEXO B – Um companheiro de Lúcifer



FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 69.

ANEXO B1 – Um companheiro de Lúcifer

Um companheiro de Lúcifer

Os pactos com o diabo existem. Aleister Crowley fez um. Ele se chamava a si mesmo de "A Besta". Era prodigiosamente inteligente e diabólico. Tinha poderes excepcionais: podia apagar uma vela a dez metros de distância, usando a força mental. Exercia fascinação sobre as mulheres, que se tornavam verdadeiras escravas, fazendo tudo que ele queria. Dizem que influenciou algumas idéias de Hitler, mas nunca se aproximou do ditador nazista. Rico, Crowley tornou-se mágico, depois de umas visões estranhas. Sua vida foi agitada, confusa. Morreu na miséria, arruinado por drogas.

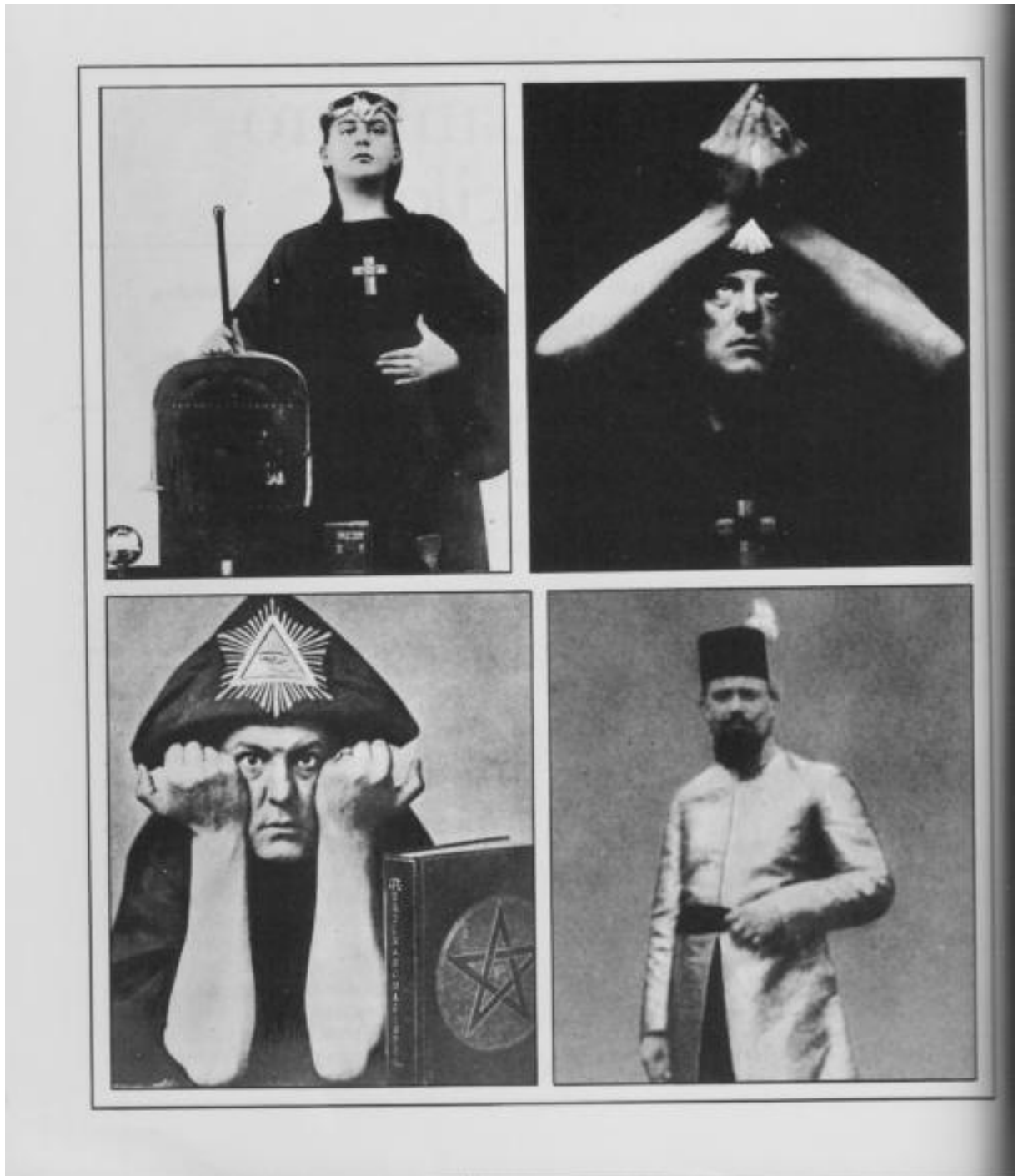
Por Jacques Mousseau

Por trás do pequeno porto siciliano de Cefalu, avistava o morro Santa Bárbara, com suas encostas cobertas de oliveiras. Parecia ver a minha frente, naquela manhã ensolarada de agosto, o homem estranho que, quarenta anos atrás, tinha vindo morar no local que lhe fora designado por um oráculo chinês. Hoje pouca gente se lembra de Aleister Crowley em Cefalu. Nos primeiros dias de abril de 1920, Crowley e sua amante americana Leah Faesi mudaram para a ilha. Desejavam fundar ali um templo de magia, uma usina de energia oculta que suplantaria o cristianismo num futuro próximo. Uma outra mulher os acompanhava: era Ninette Fraux, a segunda amante do mágico, e duas crianças. Uma delas era Poupée, filha ilegítima de Crowley e de Leah Faesi. Posteriormente,

outros discípulos do mago desembarcaram em Cefalu: Elizabeth Fox, a amante número três, Mary Butts e Cecil Maitland. Todos eles foram iniciados em diversos mistérios, como por exemplo o acasalamento de um bode, símbolo da fecundidade, com Leah Faesi. Estava ali também Norman Mudd que se demitiu de sua cadeira numa universidade da África do Sul para colaborar na edificação da grande obra mágica. Nunca houve muitos turistas visitando as colinas de Santa Bárbara, mas até o momento em que Mussolini expulsou dali Aleister Crowley, em 1922, o vaivém dos iniciados, adeptos e admiradores foi intenso. Aos novos visitantes, o mago oferecia primeiramente uma navalha para que cortassem o braço toda vez que empregassem a palavra "eu". Somente o mestre tinha o direito de empre-

FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 70.

ANEXO B2 – Um companheiro de Lúcifer



FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 70.

ANEXO B3 – Um companheiro de Lúcifer

Um companheiro de Lúcifer/71

gar esse pronome pessoal.

Aleister Crowley realizou em Cefalu a obra dos seus sonhos: fundar a abadia de Telemo imaginada por Babelais. O oráculo chinês informara-lhe que a hora tinha chegado. Na casa situada na encosta do morro Santa Bárbara, reinava a regra que Babelais inscrevera em letras douradas na porta de sua abadia imaginária: "Do what thou wilt shall be the whole of the law". (Faze o que desejas: este será o princípio fundamental da lei). Mas essa liberdade era a recompensa dada aos que tinham atingido a suprema sabedoria. Para chegar lá, era preciso primeiro submeter-se à vontade do mestre. Crowley, por sinal, comportava-se como um verdadeiro tirano junto aos fiéis que faziam retiro na abadia de Telemo, fossem hóspedes permanentes ou de passagem.

Nuas ao sol

Quando desejava punir suas inúmeras amantes de alguma desobediência, Crowley as expunha nuas, os braços em cruz, em cima dos rochedos que davam para o mar. Deveriam permanecer ali imóveis e mudas, marcadas a ferro no meio do peito com o sinete de seu senhor, abençoando interiormente a dependência que gozavam, até que uma ordem dele suspendesse o castigo. Os camponeses sicilianos costumavam contemplar com um de-

sejo distante aquelas estátuas de carne expostas à dureza das rochas. O pároco da aldeia procurava explicar da melhor forma possível a seus fiéis, que se escandalizavam, o comportamento excêntrico do senhor inglês — já que as autoridades italianas toleraram sua presença na ilha durante vários anos.

Todos os homens na abadia deviam raspar a cabeça, com exceção de uma única mecha em cima da testa. As mulheres tingiam os cabelos de vermelho ou de amarelo. Usavam um vestido azul celeste que caía como uma túnica sem pregas. Todos os membros da comunidade escreviam diários onde anotavam seus pensamentos e aspirações mais íntimas. O mestre, naturalmente, tinha livre acesso a essas confissões, tantas vezes quantas desejasse.

A casa de veraneio onde Crowley imaginava reunir energia mágica suficiente para conquistar o mundo era uma modesta construção térrea. Cinco quartos davam para a sala principal: o Sanctus Sanctorum ou o templo dos mistérios telêmicos. Em cima dos azulejos vermelhos, Crowley desenhou um círculo mágico e um pentagrama, cujas pontas tocavam as bordas da circunferência. O trono do sábio ficava a leste; o de sua amante número um, ou mulher escarlate, ficava a oeste. Nas paredes do templo, Crowley pintara pessoalmente todas as posições possíveis do ato sexual.

Era ali que os residentes diziam suas orações cinco vezes por dia, seguiam os ofícios gnósticos, sacrificavam animais, invocavam os demônios e entregavam-se aos ritos sexuais. A casa existe ainda hoje. Um coronel da aviação aposentado mora ali com sua família.

É muito difícil falar seriamente de um indivíduo que se gabava de ser "o homem mais

Etapas da vida de Crowley:

O mágico, no começo.

O guarda da chama.

Irmão Perdurabo. No chapéu,

o sol de Hórus. O livro é

a obra do mago Abra-Melin

O senhor Theorion (um dos pseudônimos dele).

ANEXO B4 – Um companheiro de Lúcifer

72/Personagens extraordinários

perverso da criação". Ocorre-nos imediatamente a idéia de um adolescente retardado, ou que ele não merecia o diploma honroso que se atribuiu a si mesmo. Crowley, de fato, parece ter sido um adolescente retardado e um psicanalista encontraria na sua infância austera algumas explicações para seu comportamento excêntrico.

Edward Alexander Crowley nasceu em 12 de outubro de 1875, em Leamington, na Inglaterra. Mais tarde, ele adotou o nome Aleister, por lhe parecer mais enigmático. Aliás, realizou prodígios de imaginação para descobrir uma genealogia nobre: pensava descender da grande família bretã de Querouailles. Pretendia igualmente que o grande poeta inglês do século 17, Abraham Crowley, era seu antepassado. Essa paixão dos nomes e dos títulos, juntamente com a dos disfarces, acompanharam-no a vida inteira. Quando se mudou para Londres, após terminar os estudos, adotou o nome de Wladimir Svaref. Na Escócia, o de Lord Boleskine e no Oriente, o de príncipe Chioa Khan. A lista dos seus nomes fictícios é interminável.

Na realidade, seu pai era um burguês austero da província, cuja família havia enriquecido fabricando cerveja. Na casa paterna, o dia começava com a leitura e o comentário de alguns versículos da Bíblia. Esse costume se repetia durante as outras refeições, até a hora de dormir, que era precedida de um último sermão. Não havia jogos nem distrações. Com dez anos, Aleister imaginava-se um futuro soldado de Cristo. Desde o fim de sua adolescência, porém, ele descobriu sua verdadeira vocação: seria um soldado do diabo.

Com essa disposição entrou para o Trinity College, uma das mais famosas faculdades de Cambridge. Ali, dedicou seu tempo à poe-

sia, inspirado pelas obras de Baudelaire e de Swinburne. Revelou-se igualmente um rebelde de idéias originais e excêntricas, cuja influência sobre os colegas foi bem cedo considerada nociva.

Uma série de revelações

O pai de Crowley morreu muito jovem deixando uma fortuna de 40 mil libras, o que iria permitir ao filho levar a existência que desejasse e, antes de tudo, abandonar-se a sua paixão de viagens. No dia 31 de dezembro de 1896, enquanto dormia num hotel de Estocolmo, Crowley foi acordado pela revelação de que possuía poderes mágicos. Descobria finalmente o que sempre desejou ser, inconscientemente: um adepto das ciências ocultas, um mago. Sua tarefa era partir à procura dos segredos que desenvolveriam seus dons, buscar as origens da magia, primeiro nas sociedades secretas do Ocidente, depois nos mosteiros do Tibet, com os logas da Índia e até mesmo da China distante. Talvez seu grande desejo fosse se tornar uma celebridade. E a magia lhe parecia um caminho seguro para alcançar a glória. Crowley entendia por magia a arte que dava ao indivíduo um controle secreto e eficaz sobre as forças da natureza.

A vida de Crowley foi uma sucessão de revelações e de emoções. Ele sempre tinha a impressão de ser conduzido para situações excepcionais. Pouco a pouco, passou a acreditar que era o novo Messias. Isso explicava as precauções que os demônios e o destino tomavam com sua existência.

Sua revelação número um foi a descoberta, em Paris, da *Magia Sagrada*, do mago Abramelin. Aleister Crowley fez dessa obra seu livro de cabeceira. A segunda revelação

ANEXO B5 – Um companheiro de Lúcifer

Um companheiro de Lúcifer/73

ocorreu alguns anos depois, no Egito. Uma voz misteriosa conduziu-o até a estátua do deus Horus, que estava marcada com o número 666 — o número da Besta no Apocalipse, que Crowley já havia adotado como seu. O deus egípcio ditou-lhe os 75 versículos de sua bíblia, *O Livro da Lei*.

Quando os instantes privilegiados se faziam mais raros, Crowley recorria aos pauzinhos chineses, que atirava em cima da cama ou de uma mesa e cujas ordens ele interpretava. "Se desejás entregar-se à magia — escreveu Abra-Melin — deves começar por construir um oratório segundo certas formas exatas. A porta deve abrir para o norte, no alto de um terraço coberto de areia fina de rio. Na extremidade do terraço deve haver uma pequena *loggia*, onde os espíritos demoníacos poderão se reunir." Em que

lugar Crowley deveria construir um templo mágico? Ele viajou muito tempo à procura de um local propício, até se decidir por uma pequena casa na Escócia, perto de Loch Ness. Foi ali que iniciou verdadeiramente sua vida de mágico praticante.

Aparentemente, seus primeiros passos no ocultismo revelaram inexperiência, pelo que aconteceu em sua casa. Seu cocheiro começou a sofrer de *delirium tremens*, uma vidente que fizera vir de Londres abandonou-o pela prostituição, o proprietário de sua casa desapareceu misteriosamente, um operário da vizinhança enlouqueceu e tentou matá-lo. Finalmente, o açougueiro da cidade, com quem havia brigado, cortou acidentalmente a artéria da perna e morreu.

Como explicar esses fatos? Simples coincidências ou manifestações de uma aura ma-



Crowley se tornou o príncipe Chioa Khan, numa viagem ao Oriente.

FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 73.

ANEXO B6 – Um companheiro de Lúcifer

74/Personagens extraordinários

léfica? No momento em que abandonamos o tom de narração neutra a propósito de Crowley, corremos o risco de passar por crédulos ou adeptos. Nosso objetivo, contudo, se limitará a contar a história de um homem estranho que, vinte anos após sua morte, continua envolto no mistério. Se Crowley não fosse um problema, primeiro para os psicanalistas, depois para os historiadores do ocultismo, que interesse teríamos por ele? O número dos psicopatas é infinito; o dos maníacos sexuais não é menor. Um dos enigmas colocados por Aleister Crowley é a constância de certas obsessões em sua vida.

Difícilmente podemos negar que havia algo



Crowley como Baphomet, chefe supremo da Silver Star — sociedade secreta.

nele do adolescente perverso. O sexo dominou sua existência e ele era dotado nesse setor de apetites insaciáveis. Não dava a mínima importância à idade, sexo ou atributos físicos das pessoas com quem praticava suas orgias. Talvez preferisse as mulheres feias. Mas a sexualidade nunca foi para ele a satisfação banal das necessidades físicas. Ela esteve sempre intimamente ligada a suas práticas mágicas.

Se for exato que a energia sexual sublimada é um dos elementos da ioga ou da magia branca, é possível também que a orgia ajude o mágico a entrar em contato com forças negativas e destruidoras. Isso explica por que centenas de mulheres estiveram associadas à vida de Crowley. Se muitas delas desconheciam a virtude, muitas outras não pareciam destinadas à promiscuidade. Duas das três esposas do mágico terminaram a vida num hospício. Inúmeras amantes dele perderam a fortuna, a honra e a essência imaterial da feminilidade.

Aleister Crowley, por sua vez, tinha uma opinião medíocre das mulheres. Dizia que elas deveriam ser entregues em casa como o leite, pela entrada de serviço. Mesmo assim, ele exercia sobre elas um fascínio indefinível. Possivelmente, um poderoso magnetismo sexual emanava dele. Por outro lado, ele recorria a qualquer artifício para acentuar esse dom, indo da hipnose aos perfumes afrodisíacos.

Contam que certo dia, em Londres, Crowley parou diante de uma vitrina, ao lado de um casal de jovens. A moça o seduziu especialmente. Algumas horas mais tarde, ela o acompanhou a um hotel onde passaram dez dias juntos. Satisfeito o desejo da novidade, ele afastou-se dela como de tantas outras cuja existência havia arruinado. Nesse meio tempo, o marido havia iniciado um

ANEXO B7 – Um companheiro de Lúcifer

Um companheiro de Lúcifer/75

processo de divórcio.

Por que motivo aquela moça recém-casada seguiu a Besta — como ele próprio se denominava? Essa pergunta nunca recebeu uma resposta satisfatória.

Os superiores desconhecidos

Certas idéias adotadas por Crowley em suas conversas ou em seus livros, poderiam ter sido pronunciadas por Hitler. Segundo alguns historiadores, Hitler sabia da existência do mago negro e mencionou pelo menos duas vezes seu nome em público. Crowley, bem entendido, nunca representou o papel do líder nazista, nem tampouco exerceu sua influência. Mas durante toda sua vida esteve cercado de fiéis dispostos a segui-lo, de mulheres prontas a amá-lo, de amigos que o entretinham, de discípulos que divulgavam suas idéias. Sua fortuna foi dilapidada em dez ou quinze anos. Se mais tarde, durante cerca de trinta anos, conheceu dificuldades econômicas, encontrou sempre alguém que lhe pagasse as viagens, que lhe fornecesse cocaína e haxixe.

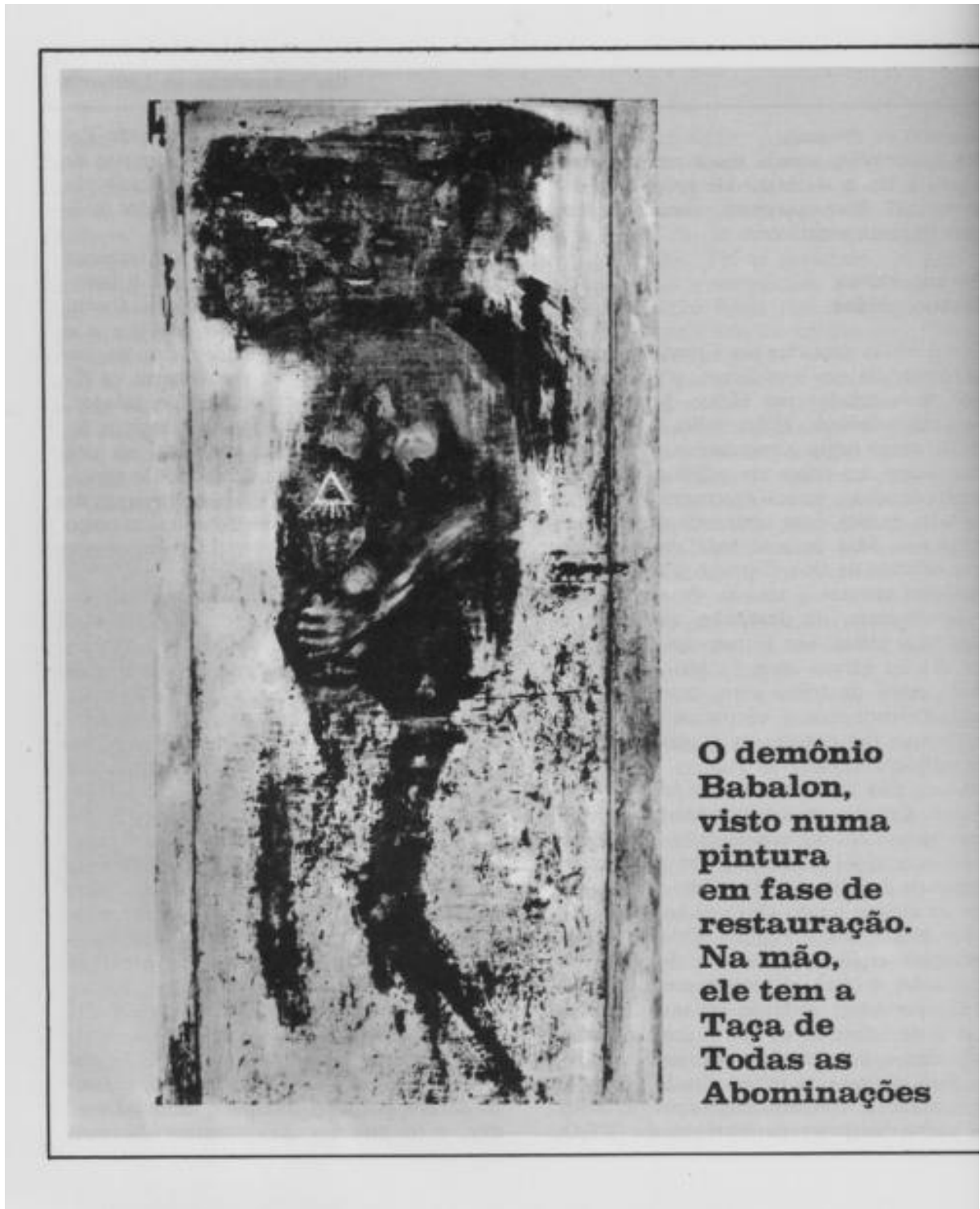
Embora não tenha conhecido pessoalmente Hitler, Crowley manteve contatos oficiais com os serviços secretos alemães. Em 1921, recebeu a visita inesperada, em seu apartamento de Londres, de Theodore Reuss, que era ao mesmo tempo chefe da sociedade secreta alemã Ordo Templis Orientis e um autêntico espião. O objetivo da visita de Reuss foi criticar violentamente o mágico inglês por haver revelado em seus livros as regras de iniciação de sua ordem. Crowley defendeu-se com eloquência e jurou que seria mais discreto no futuro. Os dois homens separaram-se cordialmente, após Crowley ter aceito dirigir o ramo britânico da O.T.O.

— função que exerceu sob o nome de Baphomet. Esse episódio foi o coroamento de uma complicada peregrinação realizada por Crowley, junto às principais sociedades ocultistas do Ocidente.

Ele conheceu na Suíça, depois de terminar os estudos, um químico inglês que o introduziu à sociedade secreta Golden Dawn, da qual faziam parte Arthur Machen e o poeta Yeats. Após ter sido aceito na ordem, Crowley percorreu rapidamente os diversos graus de hierarquia: neófito, zelador, teórico, prático e filósofo. Ao atingir o último posto, ele desejou conhecer um dos Superiores Desconhecidos, espécie de supermágicos que controlam as ações humanas de algum mosteiro secreto no Tibet ou em outro lugar do mundo.

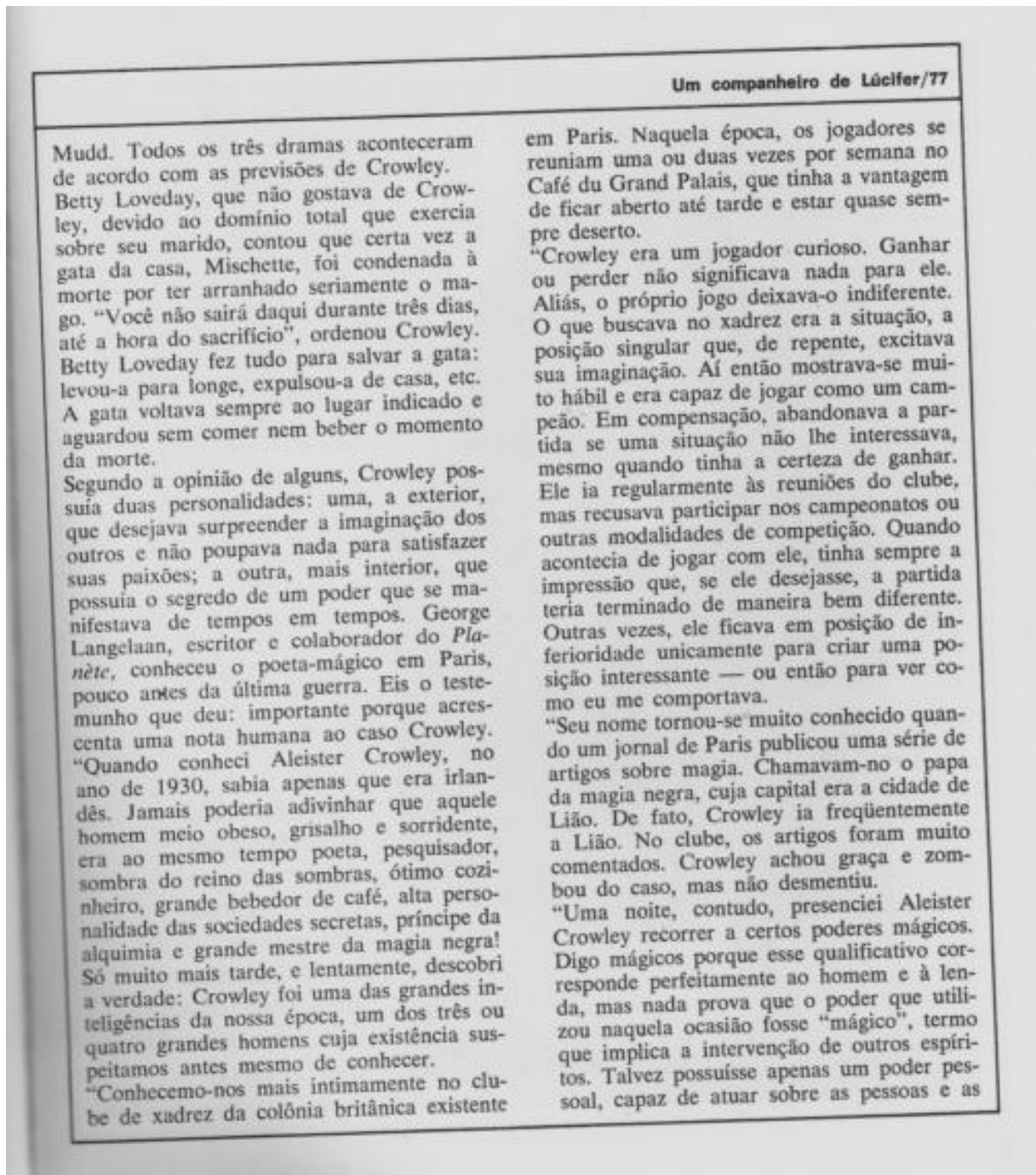
Seu desejo concretizou-se certa noite em Paris, quando encontrou no Bois de Boulogne o chefe da sociedade secreta inglesa, Mathers, e mais três grandes magos. Depois desse encontro, Crowley não suportou mais ocupar uma posição secundária. Rompeu com Mathers e fundou sua própria sociedade iniciática, a Silver Star, cujo selo secreto era A.: A.:. Somente em Londres essa sociedade contava 38 membros em 1914. A dúvida é saber se Aleister Crowley foi um verdadeiro mágico e iniciado ou se apenas representou esse papel durante a vida inteira. O mais provável é que ele tenha desenvolvido ao máximo certos poderes latentes que existem em todos os indivíduos. Contam que em Cambridge ele praticava exercícios de concentração mental. Segundo o testemunho de um professor, ele podia apagar uma vela, colocada a dez metros de distância, pela simples força da vontade. Em Cefalu, predisse a morte de Poupée, a morte de um primeiro discípulo, Raoul Loveday, e o suicídio do professor Norman

ANEXO B8 – Um companheiro de Lúcifer



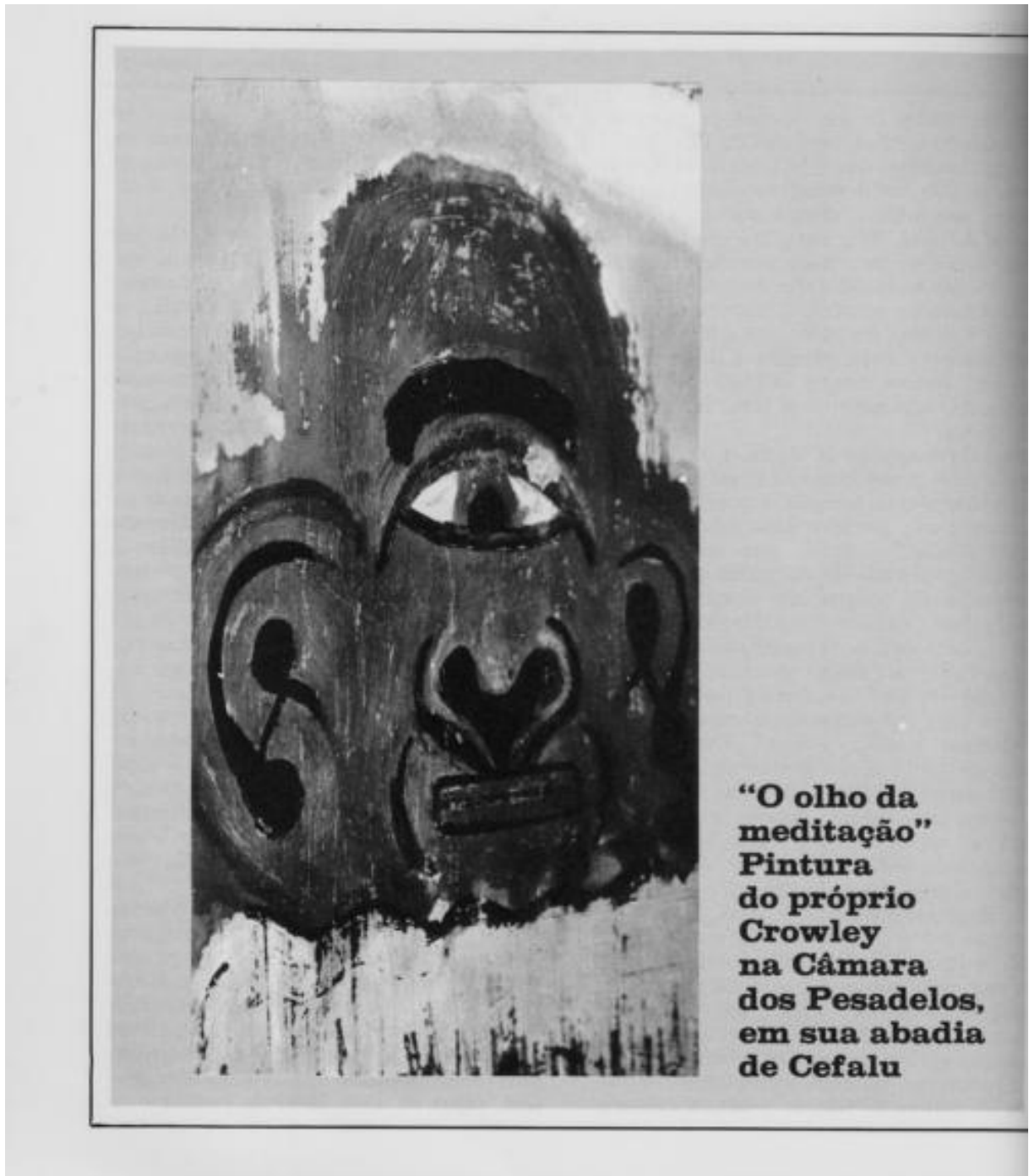
FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 76.

ANEXO B9 – Um companheiro de Lúcifer



FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 77.

ANEXO B10 – Um companheiro de Lúcifer



FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 78.

ANEXO B11 – Um companheiro de Lúcifer

Um companheiro de Lúcifer/79	
<p>coisas. Eis como o fato se deu:</p> <p>“Crowley aceitou, excepcionalmente, participar de um campeonato de xadrez. O capitão da nossa equipe rogou-lhe esse favor quando soube que iríamos enfrentar adversários muito fortes. Como bom estrategista, nosso capitão colocou Crowley no tabuleiro número um, sacrificando-o ao jogador mais forte do time adversário. Dessa forma, os outros jogadores do nosso time teriam uma possibilidade maior de ganhar.</p> <p>“Crowley sentou-se sorrindo em frente ao tabuleiro e, sem nenhuma modéstia, jogou mal e muito depressa. Às vezes encontrava uma combinação interessante que obrigava o adversário a refletir algum tempo antes de responder. Perdeu a maior parte das partidas, mas conservou sempre seu sorriso. À medida que as partidas se sucediam, Crowley encontrou-se diante de um dos melhores jogadores do mundo naquela época, o mestre Tartakower. Certo de marcar um ponto para sua equipe, o grande mestre jogava muito calmo. Crowley também estava perfeitamente tranquilo, à procura, como sempre, de uma posição interessante. Mais ou menos uma hora após o início da partida, Crowley aproveitou que seu adversário refletia, para dar uma volta pela sala e observar os outros tabuleiros.</p> <p>— Nada brilhante — disse ao capitão da nossa equipe.</p> <p>— Pois é. E você? Como está sua partida com Tarta?</p> <p>— Continuo somente por uma questão de ética. Mas ele vai ganhar. Já me comeu um peão.</p> <p>— Não tem esperança de empatar?</p> <p>— Por que não ganhar, já que estamos no jogo? — disse Crowley sorrindo.</p> <p>— Seria um ponto precioso para nós, um ponto que nos salvaria da desclassificação...</p>	<p>— Olha, meu velho, não entendo nada de contagem de pontos, mas, se for realmente tão importante, vou dar um jeito.</p> <p>— Claro que é importante, mas como?...</p> <p>— Vou organizar meu jogo, pelo menos esta vez — disse Crowley voltando ao seu tabuleiro.</p> <p>“Alguns minutos depois, jogou, parou seu relógio e pôs em movimento o do adversário. E dirigiu-se então ao banheiro que ficava no subsolo. Eu o tinha visto sair mas não pensava mais nisso quando descí por minha vez. Encontrei-o em mangas de camisa, com o colarinho aberto, diante de um espelho. Olhava-se fixamente e fazia uma ginástica estranha com as mãos e os braços, como um hipnotizador, só que empregava uma gesticulação semelhante à dos surdos-mudos. Sorriu ao perceber o esforço que fazia para ficar sério e disse: — Não é nada. Estava em conferência com o barão. — Nunca fiquei sabendo quem era esse barão!</p> <p>“Imaginem minha surpresa, poucos instantes depois, quando vi Tartakower derrubar seu rei em sinal de abandono! Ele perdera a partida em consequência de uma jogada estúpida, imperdoável para um mestre.”</p> <p>Algum tempo depois dessa noite, Aleister Crowley foi expulso da França, como havia sido da Itália. Magia negra? Espionagem? As razões que motivaram essa decisão nunca foram divulgadas. Ao morrer, em 1944, numa pequena pensão ao sul da Inglaterra, o poeta-mágico estava reduzido à miséria. Sua solidão moral e afetiva era quase total. Sua saúde arruinada há alguns anos, pelo uso de drogas. A grande inteligência que o servira na vida tinha sido o próprio agente de sua destruição. Ninguém pode fazer impunemente um pacto com o diabo: a lição do doutor Fausto não pertence apenas ao domínio da lenda. ☸</p>

FONTE: MOUSSEAU, 1973, p. 79.

ANEXO C – Em busca da serpente marinha (trecho)

Em busca da serpente marinha

Daqui a 2 mil anos, quando um paleontólogo descobrir uma imagem do pato Donald, o que vai pensar? Acreditaria que foi um deus do passado? As aves, os animais e os monstros sempre povoaram a imaginação do homem. Seres híbridos, metade homem, metade touro. Mulheres com caudas e escamas de peixe. Homens com cabeça de leão ou pássaro. Um leão com rosto humano. A humanidade sempre cultivou tais mitos. Sempre precisou deles. O que são? O que representam? E como é que eles nascem e se desenvolvem.

Por Bernard Heuvelmans

Falando dos animais fantásticos que povoam a mitologia universal, o barão Georges Cuvier dizia, em 1821, com seu risinho sarcástico: "Esperemos que ninguém tente seriamente encontrá-los na natureza, senão iriam querer encontrar os animais de Daniel ou a Besta do Apocalipse". Aparentemente alguns sábios não tomaram conhecimento da advertência do pai da paleontologia: procuraram esses animais na natureza... e muitas vezes os encontraram. Em 1886 o geólogo Charles Gould publicava o resultado de suas pesquisas nesse campo no livro *Mythical Monsters*. Considerava que "a maior parte dessas criaturas não são quimeras, mas objeto de estudos racionais", pois são produtos de adulte-

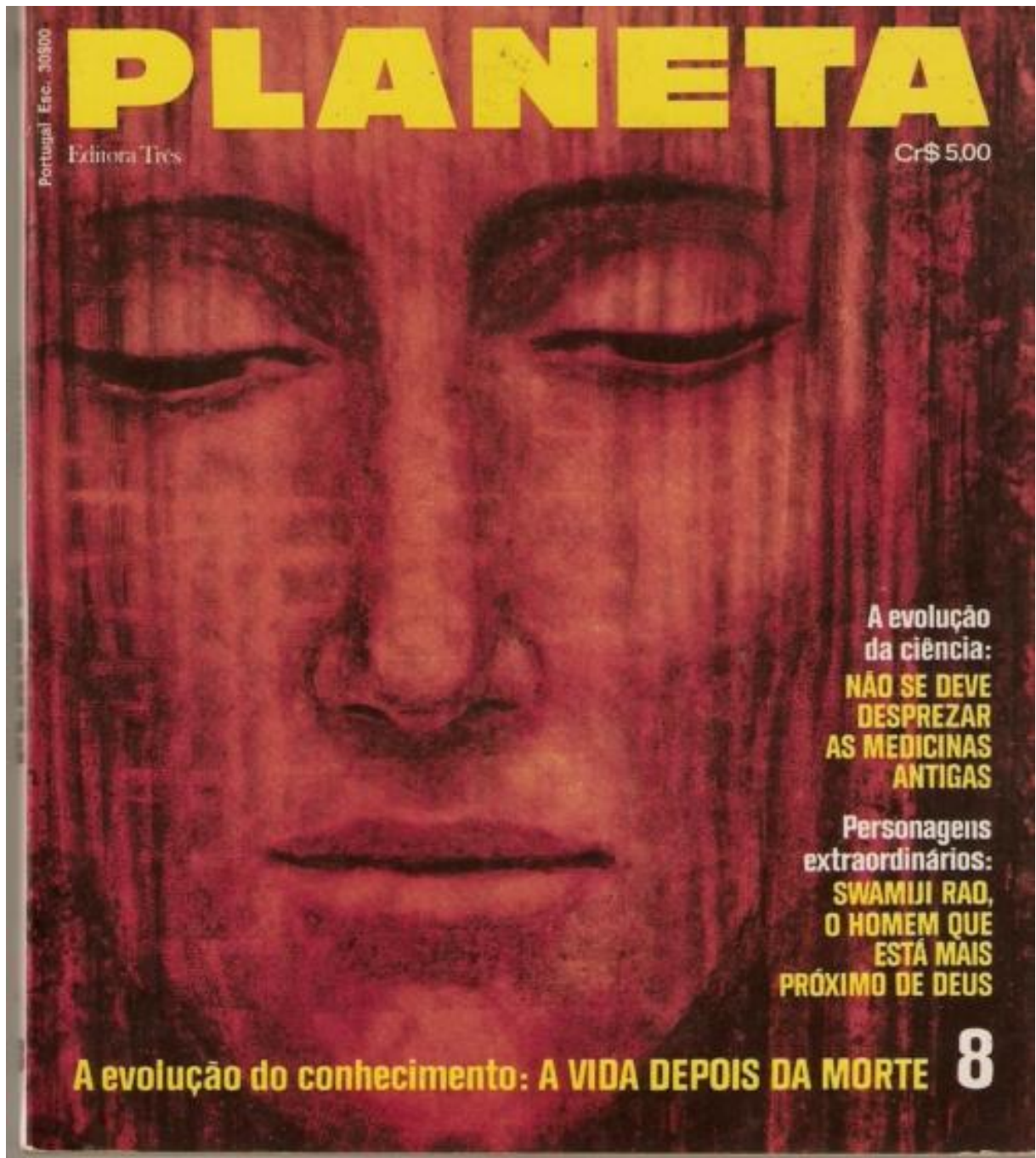
rações e não de invenção. Segundo ele, as antigas lendas sobre dragões, serpentes marinhas, o unicórnio e a fênix se inspiraram em animais bem reais.

Atualmente alguns zoólogos não desdenham semelhantes pesquisas. Hyatt Verrill, Willy Ley e Richard Carrington têm se dedicado a elas. Por outro lado Odell Shepard em *The Lore of the Unicorn* (1930) desmontou inteiramente a explicação do nascimento do mito do unicórnio a partir de fatos zoológicos, e Maurice Burton deu uma interpretação muito engenhosa da lenda da fênix em *Phoenix Reborn* (1959). Felizmente para o progresso de nossos conhecimentos, os sarcasmos jamais impediram que espíritos audaciosos prosseguissem em suas pesquisas. Convém lembrar, a propósito, que Cuvier considerava as teorias evolucionistas de seus colegas Lamarck e Geoffroy Saint-Hilaire, complementos inoportunos às *Metamorfoses* de Ovídio.

Dragão. Detalhe do "Apocalipse", de Angers. Tapeçaria francesa do século 14

FONTE: HEUVELMANS, 1973, p. 21.

ANEXO D – Capa



FONTE: PLANETA, 1973, capa

ANEXO E – O homem que está mais próximo de Deus (trecho)

O homem que está mais próximo de Deus

Ele anda sobre o fogo sem se queimar, bebe ácido como quem bebe água fresca, deixa-se enterrar sem morrer sufocado. Esse homem extraordinário possui duas casas mas vive numa casinha de cachorro; possui três carros mas prefere andar a pé pelo seu país: a Índia. Depois de ter sido palhaço de circo e ator de cinema, viajou pelo mundo. Hoje, depois de adquirir o domínio completo do corpo, ele vive apenas para si e para Deus. Tudo que ele faz é para elevar ainda mais seu espírito.

Por Fabio Galiani — Fotos de Baldev

Uma casinha de tijolos, toda caiada de branco e pouco maior que uma casinha de cachorro. Diante da porta, sentado na posição de lótus (pernas cruzadas e mãos na altura dos joelhos, com os indicadores e polegares reunidos, formando dois círculos), sobre uma esteira de bambu, o grande velho: Swamiji L. S. Rao, o mais famoso, o mais glorificado, o mais próximo de Deus de todos os hata-íogues indianos.

Estamos no coração da Índia meridional: 300 quilômetros a nordeste de Bangalore, no Estado de Mysore. Levamos três dias para encontrar Swamiji L. S. Rao. Nas pequenas regiões, nas vilas dispersas onde os macacos eram os primeiros a se aproximarem do nosso carro, curiosos de verem de perto as pessoas estranhas, todos o conheciam. Chamavam-no com respeitosa

familiaridade de Swamiji, que significa pouco mais que mestre, ou simplesmente “guia” — o homem que te pode conduzir bem próximo de Deus — (traduziram-me de diversos modos esse termo), mas ninguém sabia me dizer onde poderia encontrá-lo.

“Porque — diziam — Swamiji está com Deus e caminha para onde manda seu coração. Desse mesmo modo aparece por estes lugares. Pode chegar hoje, amanhã, ou daqui a um mês — nem ele mesmo sabe.” Finalmente, no terceiro dia de procura, encontramos em Tumkuru, uma indicação certa. Depois de viajar uma hora de carro, chegamos a um lugarejo tão pobre quanto disperso, do qual não sei sequer o nome, perdido entre árvores e, como sempre, apinhado de macacos e crianças.

A partir daí não era mais possível continuar de carro. Caminhamos então mais ou me-

ANEXO F – Deslocar sem o corpo



FONTE: MICHEL, 1973, p. 73.

ANEXO F1 – Deslocar sem o corpo

Deslocar sem o corpo

Você pode abandonar seu corpo e se deslocar no espaço. Uma série de experiências científicas está sendo feita neste sentido. O indivíduo abandona um corpo cansado e sai a "passear".

O mito de "qualquer" coisa que pode abandonar o corpo e se deslocar no espaço e no tempo, em absoluta liberdade, já era conhecido em todas as religiões. Os cristãos atribuem a proeza do "deslocamento" a personagens veneráveis, inclusive certos místicos recentes como dom Bosco ou o padre Pio. Mas a ciência só muito recentemente é que se interessou pelo assunto com seriedade.

Por Aimé Michel

Ilustrações de Ennio L. Possebon

Acredita-se cada vez mais na realidade do *deslocamento*, que teve um papel predominante no pensamento antigo da Sibéria e da Ásia setentrional. Vários povos desenvolveram culturas fundadas no *chaman*, indivíduo excepcional, ao mesmo tempo feiticeiro, padre e médico, capaz de entrar em transe e nesse estado viajar "pelo pensamento", "pela sua alma" ou "pelo seu duplo", para regiões afastadas da Terra, para o país dos mortos ou o país dos deuses.

O *chaman* é procurado por todos em todas as ocasiões importantes. Procuram-no quando estão doentes, quando perderam um animal doméstico, antes da caça, enfim, em todos os casos em que deve ser tomada uma decisão, cuja resolução depende de um conhecimento inacessível pelas vias normais. O *chaman*, seja ele africano, polinésio ou

siberiano, procede sempre da mesma maneira. Ele entra nesse estranho estado fisiologicamente chamado *transe*, uma espécie de sono *exteriormente* semelhante ao sono hipnótico. Ao despertar, ele acredita ter deixado seu corpo e ter-se reintegrado em seguida. O transe pode ser espontâneo. É precedido, geralmente, por um breve recolhimento na semi-obscuridade, por uma dança mais ou menos frenética ou uma música lancinante. Pode ser provocado também por meios mais radicais: a ingestão de determinadas substâncias. Os mongóis e os antigos egípcios utilizavam um cogumelo venenoso, o *Amanita Muscaria*, a fim de provocar a alucinação profética. Também o *Peyotl*, veneno tirado de uma espécie de cacto, servia e ainda serve para o mesmo fim entre índios do México.

Nesse aspecto, o assunto interessa aos bio-

ANEXO F2 – Deslocar sem o corpo

74/As fronteiras da pesquisa

químicos, aos farmacotécnicos, aos psiquiatras e aos sociólogos. Certos homens com o sistema nervoso em estado precário têm experimentado, por vezes, os estados de consciência particulares marcados pelas alucinações. Essas alucinações têm um caráter sagrado nas sociedades primitivas e nos grupos que, nas sociedades desenvolvidas, ainda participam da mentalidade primitiva.

O naufrágio do iate Le Rollon

Há mais alguma coisa por trás das alucinações chamânicas? É, como diz Jung, pelo subterfúgio do "rumor" que o problema acaba por se impor à curiosidade dos pesquisadores. De tanto ouvir falar das histórias estranhas que se passam nas alucinações, provocadas ou espontâneas, eles têm procurado saber o que realmente existe.

A primeira fonte do "rumor", nos países ocidentais, é um tipo de experiência (verdadeira ou simulada) da qual todos ouvimos, num momento ou noutro, algum eco. É um filho morto visto a distância por sua mãe, ou uma esposa pelo seu marido. O folclore marinho é repleto de narrativas dessa espécie. Temos aqui a narrativa de uma experiência vivida pelo pintor Parsus.

"Eu era pensionista na casa de campo Abdel-Tif em Argel, onde ocupava um pequeno apartamento com minha mulher. Uma noite, quando dormia, vi uma luminosidade esverdeada. Essa luminosidade encorpava e me senti de repente transportado para um corredor estreito, iluminado e alagado.

Devido à forte oscilação compreendi que me encontrava num navio em vias de naufragar. Então, surgiu na minha frente um homem alto, com o cabelo todo molhado

e aparentemente esgotado. Avançava para mim apoiando-se nas paredes do corredor como se fosse cair. Por um momento ele se endireitou, voltou lentamente a cabeça e passou as mãos sobre o rosto. Eu o reconheci. Era o meu amigo... que eu deixara em Paris, algum tempo atrás. Seu rosto desvairado estava tão apavorante que gritei e acordei num sobressalto.

Embora eu estivesse perfeitamente acordado e sentado na minha cama, a visão permanecia diante de mim. Ainda tive tempo de me precipitar sobre ele e de exclamar: 'É X...! Ele está naufragando no Rollon!' Então tudo desapareceu. Mas a cena havia sido tão surpreendente, tão real enquanto durou, que ao me ver minha mulher ficou tão agitada quanto eu. Contei-lhe que tinha visto X... em seu iate sem entender como ele poderia estar nessa situação, já que no momento deveria encontrar-se em Paris. O que eu experimentara me parecia em tudo diferente de um sonho, tão convincente quanto a própria realidade. Semanas mais tarde, num café, a manchete de um jornal atraiu a minha atenção: 'Sindicância sobre o desaparecimento do Rollon'. Dizia que o iate continuava desaparecido, e tudo indicava que havia naufragado durante uma tempestade ao largo da Sardenha. A data mencionada era a mesma da minha 'alucinação'."

As fichas do laboratório de Duke

Sabemos que Anatole Le Braz passou parte de sua vida recolhendo narrativas desse tipo, num país onde a tradição marinha multiplica a frequência dos dramas de ausência: nenhuma circunstância nos parece mais

ANEXO F3 – Deslocar sem o corpo

Deslocar sem o corpo/75

favorável à eclosão do “rumor”. Mas que valor objetivo podemos atribuir à narrativa de Parsus e às de Le Braz? Ciência alguma se fundamentaria apenas sobre o testemunho humano. O testemunho é da área da apreciação jurídica. Mas o que os jurados estabelecem não é a verdade científica. Um testemunho múltiplo não importa mais que o fato singular. Ele não é mais científico por ser geral.

Mas se o testemunho, apenas, não pode satisfazer as exigências da pesquisa estrita, pelo menos pode e deve despertar o interesse. Assim, numerosos pesquisadores, como Meyres, Charles Richet e, recentemente, a dra. Luisa Rhine, da Universidade de Duke, têm se esforçado nesse sentido, pesquisando de maneira sistemática.

É certo que não nos afastaremos do domínio do testemunho e portanto do “rumor”. O número de casos recolhidos (alguns milhares) e o espírito empregado em seu estudo coloca-os num nível bem acima do folclore e da lenda. Possuímos um extrato de fichas do laboratório de Duke. A dra. Rhine classificou entre as experiências alucinatórias o fato que vamos relatar. O caso é um pouco complicado. Numa tarde de 1947, uma jovem americana, Pat, encontrava-se na Inglaterra. Estava com uma senhora, cujo filho, Allen, ela conhecera intimamente durante a ocupação da Alemanha.

Pat estava inquieta nessa tarde e disse várias vezes que alguma coisa atormentava Allen. Entre as imagens que obcecavam a sua mente, havia uma estrada de uma certa região da Alemanha, que eles haviam percorrido várias vezes juntos. Essa inquietação da jovem foi numa quarta-feira. Dois dias depois chegou uma carta de Allen perguntando-lhe se estivera na Ale-

manha, na quarta-feira precedente. Numa segunda carta ele dizia o seguinte: “Quarta-feira passada, a tal hora, íamos de carro para Y Y... conduzindo um prisioneiro. Além do motorista alemão havia mais dois soldados, um deles era Gerry (outro amigo de Pat). A estrada (era a mesma em que Pat pensara) que percorríamos era margeada por um bosque cortado por inúmeras veredas, das quais víamos apenas o acesso.

Quando o motorista ia ultrapassar um pesado caminhão de reboque, uma jovem saiu repentinamente de uma das veredas, colocou-se na nossa frente agitando os braços como para nos parar. O motorista freou secamente praguejando contra ‘essas mulheres avoadas’. Foi então que num relance Gerry e eu reconhecemos você, Pat!

A aparição sumiu tão repentinamente quanto havia surgido. Nesse momento, o pesado reboque se desprende do caminhão e foi se espatifar na beira da estrada, diante da vereda de onde a jovem saíra. Se não tivéssemos sido detidos pela aparição, teríamos sido esmagados”.

A curiosidade aqui vai mais longe. A dra. Rhine conta que o companheiro de Allen, Gerry, foi interrogado separadamente, mais tarde, e confirmou plenamente a narrativa do amigo.

O mais impressionante é que os cinco homens interrogados descreveram exatamente a roupa que Pat vestia naquela tarde, no momento do acidente, quando ela se encontrava com a mãe de Allen a centenas de quilômetros de distância.

O relatório nada deixa a desejar. Os testemunhos são concordantes. Se isso se apresentasse num processo com uma cabeça em jogo, nenhum júri hesitaria em se pronun-

ANEXO F5 – Deslocar sem o corpo

Deslocar sem o corpo/77

ciar. Mas se trata de outra coisa: os fatos são do tipo que classificamos de inacreditáveis, quaisquer que sejam as testemunhas. Vamos deixar de lado, por um momento, a questão de sua autenticidade e nos ater ao "rumor", ou seja, a existência do relato e das pessoas que o fizeram.

Suficientemente multiplicado por relatos dessa espécie, o "rumor" provoca uma certa crença na possibilidade que algumas pessoas têm de, por vezes, abandonar seus corpos e se mostrar em lugares onde não estão. Essa pode ser a origem de grande parte do folclore recolhido por Le Braz e de todos os outros folclores do mundo. Daí ao *chaman* não há mais do que um passo. É o suficiente para que a crença no *chaman* comece a parecer justificada e que o fenômeno possa ser obtido à vontade, não apenas por uma ocorrência raríssima e fortuita. O caso seguinte se enquadra nessa ordem.

Provando o transe

Vou relatar duas experiências feitas sob indicações minhas por uma jovem mulher, madame B..., capaz de entrar em transe à vontade, como os *chamans*. Eu não a conhecia pessoalmente. Sabia apenas sua idade aproximada e a descrição com que realizava suas experiências. Apenas 3 ou 4 pessoas tinham conhecimento delas.

Uma dessas pessoas, M. A., participou diretamente das experiências. Nós mantínhamos correspondência sobre questões relativas ao assunto, mas nenhum contato pessoal foi feito. Sabendo que madame B... tinha a impressão, em estado de transe, de "deslocamento", escrevi a M. A. sobre o

que deveria fazer. Disse-lhe que receberia pelo correio um objeto que deveria entregar à madame B... em seu próximo transe. Nesse estado ela deveria "ir ter" com o remetente e descrever tudo o que tivesse observado. Abstive-me de dar qualquer indicação sobre o remetente.

Chamei um amigo, professor numa universidade da Província e pedi-lhe que enviasse a M. A. um objeto de sua escolha, sem qualquer indicação da origem.

Meu amigo me chamou no dia seguinte e avisou que havia remetido um envelope contendo um pequeno cartão branco. A "sessão, foi na sexta-feira seguinte", às 21 horas. Na segunda-feira recebi pelo correio um relatório da experiência. Um esclarecimento: em estado de transe madame B... "escreveu", e quando acordou respondeu a algumas perguntas que M. A. fez, a fim de obter maiores detalhes. Os relatórios das sessões compreendem uma parte escrita por madame B... e uma transcrição do diálogo gravado.

Esse é o primeiro relatório de M. A.:

São 21h30. Coloquei na mão de madame B o objeto recebido. Numa das mãos ela segurava o envelope, na outra a caneta. Para minha surpresa, ela conseguiu retirar um pequeno cartão branco do envelope, sacudindo-o violentamente. Ela deixou o envelope cair sobre a mesa. Ficou durante uns 16 minutos segurando o pequeno cartão branco junto do nariz, do lábio e depois da fronte. Por um momento sua respiração acelerou, depois tranquilizou-se. Às 21h49 sua mão abaixou e ela escreveu:

É um senhor sentado à mesa. Idade respeitável, abundante cabeleira branca. Abundante não é a palavra.

Ela parou de escrever. Mas sua mão pa-

ANEXO F6 – Deslocar sem o corpo

78/As fronteiras da pesquisa

recia hesitar, apesar do ar atento. Por fim ela desenhou, com dificuldade, um perfil. Minutos depois ela acordou. M. A. gravou a conversa que se seguiu:

B: Eu estou acordada, você sabe!

A: Sentiu alguma indisposição?

B: Sim, eu me senti mal. Mas agora passou.

A: Onde você esteve?

B: Entre pessoas que estavam para jantar.

A: Quantas pessoas havia à mesa?

B: Uma senhora. E dois senhores. Além deles havia mais gente, todos adolescentes.

A: Você viu o remetente do cartão?

B: Bem, sim, eu creio que era ele.

A: Como era ele?

B: Eu não sei. Me parece que é um senhor de cabelos brancos. Eu o vi apenas de perfil.

A: Que idade você dá a esse senhor?

B: Uns 60 anos pode ser.

Visão perfeita a longa distância

Quando recebi o relatório, vi que todos os dados conhecidos por mim estavam corretos, sobretudo o cabelo do remetente, que estava curto, mas continuava espesso e bonito à primeira vista. Telefonei ao meu amigo e perguntei-lhe o que fizera na sexta-feira precedente entre 21 e 21h15. Resposta:

— Jantei com minha família e um amigo e ficamos conversando.

Os resultados eram interessantes mas pouco detalhados. Escrevi a M. A. para que repetisse a experiência na sexta-feira seguinte. Na segunda-feira recebi outro relatório: Madame B... (escrito em transe): *Ele lê o jornal num lugar que não me parece o*

mesmo da última vez. Uma mulher entra. Agora ele escreve mas não consigo ver de que se trata. Ele não deixa escapar nada no momento. Será preciso recomençar a experiência (sic).

Ela acordou minutos mais tarde. Interrogada por M. A., acrescentou que teve a impressão de que a entrada da senhora tinha sido por causa de uma preocupação provocada ou relativa a uma criança.

Interrogado, meu amigo não se lembrava com clareza do que fizera, mas provavelmente estivera à mesa conversando com sua família como de costume. Mas com a ajuda de sua mulher, lembrou-se de que naquela noite estivera lendo sozinho no escritório por causa do barulho que seu filho e um amigo faziam com o violão. Sua esposa interrompeu-o por um momento para avisá-lo de que seu filho não faria as lições se o concerto de violão continuasse. Temos nesse relato uma concordância apreciável. Mas aqui, como quase sempre, não nos afastamos do “rumor”. Essas experiências são convincentes para quem faz e acredita nelas. Mas que razões têm para crer?

A convicção não é uma prova. No plano científico o leitor pode argumentar que: Existem pessoas como madame B... que dizem ter a impressão de viajar pelo pensamento, em transe. Outras dizem conhecer casos em que a parte testável dessas asserções tem se revelado curiosamente autêntica. Saber se devo acreditar ou não é uma questão de que no momento não posso afirmar categoricamente, a não ser em função de critérios morais indemonstráveis. Não preciso crer, simplesmente por constatar que sua existência ajuda a explicar o fenômeno histórico e religioso do *chamanismo*, que em si já é suficiente para organizar o rumor

ANEXO F7 – Deslocar sem o corpo

Deslocar sem o corpo/79

em sistema religioso, fato clássico na sociologia das religiões.

Para progredir e fugir à incerteza dos critérios morais seria preciso que os fatos transmitidos pelo rumor fossem controláveis à vontade, isto é, que houvesse *chamans* sob controle experimental dos pesquisadores. É essa com efeito a reivindicação mais sábia do espírito crítico, e nós também a fazemos.

A visão do "chaman" mexicano

É preciso ver com clareza, que esta exigência não pode ser colocada como uma negação antecipada. *Eu não sei se isso é verdade*, jamais significou *eu sei que isso não é verdade*, e ainda menos *eu considero loucos os que querem saber se isso é verdade*. Ao contrário, nós afirmamos aqui que o novo racionalismo consistirá em conduzir sistematicamente a investigação científica, em todos os domínios, particularmente nesse, em que um cientificismo paradoxal exigiria a expulsão por decreto.

Nenhum biólogo publicaria ou mesmo compreenderia pesquisas como algumas feitas pelo professor Gordon Wasson e sua mulher, Valentina Wasson. Há alguns anos uma missão foi enviada para estudar os índios que habitam o Sul do México. Dela fazia parte o casal Wasson. Esses índios possuem uma cultura chamânica. Seus *chamans* entram em transe por meio de cogumelos aparentados ao *Amanita Muscaria*, consumidos segundo ritos precisos, durante as cerimônias religiosas. Observando o *chaman* da aldeia onde estava a missão, Wasson logo percebeu que sob o efeito da substância o *chaman* pretendia descrever o comportamento de indivíduos das aldeias vizinhas ou

mesmo distantes.

Os Wasson controlaram as falas do *chaman* e constataram que tudo se passava, freqüentemente, como se ele presenciasse, em transe, as cenas se desenrolando a dezenas de quilômetros dali. Os Wasson acabariam por concluir que estavam sendo iludidos por um embusteiro e seus cúmplices, se não fossem mais longe. Procuraram levar a experiência ao seu limite. Pediram ao *chaman* que descrevesse o que Peter, seu filho, que ficara nos Estados Unidos a milhares de quilômetros, fazia e como se vestia nesse momento.

Quando retornaram, eles puderam constatar que a descrição do *chaman* sobre seu filho era exata nos detalhes.

O cogumelo utilizado pelo *chaman* dos Wasson foi estudado por um eminente naturalista, conhecido por seus trabalhos nesse campo, o professor Roger Heim, diretor do Museu de História Natural. Seja como for, as observações feitas no México estão no limite da experimentação científica. Não lhes falta, para responder aos critérios mais exigentes, senão uma rigorosa psicologia do cogumelo mexicano: se o *chaman* tivesse explicado a maneira de utilizar a substância, a fim de obter o efeito desejado, apenas alguns frascos gastos em sua compra permitiriam a todos saber se poderiam ou não experimentar o "deslocamento".

É esse conhecimento do fenômeno que ambicionam os pesquisadores americanos ligados ao estudo de substâncias causadoras de fenômenos mentais excepcionais. O biólogo canadense Humphrey Osmond, o escritor Aldous Huxley, na América, Roger Heim na França e muitos outros descreveram os efeitos de certos elementos.

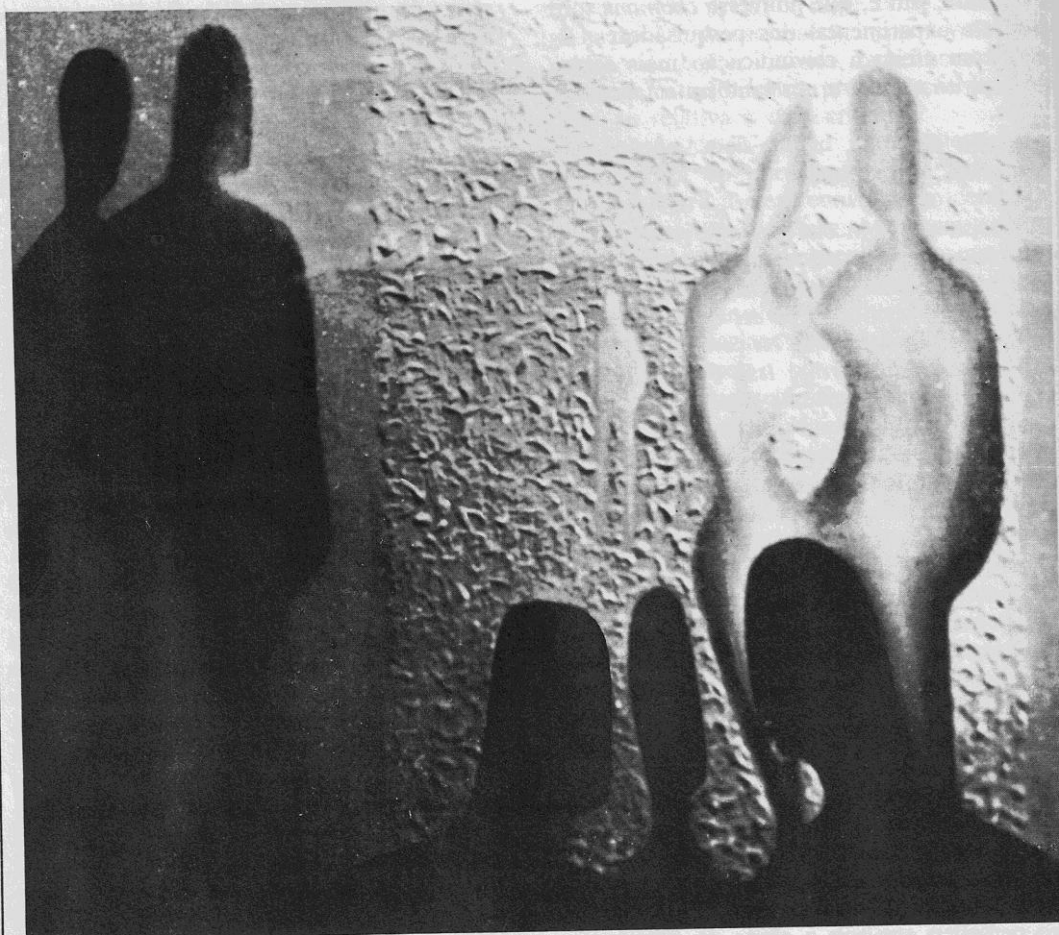
O dr. Puharich conta em um livro como foi

ANEXO F8 – Deslocar sem o corpo

80/As fronteiras da pesquisa

levado a se interessar pelo éter etílico, através da observação de um paciente. Bob Rame, um homem de negócios nova-yorkino de 44 anos, descobriu por si mesmo a força do éter, respirando-o inadvertidamente

em seu laboratório. O éter provoca sono, e como sofria de insônia, Bob adquiriu o hábito de respirar um pouco, todas as noites. Puharich relata que bem cedo o sono assim provocado começou a ser acompanha-



Pintura de Georgein

Deslocar, mas consciente

FONTE: MICHEL, 1973, p. 80.

ANEXO F9 – Deslocar sem o corpo

Deslocar sem o corpo/81

do de experiências muito curiosas, que o paciente, homem realista, interpretou de início como sonhos. Ele tinha a sensação tortuosa de deixar o corpo e se elevar docemente sobre si mesmo. Via-se adormecido no sofá ou na cama, onde seu corpo estava efetivamente a dormir. Nesse suposto sonho, seu espírito permanecia perfeitamente consciente e atento. Ele podia refletir, questionar-se, espantar-se, sem despertar um pouco que fosse. Ele podia deslocar-se ao redor do corpo, atravessar as paredes, o piso entre os cômodos inferior e superior, penetrando nos recantos da casa ou flutuando acima do telhado. O paciente, repito, interpretava essas proezas como uma espécie de sonho sem realidade, mas um sonho estranho, em que ele conservava todo o seu espírito crítico. À parte a ilusão de se deslocar no espaço nenhuma fantasmagoria, nenhuma deformação dos fatos nem das coisas. Durante nove meses, Bob entregou-se a esse insólito passatempo.

Aspirava o éter, adormecia e despertava sem seu corpo. Assim livre, ele vagava longamente num universo sem entrave nem peso; então, sentia-se “chamado”. Perdia a consciência e acordava, agora para o real e para seu corpo. Ao fim de nove meses, um fato novo aconteceu. Ele teve a mesma sensação sem o uso do éter. Em outros termos, ele entrou espontaneamente em transe hipnótico, que já tinha por si mesmo estudado e experimentado os efeitos, junto com sua mulher que sempre o havia assistido. Desta vez constatou que podia também vagar ao longe, no espaço. Após o que lhe pareceu uma longa viagem, encontrou-se numa sala escura. Tomado de uma impressão de mal-estar e dor. Não tinha mais a ilusão de flutuar acima de seu corpo adormecido.

Estava deitado numa cama e seu corpo (ou o que lhe parecia ser seu corpo, em sua alucinação) sofria intensamente. Examinou, mas não reconheceu o lugar onde se encontrava. Notou rostos, também desconhecidos, sobre ele.

As pessoas pareciam felizes por vê-lo acordar. Após um momento de estupor, Bob tentou falar, dizer a elas que não estava assim como imaginavam. Não conseguiu e cheio de pânico perdeu de novo a consciência. Acordou pouco depois e refletindo sobre a alucinação interpretou-a assim: “Eu adormeci e sonhei que acordei em outro corpo, o sonho me assustou e eu acordei realmente”. Percebemos, aqui também, o estranho realismo dessa desventura mental: apesar de sua convicção de ter sonhado, Bob deve convir que seu pseudodespertar no corpo de um moribundo desconhecido mostrou-se com todas as características autênticas e vividas.

Uma outra vez ele acordou no corpo de um bêbado, que os companheiros tentavam sustentar.

Uma estranha coincidência

Até agora nada nessas experiências é passível de controle. Rame é a única testemunha de suas sensações e o seu relatório, a única fonte de estudo. O próprio Rame não tinha meios de saber se o que experimentava correspondia ou não a qualquer realidade. Sabia que nove meses de eteromania haviam, ainda que pouco, transtornado seus mecanismos mentais e podiam ser suficientes para provocar o insólito em seus sonhos.

Puharich e seu paciente procuraram um

ANEXO F10 – Deslocar sem o corpo

82/As fronteiras da pesquisa

teste adequado para desvendar objetivamente a questão. A idéia foi a seguinte: já que o paciente em seu sono acreditava sair de seu corpo e “penetrar” no corpo de indivíduos em estado de consciência atenuada, era preciso encontrar algum desconhecido nessas condições. Pois assim seria possível chegar à autenticidade desse jogo psicológico quadrangular.

Algum tempo depois, Bóris, um amigo de Rame, caiu gravemente doente. Bóris e sua mulher, Lomar, moravam em uma vila numa colina vizinha. Uma tarde, certificando-se de que Bóris estava de cama, Rame entrou em transe cerca de quatro horas e meia. Ele teve a impressão de abandonar seu corpo, numa viagem rápida em direção a uma colina. No momento em que chegou diante da vila, a porta da frente abriu e Lomar saiu, *seguida de seu marido*, Bóris. Rame que em plena consciência diz: *Estou sonhando, esta é a experiência de que precisava, é a prova de que estou em vias de viver uma alucinação sem consistência, já que acabei de ver Bóris com seu casaco e seu chapéu, quando sei perfeitamente que ele está deitado em sua cama.*

A sensação entretanto não era menos real. Lomar, com uma saia e casaco pretos e uma malha vermelha, conversava com o marido. Os dois seguiram em direção à garagem. *Como vinham em minha direção, afastei-me. Pareciam felizes e passaram por mim sem me ver. Eu “flutuava” diante deles e tentava, por sinais, chamar sua atenção, mas sem conseguir.*

Lomar tirou o carro da garagem. Seu marido entrou ao seu lado e partiram. Cada vez mais convencido de que sonhava, Bob “retorna para seu corpo” e acorda. Conversando com sua mulher, os dois concluíram

que a experiência tinha sido negativa. Mas, a fim de comparar o sonho com a realidade, Bob chamou Lomar ao telefone e sem dizer por que, perguntou-lhe o que fizera entre 4 e 5 horas.

— Eu fui ao correio.

— A pé?

— Não, de carro.

— A que horas?

— Eu tirei o carro da garagem mais ou menos às 4h25.

— Bóris ficou na cama?

— Não! Quando Bóris viu que eu ia sair, me disse que um pouco de ar lhe faria bem. Vestiu-se, pegou o chapéu e foi comigo de carro ao correio.

— E como você estava vestida?

— Eu vestia uma saia e casaco pretos e uma malha vermelha.

Tudo coincidia: os fatos, os gestos, as roupas das pessoas, nada havia escapado a Rame. Puharich convenceu-se de que as experiências de “descorporificação”, relatadas há milênios pelos *chamans*, são realmente uma possibilidade da máquina humana.

Consciência das possibilidades

Naturalmente seria temerário pensar que os fenômenos descritos pelo biólogo americano podem ser provocados à vontade, com a ajuda de um pouco de éter etílico. Sem falar em sua autenticidade, devemos notar que todos os que estudam esses “deslocamentos” reconhecem que atualmente não existe um meio seguro de provocá-los. Madame B..., por exemplo, às vezes descreve cenas sem relação com a realidade ou com o que está sendo controlado (mas não é impossível que ela realmente tenha visto

ANEXO F11 – Deslocar sem o corpo

Deslocar sem o corpo/83

o que diz, mesmo quando o controle é enganoso. O professor Tenhaeff, de Utrecht, descobriu uma espécie de visão simbólica que mostra o mar em vez de um campo de trigo, um animal absurdo em vez de alguém que detestamos etc.).

No caso de Rame, é certo que o éter teve o papel de motor, levando o paciente a tomar, artificialmente, consciência de possibilidades pessoais latentes. Essas possibilidades esperam, agora, diante da porta da ciência, que um *experimentum crucis* as introduza no corpo das certezas aceitas ou as interprete de maneira diferente. Minha opinião pessoal, após dois anos de contato, é que, por um lado, o fenômeno manifesta qualquer coisa extremamente importante, e por outro, que as interpretações propostas pecam, ainda, por um excesso de ignorância.

O que sabemos dos limites do pensamento?

Como podemos negar as proezas de um Rame, quando tudo indica que o homem ainda não descobriu o uso adequado de seu cérebro? Quanto à importância desses fatos, se não são realmente tão verdadeiros como acreditam aqueles que os têm estudado, para os acreditar devidamente é preciso considerar que eles não se limitam a abalar a idéia que temos do homem. Revelam um outro aspecto do universo físico que a ciência atual ainda não permite entrever. Tomemos ao pé da letra, a título de experiência lógica, as palavras daqueles que dizem ter experimentado a “descorporificação”.

Quando Bob Rame se encontra cara a cara com seus amigos e eles não o vêem, “o que

é isso exatamente”? Inútil dizer, como os velhos filósofos, que é a “alma” ou o “espírito” do sonhador que se encontra lá. Nem a alma nem o espírito, como são definidos nos tratados, interceptariam uma irradiação eletromagnética. E, se “aquela coisa” que lá estava não podia, de um modo ou de outro, interceptar os raios emitidos pelos corpos de seus amigos e objetos próximos, essa “coisa” nada teria visto, simplesmente. Esse fenômeno nada tem a ver com o “olhar da alma”. E que “alma” é essa que tem o senso das dimensões, das cores, do alto e baixo etc.? Por que a alma de Bob Rame veria as massas macroscópicas descritas, *antes* dos átomos e partículas que as formam? Mesmo com o risco de iludir os leitores, eu diria que a ciência só pode começar atendo-se a esses gêneros de questões humildes mas necessárias. O que buscamos é uma elucidação *científica*. Falar de alma ou espírito nessa perspectiva é não falar nada. Se suas experiências são autênticas, Bob Rame, madame B..., Alma Radberg e outros têm praticado a “descorporificação”, têm visto objetos físicos, a cor de um vestido, a forma de um rosto, os gestos de uma pessoa. Então se existe a cor de um vestido, existem também mil outras características desse vestido, além dessa extensão linear aparente a que chamamos cor.

E, se me dizem que eu não considero a realidade objetiva, mas a impressão subjetiva que ela me provoca, eu responderia que essa impressão é resultado de uma causa física precisa, determinável, mensurável, sujeita à experimentação. Nos casos relatados no decorrer desse artigo a única pergunta que nos interessa é: “Qual a causa física”? O resto não é senão palavrório. Claro, nada é mais pretensioso do que anunciar

ANEXO F12 – Deslocar sem o corpo



FONTE: MICHEL , 1973, p. 84.

ANEXO F13 – Deslocar sem o corpo

Deslocar sem o corpo/85

“explicações”, que não são acompanhadas de nenhuma medida nem de nenhuma experimentação.

Os que acusam os cientistas de pecar pela imaginação, sob o pretexto de que eles vêm sem ter os fatos, ignoram que, na realidade, para chegar ao fato sólido, eles devem ensaiar, modelar, rejeitar, retomar com vezes cem teorias e hipóteses, todas igualmente satisfatórias *a priori*, até que uma finalmente se preste ao controle experimental. Esse é o privilégio real da ciência. O sábio atinge um fim que é seu triunfo próprio e que ninguém lhe pode tirar: ele é capaz de reproduzir o fenômeno em laboratório.

A origem misteriosa da consciência

No caso preciso do “deslocamento”, reconhecemos que nenhuma teoria com qualquer valor científico (isto é, passível de controle) foi ainda proposta. Pior: é preciso considerar que os fatos, se são tão reais quanto parecem, estão no nível da consciência psicológica, onde a ciência ainda não chegou. No momento, nossa única esperança é que a consciência psicológica nos prove cotidianamente, pela experiência irrecusável que possuímos, a existência de um fato impossível de ser apreendido atualmente pela física, química etc.

Sabemos muito pouco “como” pensamos, mas estamos tão distantes quanto o homem das cavernas de *saber como é que nós pensamos*. Se é verdade que certos homens têm, por vezes, a impressão, confirmada pelos fatos, de “deslocamento”, deve tratar-se de um fenômeno cujas raízes estão na própria origem ainda misteriosa da consciência. E, porque esse fenômeno se desenvolve no es-

paço das cores, das formas e dos sons, é bem certo que se trate de qualquer coisa física.

Voltemos, agora, à questão fundamental: esta “qualquer coisa”, que pode deixar um corpo adormecido, o que é realmente? Como se insere na trama das partículas que formam tudo que existe? Se algum dia os neurofisiologistas e os farmacotécnicos colocarem em pauta a substância do *chaman*, deveriam os físicos construir uma nova teoria da matéria e do espaço?

Parece bem claro, em todo o caso, que o cerne do problema situa-se neste nível e que a natureza profunda do espaço seja questionada. Se uma coisa pode estar simultaneamente em dois lugares diferentes, o que chamamos “objeto”, não é, sem dúvida, o que acreditamos.

A necessidade comum a todo objeto de ser limitado no espaço não pode ser tão rigorosa quanto a imaginamos desde Descartes. Certas relações entre pontos afastados do espaço não têm a clareza geométrica que a experiência cotidiana nos leva a lhes atribuir. Não podemos esquecer que toda a teoria da relatividade está fundada sobre a análise da idéia de simultaneidade a distância, ou seja, sobre o fato de que não existe simultaneidade a distância. Esse é um conceito ilusório. Eu sei de eminentes cientistas físicos aos quais esses problemas interessam por razões estritamente profissionais.

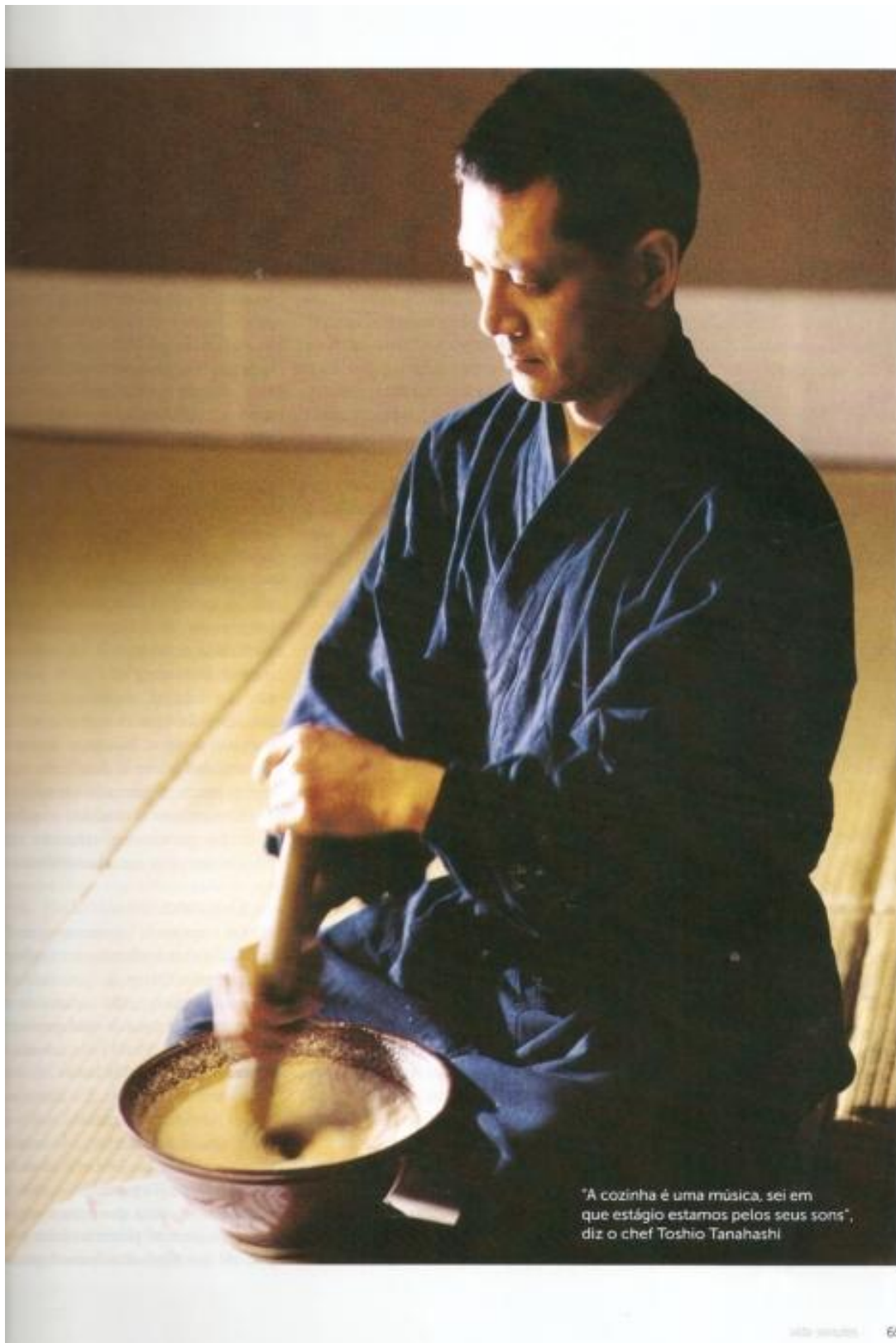
A física teórica experimental, com uma dramática acuidade, a necessidade de obter uma visão unitária dos fatos. Os físicos acreditam que os fatos revelados pela parapsicologia podem ser um passo muito significativo. ☼

ANEXO G – Comida zen estresse



FONTE: ALVES, 2010, p. 64.

ANEXO G1 – Comida zen estresse



FONTE: ALVES, 2010, p. 65.

ANEXO G2 – Comida zen estresse



COMER

Convidado ilustre

Até aquele instante, não sabia que estava diante do grande Toshio Tanahashi, o proprietário do mítico Gesshinkyo, o único restaurante de Tóquio que reproduzia com total rigor a elaborada comida dos mosteiros zen japoneses e que funcionou até 2007. Primeiro porque esperava que Tanahashi fosse bem mais velho (tem 49 anos, mas parece ter menos de 40). Depois, como havia outros chefs de origem japonesa por ali, não tinha certeza de quem era quem. Em busca de desesperado auxílio, meus olhos bateram no primeiro sorriso que vi entre os dez homens que dividiam a bancada da cozinha do restaurante Kinoshita onde Tanahashi veio cozinhar por um único fim de semana. O rosto sorridente era de Bjorn, um jovem sueco que foi subchefe do célebre Alex Atala, mas que já está há mais de um ano no Kinoshita. Bjorn está ali com outros profissionais consagrados de outros restaurantes japoneses de São Paulo, como um humilde aprendiz de Tanahashi. Como o consagrado chef e proprietário do estrelado Kinoshita, Tsuyoshi Murakami, que completava a simpática ala direita da bancada. Foi dele a ideia e o convite para que Tanahashi viesse mostrar no Brasil como é feita a refinada comida dos mosteiros zen do Japão.

Com um enorme dragão tatuado no musculoso braço, Tsuyoshi Murakami rodava o pilão no almofariz esmagando os grãos num único ritmo, a mesma tarefa de todos por ali, executada como uma meditação. Mas, convenhamos, 40 minutos esmagando sementes produz uma dor lanci-

nante no braço. "A vida não tem valor sem sofrimento", diz Murakami num sorriso aberto. Falante, apreciador de óperas e árias – que canta de cor –, esse japonês com alma carioca faz de tudo para não mostrar suas sensações dolorosas. Pelo visto, esse parece ser o objetivo de todos por ali.

Temos dez homens rodando o pilão no almofariz e Tanahashi sabe quem sai do ritmo, quem perdeu o *ki*, sem olhar para eles. Ao notar o músico que atravessou o compasso, dirige-se a ele sem falar palavra. É o suficiente para o moço se apressar de novo e retomar a batida.

Regente de sabores

Pergunto a Tanahashi – que agora se revela como o grande maestro da cozinha – como ele faz para perceber quem saiu do ritmo sem olhar para os lados. Ele sorri. Está contente com a minha observação. E conta seu segredo. "É pelo ouvido", revela. O almofariz de cerâmica japonês tem ranhuras no fundo e, pelo som do pilão passando por elas, ele é capaz de perceber quem desandou na tarefa. "A cozinha toda é uma música, sei em que estágio estamos pelos seus sons." Ele está com os cinco sentidos ligados com as mãos: o tato. Por isso, a atenção nos cheiros e perfumes da preparação: o olfato. E a integração dos cinco sabores no mesmo prato: o paladar. Sem esquecer a visão.

Tanahashi se dirige para o balcão para escrever, em japonês, o menu daquela refeição. E cada uma delas é única, segundo a instrução zen. Nada será reaproveitado. À tarde, o ritual se

iniciará do zero, com o mesmo movimento do almofariz, o mesmo corte apuradíssimo dos legumes, a mesma passagem de purê de mandioca e de manga pelas finas peneiras de madeira e crina de cavalo. "A vida é sempre nova, não é? O espírito do almoço não pode ser o mesmo do jantar", ele me diz. A manhã é para levezas diáfanas. O jantar, para requintes. Intuitivamente, todos nós sabemos disso. Mas Tanahashi parece trabalhar com um tempo que parecemos não ter. Sua sensibilidade é tão apurada que ele afirma ser capaz de falar com os vegetais e sentir, de maneira peculiar, sua vitalidade e formas. E há todo um preparo para abrir essa outra percepção. De manhã, medita à maneira zen. Depois lava o corpo com dez conchas de água fria, para despertar os sentidos. Varre o chão para esvaziar a mente. Pega cada utensílio de cozinha com total atenção, enquanto o corpo permanece relaxado. Aos poucos, torna-se uma parábola.

O sumo do sumo

Os caracteres japoneses que Tanahashi vai desenhando no cardápio feito à mão falam de preciosidades gastronômicas que são capazes de encher a boca de água de qualquer mortal. Meu Deus. São 11 da manhã, já estamos há quase três horas ali, e estou morrendo de fome. E o almoço só vai ser servido à 1 da tarde. Mas o espírito zen encarnado naquele homem abre uma exceção. Embora só trabalhe com vegetais e produtos orgânicos, Tanahashi mostra que não é rígido. Um providencial peixinho frito passa por ali em tigelinhas para tapear a

ANEXO G3 – Comida zen estresse

A cozinha zen preza pela integração dos cinco sentidos no preparo dos alimentos

fome de todos (mas ele não come). Tanahashi também soube incluir com criatividade produtos da terra encontrados no Mercado Municipal de São Paulo, como manga e quiabo, principalmente. Lembro que, antes de ter vivido três anos em um mosteiro aprendendo a comida shojin ryōri, ele era um publicitário. Foi justamente para resolver um dilema profissional que ele largou tudo para viver a vida monástica: acreditava que não poderia falar verdadeiramente com seu público se não soubesse realmente qual era a quintessência da alma japonesa. Como adorava cozinhar, achou que as panelas de um mosteiro poderiam responder às suas perguntas. Acertou.

Pergunto a ele, então, a que conclusão ele tinha chegado, se poderia resumir numa só palavra o espírito japonês. Bom, o que estava pedindo era, nada mais, nada menos, que Tanahashi revelasse o resultado de toda sua vivência de anos e anos, tanto no mosteiro como em seu restaurante, e que me desse essa informação de bandeja. Ele se divertiu com a pergunta, mas respondeu: "O espírito japonês pode ser resumido numa só palavra: dedicação." E suas extensões naturais: humildade, zelo, cuidado, serviço. Perfeito. Não é à toa que Toshio Tanahashi é tão incensado por seu Zecoo Culinary Institute, onde hoje ele ministra seus cursos.

Sua revelação me amplia o olhar. Observo agora que Chisato Ino, a sommelière de saquê vinda de Tóquio, verifica cuidadosamente a transparência de cada copo de cristal nas mesas e armários. Com quimono e uma redinha no cabelo, a badalada

profissional exercia a humilde tarefa de conferir a limpeza dos vidros. Mais adiante, testemunho Murakami, o grande chef do estrelado Kinoshita, olhando para a montagem dos alimentos que serão servidos como um embevecido aprendiz. Ali estavam presentes diante dos meus olhos as qualidades essenciais da cultura japonesa encontradas por Tanahashi.

Finalmente, ao serem apresentados no almoço, cada prato desperta uma sucessão de "óó!" nos convidados. Me encantam as fatias transparentes de beringela montadas como sushis com recheios crocantes sobre uma base de purê de manga, o alvo flan de gergelim enfeitado com pétalas de flores e wasabi, os figos com mel na sobremesa. São cinco pratos e todos eles têm um sabor delicado, sutil, marca característica do refinamento.

Verdade essencial

Três da tarde. Chove e é hora de ir embora. Na calçada de paralelepípedos com jardineiras de bambus, sinto-me num filme de Kurosawa. Estou nutrida de beleza, atenção e cuidado, como se tivesse voltado de um almoço na casa de minha mãe. Tudo foi tão japonês, tão zen e, ao mesmo tempo, tão familiar e humano. Havia uma verdade profunda naquela experiência que poderia ser expressa num sentimento único, universal. Uma frase de Tanahashi surgiu como um flash na minha mente e reforçou essa sensação inequívoca de universalidade. Quando perguntei o que tinha achado da gente do Brasil e o que a distinguiria dos japoneses, ele me respondeu, sincero: "Não senti diferença. Não senti diferença". ■

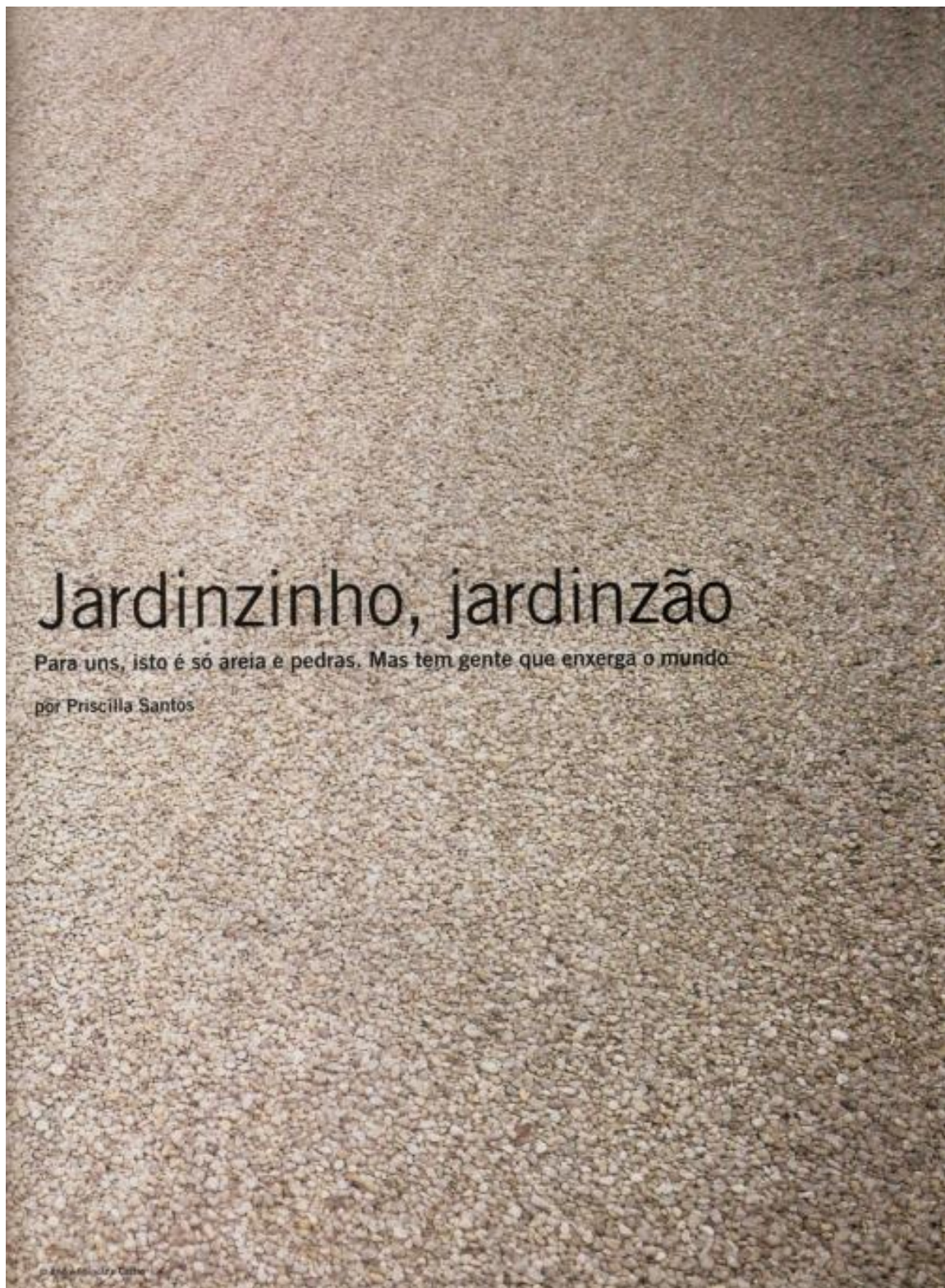


"O espírito japonês pode ser resumido numa palavra: dedicação", diz Tanahashi. Acima, sopa Wan Mono: tomate e abóbora kabochā, acompanhado de quiabo e raiz de lótus frita.

LIVROS

O Zen na Cozinha,
Monja Gyoku En, CLA Editora

ANEXO H – Jardimzinho, jardimzão



FONTE: SANTOS, 2005, p. 39.

ANEXO H1 – Jardimzinho, jardimzão



FONTE: SANTOS, 2005, p. 40.

ANEXO H2 – Jardimzinho, jardimão

paisagem. É meditar com os olhos. Ou simplesmente contemplar.

Impermanência

Logo que chego ao templo Zu Lai perguntando do assunto da reportagem, a mestra Sinceridade me convida a visitar o jardim zen que fica numa área de acesso restrito do mosteiro. Ali, ela pede que eu apague o desenho que havia sido feito pelos aprendizes pela manhã e faça o meu próprio, com o que estivesse na minha cabeça. Na dúvida (e usando o que já havia lido sobre o assunto), passo o rastelo e faço uma reta, que sai meio torta.

Então, a mestra toma o rastelo nas mãos e começa a traçar seu caminho enquanto me revela um segredinho: "Tem que ser devagar, não pode ter ansiedade. Relaxe, preste atenção na respiração e concentre-se totalmente na atividade".

Lembro-me então de quando perguntei ao monge Francisco Handa se arrumar um jardim zen era também um momento de meditação. Com simplicidade, ele me respondeu que não havia diferença entre lavar um banheiro e fazer um jardim. Tudo que se faz num templo é meditação. A mestra Sinceridade já terminava a segunda reta quando me detive no som quase uniforme dos pedriscos sendo puxados pelo rastelo. Sinal de uma velocidade constante que resulta em traços retos, penso eu.

Tento usar a tática na minha vez. Não funciona muito. Comento com a mestra. "É preciso treinamento", diz. Tolerância é um dos três ensinamentos do budismo trabalhados na manutenção do jardim zen. Não é fácil. Às vezes, é preciso assumir que não deu certo e tentar de novo, sucessivas vezes, até alcançar um resultado harmônico. Uma harmonia não só visual, e sim da energia representada ali (o mar, as ilhas, lembra?).

Mas, antes que você desista de vez de ter um jardim zen em casa (sim, dá

para encomendar a um paisagista, no espaço que você tiver), é bom lembrar que ele precisa de manutenção, e isso faz até parte de sua filosofia. Mas não precisa virar tarefa religiosa. O ideal é refazê-lo a cada dia. Mas, se não der, pelo menos tome conta para que não vire um tanque de areia. É preciso tirar uma ou outra grama intrusa, limpar a sujeira e fazer os contornos, usando o rastelo.

Se falta espaço, tudo bem apelar para um jardim zen em miniatura, desses vendidos por aí como peças decorativas (veja uma sugestão na página 72). Por razões óbvias, esses menorzinhos não servem como um espaço de contemplação, mas quebram um galhão num momento de desequilíbrio. Numa hora de raiva ou tristeza, saque o rastelinho e desenhe o que passar pela mente. Sempre com atenção plena na atividade, porque concentração é fundamental para a manutenção de um jardim zen. É com ela que se conseguem traços harmônicos intuitivos, não racionalmente calculados.

Não bastasse tudo isso, aquele punhado de areia e pedras ensina ainda que nada é permanente, tudo é dinâmico, pois a cada vez que bate um vento ou se passa o rastelo o jardim é outro. Foi o que aprendi no mosteiro quando, absorta com o rastelo, me detenho ao perceber que vou atropelar o desenho que a Mestra acabara de fazer. Ela me olha e sorri. "Passe por cima. Um faz, o outro desmancha e refaz. O jardim zen está sempre sendo construído." ■

PARA SABER MAIS

LIVROS

The World of the Japanese Garden,
Lorraine Kuck, Weathermark
Gardens of Gravel and Sand,
Leonard Koren, Stone Bridge Press

SITE

www.templozulai.com.br, Templo Zu Lai
www.sotozen.org.br, Comunidade
Budista Soto Zenshu

ANEXO I – O que é meditação cristã?

respostas SAIBA MAIS SOBRE TUDO por Yuri Vasconcelos



O que é meditação cristã?



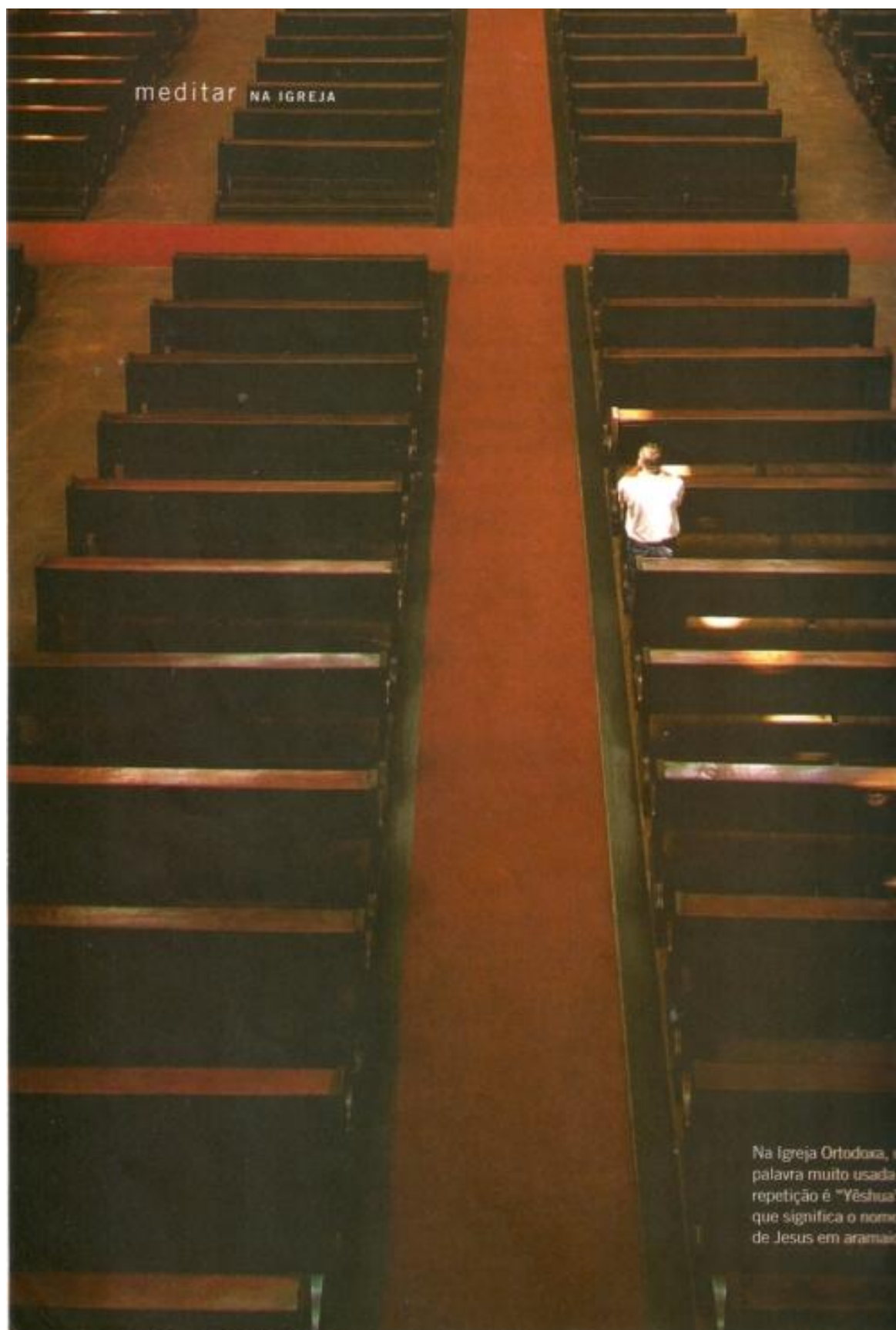
16 vida simples

É uma forma de oração em que a pessoa que está rezando busca as condições de silêncio, quietude mental e concentração – o objetivo de qualquer meditação – mas com o intuito de encontrar a presença de Deus. “A meditação cristã é uma tradição muito antiga, que remonta aos primeiros séculos da era cristã”, afirma Carlos Siqueira, dirigente da Comunidade Mundial de Meditação Cristã no Brasil (www.wccm.com.br). “Uma das primeiras referências à meditação cristã pode ser encontrada em escritos deixados por monges que viviam no deserto do Egito no século 4”. Segundo Siqueira, a meditação cristã é muito parecida com a meditação tradicional.

A pessoa deve buscar um local tranquilo, sentar-se ereto e fechar os olhos. Relaxado, mas em estado de alerta, o praticante deve repetir uma palavra, como se fosse um mantra. Os adeptos da meditação cristã recomendam o termo aramaico “maranatha”, uma das mais antigas palavras-oração na tradição cristã, que significa “Vem, Senhor”. O ideal é que a meditação seja feita duas vezes ao dia, em sessões de 30 minutos. “O que difere a meditação cristã de outras, como a budista, é a fé do meditante em Cristo e não em Buda”, afirma Siqueira. Boas dicas de leitura são os livros *Meditação Cristã* e *Prática Diária da Meditação Cristã*, ambos da editora Paulus.

FONTE: VASCONCELOS, 2005, p. 16.

ANEXO J – Mantras do cristianismo



FONTE: ALVES, 2005, p. 62.

ANEXO J1 – Mantras do cristianismo

Mantras do cristianismo

A meditação também faz parte da tradição cristã, embora tenha se distanciado dos fiéis ao longo dos séculos

por Liane Alves

A luz dourada difusa pela fumaça do incenso ilumina o rosto do homem que está sentado ao meu lado durante a missa na igreja de São Bento, em São Paulo. De olhos fechados e rosto sereno, ele parece murmurar algo enquanto ouve o suave canto gregoriano dos monges beneditinos. No fim da cerimônia, pergunto o que ele rezava com tanto fervor. A resposta inesperada me deixa com cara de berinjela. "Estava meditando. Meditando dentro da tradição cristã." Como assim, meditando dentro da tradição cristã? Meditar não é monopólio dos budistas, dos hinduístas? Como ninguém nunca me falou disso antes? Fiquei com a impressão de que havia uma festa em algum lugar e tinham esquecido de me convidar.

Há oito anos, quando isso aconteceu, minha ignorância sobre o assunto era considerável. O pior é que, sem saber, estava perdendo o que de melhor o cristianismo poderia oferecer ao meu coração, ainda católico, mas já impregnado pela visão budista do mundo. Naquele momento desconfie de que estava para começar um caminho novo ali, pouco conhecido, mas que alguns buscadores espirituais de coração sincero já haviam trilhado anteriormente. Resolvi ir atrás dele.

O primeiro livro que encontrei sobre esse assunto tem nome tão poético quanto intrigante: *A Nuvem do Não-Saber*. Foi escrito no século 4, provavelmente por um monge beneditino. E o que diz esse belo livro? Que o amor de Deus, como os raios de sol, precisa ultrapassar as nuvens espessas do nosso pensamento para chegar ao coração. Para isso, é preciso deixar-se envolver pela nuvem do não-saber, esse estado vazio do não-pensar. Uma maneira fácil de chegar lá, diz o autor, é repetir uma frase até a mente se tranquilizar. O monge sugere abandonar qualquer tipo de imagem ou pensamento, mesmo o mais fervoroso. E indica: "Tome uma só palavrinha, de uma sílaba (...) Prenda essa palavra ao seu coração, de modo que, aconteça o que acontecer, ela jamais saia dele".

ANEXO J2 – Mantras do cristianismo

meditar

Os primeiros monges católicos já praticavam, mas a palavra meditação acabou virando sinônimo de reflexão racional

Ora, ora, ora. O monginho cristão fala as mesmas coisas que um mestre budista diria ao ensinar meditação por meio da repetição de um mantra. Essa modalidade de meditação, segundo mestres da Índia, é a mais adequada para nossa época, por sua simplicidade e eficácia. Fiquei sabendo depois que, no tempo do autor do livro, uma palavra muito usada era "Yêshua", o nome de Jesus em aramaico, ou "maranata", que significa "Vinde, Senhor", comum ainda hoje. Com a repetição, as palavras se tornam não-conceituais e viram apenas um meio para despertar outra realidade interior.

Durante séculos, desde o tempo dos primeiros monges católicos (entre 300 e 600 d.C.), a meditação fez parte do cristianismo. Era chamada de oração do coração ou, ainda, de oração centrante ou perpétua. Mas, dentro da tradição cristã, quase não se usava o termo "meditação" para designar essa prática contemplativa. Na linguagem cristã, meditação está mais relacionada a reflexão e análise. Ou seja, é um sinônimo de pensamento, e isso pode cau-

sar enganos. Muitas igrejas – evangélicas, na maioria – anunciam grupos de meditação cristã, onde se estudam racionalmente textos bíblicos. Já os grupos que utilizam a oração como exercício meditativo estão mais ligados à Igreja Católica e à Ortodoxa, que sempre preservou essa prática entre padres e monges. Trata-se de uma tradição perdida para os leigos no correr dos séculos e só recentemente recuperada.

Fonte cristalina

Há livros muito antigos que descrevem a meditação cristã, como *Conferências de Abba Isaac*, do século 5. Foi escrito por João Cassiano, jovem buscador que abandonou livros e manuscritos para ir atrás dessa sabedoria. Num monastério longínquo, conheceu o abade Isaac. O velho religioso, que seguia a tradição dos primeiros monges cristãos, descreve com detalhes como rezar – e, mais uma vez, lá está uma descrição clara da meditação. "Talvez surjam pensamentos errantes na minha alma, como o borbulhar da água que ferve, e eu não possa

Pra quem quer começar

O método abaixo é adotado pela Comunidade Mundial de Meditação Cristã. Não é a única prática espiritual cristã que envolve meditação, mas é muito boa para quem quer começar.

- 1 Sente-se numa cadeira com a coluna reta, mas sem tensão. Deixe a cabeça alinhada com a coluna.
- 2 Retraia ligeiramente o queixo, o que ocasionará uma leve inclinação da cabeça.
- 3 Deixe os braços e mãos relaxados sobre as coxas.
- 4 Procure deixar o corpo descontraído, eliminando tensões.
- 5 Sinta o silêncio por alguns minutos.
- 6 Inspire e repita mentalmente a palavra "ma-ra-na-ta" ("Vinde, Senhor"), em quatro tempos: na primeira inspiração, diga "ma"; durante a expiração, fale "ra"; na segunda inspiração, diga "na", e na expiração, "ta".
- 7 Procure centrar seu pensamento nas palavras e volte a elas toda vez que estiver distraído. Comece meditando por 5 minutos e chegue até 20 minutos, pelo menos duas vezes por dia, ao levantar e ao dormir. A prática também pode ser feita durante as atividades do dia. Muitos preferem se ligar a um grupo de meditação – sozinho é mais difícil manter a disciplina.

ANEXO J3 – Mantras do cristianismo

controlá-los nem oferecer preces sem ser interrompido por imagens tolas." Mas, em seguida, vem a solução: "Preciso dizer então: 'Deus, vinde em meu auxílio. Senhor, socorrei-me sem demora'". Com a repetição dessa frase, conta o abade Isaac, "a mente se eleva ao múltiplo conhecimento de Deus, e daí em diante se alimentará dos mistérios mais sublimes e sagrados".

Esse êxtase foi descrito por vários místicos cristãos, como Teresa d'Ávila, San Juan de la Cruz e Meister Eckhart, cujos relatos nos comovem até hoje. Mas, convenhamos, será que isso é coisa para gente como eu e você? Não é algo muito distante de nós?

Como não sabia responder a essas perguntas, um camponês de alma inquieta nascido na Rússia foi atrás de um mestre espiritual que lhe desse um método seguro para sentir Deus no coração. Como muitos de nós, tinha deixado de ir à igreja, pois não conseguia ter a experiência de Deus ali. Haviam dito a ele que Deus é luz clara e pura. "Mas, com a mente agitada, atribulada, como reconhecer essa verdadeira luz?", pergunta. Também falaram que Deus é amor. "Mas como amar?", pensa, aflito. "Tenho a palavra amor nos lábios, mas não sinto seu sabor no coração."

Nesse ponto começa o livro *Relatos de um Peregrino Russo*, publicado em 1884 por um autor anônimo. Na história, o mestre propõe ao peregrino a recitação da oração do coração, vinda da tradição dos antigos monges católicos no Egito. Consiste em sentar-se em silêncio, aquietar a mente e dirigir a atenção ao coração, procurando trazer a respiração ali, sentindo seu efeito. E, ao fazer isso, murmurar ou pensar nas palavras: "Nosso Senhor Jesus Cristo, tende piedade de mim". Como água em pedra dura, a repetição vai amolecendo o coração do peregrino, "aprofundando-se em sua carne". Ele repete as palavras três, seis, 12 mil vezes ao dia. E passa por vários estados, do desconforto e preguiça iniciais às primeiras sensações

de calor no peito, a purificação vinda pelas lágrimas, o sentimento de união com o mundo, a abertura para a paz, até atingir a experiência do amor divino – justamente o que propõem os grupos de meditação cristã hoje.

"O cristianismo reconhece que o pensamento, por si só, é incapaz de ocasionar uma mudança profunda na natureza humana", escreveu Jacob Needleman, no livro *O Cristianismo Perdido*. O autor relata que São Simeão dizia que objetivo fundamental do trabalho espiritual é despertar o coração. "Na verdade, não conhecemos o coração; é isso o que devemos descobrir. Mas esse pormenor quase nunca é considerado em toda a literatura mística cristã", afirma Needleman.

"Todos nós podemos experimentar esses estados de comunhão, às vezes por poucos segundos. Mas é possível senti-los, sim", afirma a professora paulista Beatriz Assunção, que há cinco anos pratica a meditação cristã. Ela repete mentalmente a palavra "maranata" em sessões de 20 minutos de manhã e à noite, seguidos de 10 minutos de silêncio, que ela acrescenta por conta própria. Pessoalmente, prefiro repetir "Yêshua", palavra tida como de grande poder pela Igreja Ortodoxa.

O caminho do Oriente

Por ironia, foi preciso um mergulho no Oriente para que os cristãos voltassem às raízes. Um dos primeiros desbravadores foi Thomas Merton (1915-1968), monge trapista nascido na França, filho de artistas e criado na Inglaterra e nos Estados Unidos. Amigo de filósofos e escritores, Merton foi várias vezes à Ásia e não tinha medo de confrontar suas crenças ao budismo ou ao hinduísmo. Seus livros, em que destaca as práticas contemplativas, fizeram sucesso na primeira metade do século 20.

Seguindo seus passos, o monge beneditino John Main também se perguntou se dentro do cristianismo não existia algo parecido com a meditação

e acabou descobrindo o passado de sua própria religião. Em 1975, fundou a Comunidade Mundial de Meditação Cristã, atualmente em mais de 50 países – Brasil inclusive. O movimento hoje é comandado pelo beneditino dom Laurence Freeman, ex-jornalista dedicado ao diálogo inter-religioso – é dele o livro *O Dalai Lama Fala de Jesus*.

Aliás, a abertura a outras religiões pode ser uma das consequências das práticas contemplativas. "A experiência mística une as religiões porque se refere a um sentimento comum a toda a humanidade. A doutrina, a razão, separa", acredita o padre e filósofo alemão James Heisig, que vive há 20 anos no Japão, onde fundou um instituto que estuda o budismo zen e o cristianismo.

O padre belga Jean-Yves Leloup, da Igreja Ortodoxa, é outro grande nome que, como Freeman, vem frequentemente ao Brasil comandar retiros de meditação. Leloup sabe do que fala quando se refere a experiências místicas. Ele se converteu ao cristianismo depois de uma vivência espiritual marcante na igreja de Santa Sofia, em Istambul. Se ainda não chegamos a esse nível, não tem importância. As experiências no caminho da meditação cristã já são suficientes para tranquilizar a alma e abrir cada vez mais o coração a Deus. ■

PARA SABER MAIS

LIVROS

A Oração Centrante, M. Basil Pennington, Palas Athena
Escritos sobre o Hesicasmo, Jean-Yves Leloup, Vozes
Introdução aos Verdadeiros Filósofos, Jean-Yves Leloup, Vozes
Os Olhos do Coração, Laurence Freeman, Palas Athena
Seis Polegadas Acima da Terra, James Heisig, Loyola

NA INTERNET

Conheça o endereço eletrônico do grupo brasileiro da Comunidade Mundial de Meditação Cristã e páginas em português sobre a oração centrante:
www.revistavidasimples.com.br

ANEXO K – O vazio interior



FONTE: ALVES, 2005, p. 32.

ANEXO K1 – O vazio interior

entendimento

É que a globalização alcançou também a espiritualidade. Até uns 40 anos atrás, o mercado espiritual estava mais para o empório do seu Ernesto. A oferta de produtos era bem modesta, tudo muito tradicional: óleo Salada, bolachas Mabel, paçoquinha Amor. Dava conta do recado, mas era limitado, isto é, os caminhos espirituais estavam restritos às religiões oficiais, constituídas. Você não se lembra de sua mãe ou sua avó saindo para uma aula de ioga ou para fazer um workshop de meditação com um guru oriental, lembra?

Mas aí chegaram até nós religiões e correntes espirituais dos mais variados cantos do mundo. De repente, a oferta se tornou múltipla, diversificada. E, como crianças no bufê de sobremesas, deu vontade de provar de tudo um pouco. Mas essa experiência não é inofensiva. O banquete espiritual pode causar uma congestão do além.

Para que Deus?

Mas por que precisamos de espiritualidade, de algo que não está relacionado diretamente com a sobrevivência, outra coisa além de comer, dormir

e procriar? Para que Deus? Simples: porque precisamos de uma explicação para a vida, um sentido para viver. Um sentido maior do que buscar satisfazer as necessidades básicas. Se há uma diferença entre nós e os outros animais, é esta: somos o único animal que se preocupa com o transcendente, isto é, com aquilo que transcende o que se vê ou, em outras palavras, com a metafísica, aquilo que está além (*metu*, em grego) da realidade concreta e material (física). Ou seja, precisamos de Deus para responder às questões fundamentais: De onde vim? Para onde vou?

A própria vida, com suas dores e atribulações, nos empurra nessa direção. "Diante da morte de alguém muito querido, ou considerando a perspectiva iminente da própria morte, não há como não se fazer essas perguntas essenciais. Um caminho espiritual pode começar exatamente aí", disse Doug Smith, autor do livro *The Tao of Dying* (em português, "O Tao da Morte", inédito no Brasil).

Mas nem sempre a dor indica o caminho. Os primeiros passos do despertar espiritual também podem

ser provocados por um momento belo e transcendente, ou então por um breve contato com o mistério da vida – como um nascimento. Até mesmo um lugar muito especial, como um templo ou um local da natureza, pode despertar nosso coração para a espiritualidade.

O fato é que, mais cedo ou mais tarde, esse anseio aparece. Pela quantidade de produtos à disposição no mercado espiritual, parece que esse hora chegou para muita gente – inclusive para você, se me acompanhou aqui. Mas como satisfazer esse anseio em meio a tanta informação? Onde encontrar a paz espiritual? Não badalado budismo? Entre os cada vez mais numerosos evangélicos? Ou a religião em que você foi criado? Bem, isso cada um é que escolhe. Mas existem alguns cuidados que podem orientar essa escolha.

Para onde ir?

O primeiro deles é perguntar para que direção aponta seu anseio espiritual. O que você está buscando? O mestre tibetano Chögyam Trungpa



ANEXO K2 – O vazio interior

Todas as religiões trazem a mesma mensagem. O que você procura pode estar na crença em que foi criado

Rinpoche, em seu livro *Além do Materialismo Espiritual*, diz que as pessoas se aproximam das diversas tradições espirituais com dois propósitos. O primeiro, considerado saudável, é ampliar sua compreensão sobre a vida. O segundo, não tão desejável mas cada vez mais comum, é o desejo de colecionar. O colecionador, diz Trungpa, está ancorado na avidez, no desejo de ter mais e na desconfiança de que está perdendo alguma coisa se não provar de tudo. Em outras palavras, ele se comporta como um consumidor compulsivo.

Trungpa descreve o comportamento do colecionador. Sua atenção é sempre atraída pelo que é exótico. Assim, vai acumulando, sem tentar relacionar as coisas entre si, sem compreender. Essa mentalidade, diz ele, é que orienta o materialismo espiritual – que é o desejo de juntar para ostentar para os outros. Nesse sentido, quanto mais sofisticado e diferente o produto, melhor. Fitinhas, talismãs, iniciações, crenças, doutrinas ou religiões podem fazer parte dessa coleção. Chögyam Trungpa tinha tal horror desses colecionadores espirituais que

abdicou de vestir os hábitos monásticos no Ocidente, só para não ser apresentado em festinhas como uma peça rara, "o meu amigo monge tibetano".

Sogyal Rinpoche, outro mestre do Tibete, que cunhou a expressão "supermercado espiritual", diz que, em sua busca, o colecionador corre perigo, sem saber. "Todos os grandes mestres de todas as tradições concordam que o essencial é seguir um só mestre e um só caminho, seguindo uma tradição com todo seu coração e mente", disse ele. "A ideia moderna de que podemos manter todas nossas opções sempre em aberto e de que nunca temos de nos comprometer com nada ou ninguém é uma das maiores e mais perigosas ilusões de nossa cultura e uma maneira efetiva de o ego sabotar nossa busca espiritual." Forte, não?

Lia Diskin, co-fundadora da Associação de Estudos Filosóficos Palas Athena, de São Paulo, concorda. "Muitas pessoas simplesmente perdem o equilíbrio mental com tanta mistura. Os consultórios de psicólogos estão cheios de pessoas desorientadas

com a própria busca", diz ela. Então, já temos o ponto dois de uma busca mais equilibrada: antes de pular na piscina, é preciso saber se tem água. Em outras palavras, antes de abraçar uma linha espiritual, é preciso saber muito bem o que ela propõe e quem a orienta. E só depois segui-la com todo o coração.

O certo e o errado

A espiritualidade cumpre outra função importante em nossas vidas. Ela é uma bússola moral, é o que orienta as lições passadas por nossos pais sobre o que é certo ou errado, diz o pensador americano Ken Wilber, ele mesmo um buscador espiritual e autor de 22 livros sobre a integração do pensamento ocidental com o conhecimento de todas as tradições vindas do Oriente. Se nossos pais foram budistas, cristãos ou judeus, nos passaram valores que, segundo aquelas linhas espirituais, definiam o que podia e o que não podia ser feito. Às vezes, perdemos a referência religiosa desses valores, mas eles estão lá e nós os respeitamos, mesmo que não acreditemos em ir para o céu ou para o inferno.



FONTE: ALVES, 2005, p. 34.

ANEXO K3 – O vazio interior

entendimento.

Segundo Wilber, a procura frenética e sem critérios por diversos caminhos espirituais pode levar à perda da bússola moral interna. Ou seja, as pessoas ficam sem saber o que é bem, o que é mal, tarefa que as religiões sempre se esmeraram em pontuar. Muita gente simplesmente perde o chão e segue correntes que violentam seus princípios. E não há nada mais nocivo ao espírito que fazer algo que vai contra o que se acredita ser o bem. Eis um terceiro conselho, portanto: tenha em mente seus próprios valores. Pense bastante antes de abdicar deles e, se for o caso, faça isso de maneira bem consciente.

Uma verdade só

Arnaldo Bassoli é psicoterapeuta junguiano e professor da Associação Palas Athena, de São Paulo, mas tem outra atividade que o coloca em contato com grandes mestres da tradição budista: é um dos mais requisitados tradutores simultâneos de inglês de São Paulo. Nessa posição privilegiada, recebe os mais altos ensinamentos dessa tradição. Mas ele, no fundo, ain-

da é católico. Sente-se bem no silêncio da comunhão e tem forte ligação com as figuras de Cristo ou Maria. Houve um tempo em que sua atividade como tradutor o perturbou muito. Hoje não é mais assim. "Os verdadeiros ensinamentos espirituais falam da mesma coisa, de jeitos diferentes. São vertentes de uma mesma montanha que vão dar num único cume", diz ele. Ponto quatro, então: reconhecer que as linhas espirituais contêm aspectos de uma verdade única.

Arnaldo conta que o Dalai Lama, ao ser convidado para um encontro inter-religioso, ficou horas batendo nessa tecla, sem conseguir convencer todos os presentes. No dia seguinte, chegou vitorioso com uma tradicional tanka tibetana, uma tela pintada à mão em que habitualmente se retratam figuras de budas e seres iluminados. Em seu centro, a tanka representava a Sagrada Família, com Jesus, Maria e José.

Raiz espiritual

O professor Marcos Rojo, de São Paulo, vai além. Criado na fé cristã, à qual ele continua ligado, Marcos dá

aulas de outra linha espiritual, a ioga, e está em contato direto com a sabedoria hinduísta. "O próprio hinduísmo não considera muito a possibilidade de conversão. Se uma pessoa nasce em determinado país, de uma determinada tradição, é porque suas lições cármicas estão ali", diz o professor. Isso não quer dizer que ele não acredite que uma pessoa possa realmente trocar de religião. "Mas os estratos mais profundos da sua psique vão registrar sempre a espiritualidade que ela viveu na infância", diz Marcos. "Num momento de crise, como num assalto, é possível que ela chame mesmo por Nossa Senhora, se ela fizer parte das suas devoções infantis", complementa o psicoterapeuta Arnaldo Bassoli. Não despreze suas raízes espirituais é o quinto ponto de nossa lista.

Num determinado nível, tais raízes ainda o influenciam, mesmo que você troque de religião. Sou testemunha disso. Uma vez, ao presenciar uma cerimônia espiritual assustadora, a única coisa que conseguia repetir baixinho era: "Ai, meu Jesus Cristinho, onde é que fui amarrar minha égua?"



FONTE: ALVES, 2005, p. 35.

ANEXO K4 – O vazio interior

A religião é o que está por trás do que achamos certo ou errado. Trocar de crença pode descalibrar a bússola moral

O que é bom para quem

O indiano Ravi Ravindra é um dos mais respeitados professores de religiões comparadas do mundo e autor do livro *Yoga do Cristo*, um poético estudo comparativo entre o Evangelho de São João e o texto indiano *Bhagavad Gita*. Ele diz que existem religiões ou linhas espirituais adequadas para cada tipo de homem – o nosso ponto seis.

Aqueles mais ligados ao mental vão procurar religiões ou doutrinas que respondam com detalhes às suas perguntas sobre o significado da vida, a estrutura do Universo, ou que tracem uma análise elaborada da psique humana. O budismo poderia ser um desses caminhos. Quem é mais emocional vai procurar práticas em que a emoção e o fervor sejam a base dos ensinamentos. As igrejas evangélicas, o cristianismo carismático e algumas vertentes do hinduísmo e do islamismo poderiam servir como exemplos. Aqueles mais ligados às sensações físicas poderiam se dar bem em linhas espirituais que usem o corpo, o canto e a dança, como as religiões afro-brasileiras, por exemplo.

Aprofundamento

Ravindra diz ainda que dentro de cada religião existem níveis internos diferentes. No cristianismo, por exemplo, pode ir dos sermões simples do padre da sua paróquia aos textos profundos e místicos de Meister Eckart, San Juan de la Cruz e Tereza d'Ávila. "Às vezes uma pessoa desiste da própria religião porque não consegue acessar esses níveis mais profundos, não sabe sequer que eles existem", diz Ravindra. Em outras palavras, é preciso querer fuçar muito, mesmo dentro de nossa própria religião, para se receber algo especial em troca. O desejo de se aprofundar cada vez mais na linha escolhida, portanto, é o ponto sete da busca equilibrada.

Sossegue o facho

Uma vez, um sacerdote taoísta me disse uma frase que me marcou muito, baseada no texto do *Tao Te King*, o "Tratado do Caminho da Virtude", escrito pelo sábio chinês Lao-tsé há 3 200 anos. "Quem cava muitos poços rasos nunca vai conse-

guir extrair água de lençóis profundos." Isto é, tem uma fase, sim, em que se pode procurar muito, em todos os lugares. Nesse período de busca, o que vale é a honestidade consigo mesmo. Perguntar-se: "Esse caminho é realmente o que estou procurando?" Depois de um certo tempo, é bem mais saudável que se ache um porto e se lance âncora. O último ponto importante a considerar na sua busca espiritual. Dito isso, pode ir em frente. O risco de se machucar ou se perder no meio do caminho diminui muito. ■

PARA SABER MAIS

LIVROS

Além do Materialismo Espiritual, Chögyam Trungpa Rinpoche, Cultrix

A Arte da Peregrinação,

Phil Cousineau, Summus

Em que Creem os que Não Creem,

Umberto Eco, Record

O Livro Tibetano do Viver e do Morrer,

Palas Athena

Yoga do Cristo, Ravi Ravindra, Teosófica

VIDEO

Encontros com Homens Notáveis,

direção de Peter Brook

